



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

NAIR RENATA AMÂNCIO

REVISTA TEXTO DIGITAL
UM ESPAÇO PARA A LITERATURA DIGITAL BRASILEIRA

São Carlos – SP
2021

Nair Renata Amâncio

Revista Texto Digital

Um espaço para a literatura digital brasileira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos de Literatura.

Linha de Pesquisa: Literatura, linguagens e meios.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha.

São Carlos - SP

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Nair Renata Amâncio, realizada em 02/07/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha (UFSCar)

Profa. Dra. Manaira Aires Athayde (UC)

Profa. Dra. Lucia Tennina (UBA)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura.

A literatura não se situa em um nada a-histórico, mas nessa enunciação poética que desafia a prosa mutável do mundo.

Néstor García Canclini. *O mundo inteiro como lugar estranho* (2016)

A Flávio Komatsu, pela parceria na vida e na literatura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo o meu coração, com toda a minha admiração, carinho e respeito a minha orientadora Prof. Dr. Rejane Cristina Rocha por dividir esse processo comigo. Agradeço ainda por me ensinar com toda a dignidade e humildade do mundo a beleza e a alegria do saber.

Agradeço às professora Manaíra Athayde e Lucía Tennina pela generosidade com este trabalho e também com o meu processo de aprendizagem em tempos pandêmicos. As contribuições de vocês para a finalização deste trabalho foram imensas – não poderia estar em melhor companhia nesse processo.

Agradeço a Luciana Salazar Salgado por todas às vezes que pudemos pensar alto juntas. Que nossa prosa possa sempre continuar.

Se quem tem um amigo tem tudo, eu nem sei dizer o que tenho. Obrigada por me ensinarem a esperança e a alegria nesse momento tão difícil que nosso país atravessa: Julia de Mello, José Augusto, Amanda Guethi, Rejane Rocha, Natália Cristina, Arthur Dias, Jaqueline Borges, Nayara Meneguetti, Nélio Silzantov, Raquel Mariane, Carol Laureto e Ana Farche. Com vocês eu sempre tenho vontade de sorrir e repartir sorrisos.

Agradeço à Terumi, Eliane e Takami pelo lar cheio de afeto, amor e acolhida.

Agradeço à equipe do *Observatório da literatura digital brasileira* - grupo de pesquisa mais lindo do Brasil - por fazerem da pesquisa uma prática coletiva. Encarar a experiência da literatura digital com vocês é um privilégio.

Agradeço ao *Programa de Pós-graduação em Estudos de literatura* e ao grupo de pesquisa *Literatura e tempo presente* pelo apoio e amparo nesse processo tão cheio de aprendizados e desafios.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe e ao meu irmão, por sempre terem batalhado por mim e pela minha existência. A Juliana Viana por acreditar em mim e na minha capacidade de crescer.

Agradeço a todos que, assim como eu, resistem ao lado da educação pública.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Acompanhar uma literatura em sua complexidade significa atentar para os diversos mecanismos que engendram seus processos de produção, circulação, recepção e possível institucionalização. Assim, dedicamo-nos a compreender uma etapa significativa da valoração de qualquer literatura: a crítica literária institucionalizada. Por meio da análise da *Texto Digital* único periódico brasileiro institucional que se dedica às discussões relativas à literatura e a tecnologia, publicando, além de artigos e ensaios de cunho teórico-crítico, criações digitais descrevemos e analisamos a produção crítica institucionalizada publicada pelo periódico entre os anos de 2004 e 2018. Por meio das análises, objetivamos compreender o modo como a produção crítica sobre literatura digital vem se configurando na sua relação com a técnica. Enquadramos o estudo na perspectiva teórica de Itamar Even-Zohar (2017), que possibilita o entendimento do literário como uma atividade complexa, englobante de diferentes fatores. A análise possibilitou o desnudamento do papel exercido pela *Texto Digital* ao publicar, veicular, divulgar e armazenar tanto produtos artísticos quanto produção crítica sobre a literatura digital. Para tanto, mobilizamos as discussões propostas por Gainza (2016, 2018, 2020), Rocha (2014, 2016, 2018, 2019), Kozak (2014, 2018) e Flores (2016, 2019, 2021) sobre as especificidades da literatura digital no contexto latino-americano. Ressaltamos que essas reflexões são desenvolvidas no cerne do grupo de pesquisa *Observatório da literatura digital brasileira* e se inserem no contexto das discussões fomentadas pelo projeto *Repositório da Literatura Digital Brasileira*, (CNPq – 405609/2018-3).

Palavras-chave: Revista Texto Digital. Literatura digital Brasileira. Crítica literária. Humanidades digitais.

RESUMEN

Acompañar una literatura en su complejidad significa atentarse para los diversos mecanismos que engendran sus procesos de producción, circulación, recepción y posible institucionalización. De esa manera, nos dedicamos a la comprensión de una etapa significativa en la valoración de cualquier literatura: la crítica literaria institucional. Por medio de un análisis de la *Texto Digital*, el único periódico brasileño institucional que concentra discusiones relativas a literatura y a las nuevas tecnologías desde su creación, publicando además de artículos y ensayos teórico-crítico “Creaciones digitales”, describimos y analizamos la producción crítica publicada entre los años de 2004 y 2018. Por medio del análisis objetivamos comprender el modo como la crítica de literatura digital se está configurando en su relación con la técnica. Realizamos el estudio bajo la perspectiva teórica de Itamar Even-Zohar (2017), que posibilita el entendimiento del literario como una actividad compleja, englobante de diferentes factores. El análisis posibilitó el desnudamiento del rol ejercido por la *Texto Digital* al publicar, vehicular, difundir y guardar tantos productos artísticos cuanto crítico. Para tanto, movilizamos las discusiones propuestas por Gainza (2016, 2018), Rocha (2014, 2016, 2018, 2019), Kozak (2014, 2018) y Flores (2016, 2019) acerca de las especificidades de la literatura digital en el contexto latinoamericano. Subrayamos que esas reflexiones se desarrollan en el grupo de investigación *Observatório da literatura digital brasileira* y se insertan en el contexto de las discusiones realizadas en el marco del proyecto *Repositorio da Literatura Digital Brasileira*, (CNPq – 405609/2018-3).

Palabras-clave: Revista Texto Digital. Literatura digital brasileña. Crítica literaria. Humanidades digitales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada do site Atlas da literatura digital brasileira_____	18
Figura 2 - Dinâmica de estudo no escopo da literatura digital_____	20
Figura 3 - Síntese do percurso metodológico da pesquisa_____	25
Figura 4 - Entrada da revista Artéria 8_____	42
Figura 5 - Imagem do objeto digital Quarto do esquecimento_____	45
Figura 6 - Síntese temática dos artigos publicados em 2004_____	51
Figura 7 - Identidade visual da Texto Digital_____	56
Figura 8 - Disposição gráfica das publicações da Texto Digital_____	76
Figura 10 - Principais momentos da internet em 50 anos._____	84
Figura 11 – Notícia do lançamento do Atlas da literatura digital brasileira_____	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de publicações da Texto Digital entre 2004 e 2018_____	23
Tabela 2 - Artigos publicados no livro Literatura e informática (2005)._____	49
Tabela 3 - Edições publicadas em parcerias_____	67
Tabela 4 - Panorama dos Editoriais publicados na Texto Digital entre 2006 e 2010_	87
Tabela 5 - Panorama dos Editoriais publicados na Texto Digital entre 2011 e 2018 _	88

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Trabalhos publicados na Texto Digital entre 2004 e 2010.....	61
Gráfico 2 - Trabalhos publicados na Texto Digital entre 2011 e 2018.....	65
Gráfico 3 - Edições realizadas em parceria com outras instituições.....	66
Gráfico 4 - Objetos digitais citados nos artigos analisados entre 2011 e 2018	70
Gráfico 5 - Edições que contam com a publicação de Criações Digitais (2004 e 2010	77
Gráfico 6 - Edições que contam com a publicação de Criações Digitais (2011 -2018)	78
Gráfico 7 - Domicílios que possuem equipamentos de TIC	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA PESQUISA	13
2 CAPÍTULO I - LITERATURAS DIGITAIS: ESTADO DE ARTE	28
2.1 SITUANDO O CONCEITO DE LITERATURA DIGITAL.....	33
2.2 ESPECIFICIDADES DA LITERATURA DIGITAL BRASILEIRA	35
3 CAPÍTULO II <i>TEXTO DIGITAL</i>: PERCURSOS POSSÍVEIS	48
3.1 TEXTO DIGITAL: A CRÍTICA SE CONSTRÓI	57
3.2 MAIS PERTO	67
3.3 ENTRE A CRÍTICA E A CRIAÇÃO: OS NÓS ATADOS	74
4 CAPÍTULO III - NO RITMO DAS NOVAS MÍDIAS: OS EDITORIAIS DA TEXTO DIGITAL	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6 REFERÊNCIAS.....	97

1 INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA PESQUISA

Esta dissertação teve sua motivação inicial fundamentada nas reflexões coletivas realizadas no projeto de construção do *Repositório da literatura digital brasileira* (CNPq n. 405609/2018-3), que tem por objetivo mapear, catalogar, armazenar, preservar e compreender a literatura digital produzida no Brasil. No decorrer do desenvolvimento do projeto, uma das necessidades que se impôs foi buscar formas de entender a produção crítica institucionalizada sobre a literatura digital brasileira. De antemão, este trabalho se firma na necessidade de compreender como essa produção crítica, ainda incipiente, se apresenta no cenário acadêmico brasileiro.

O projeto *Repositório da literatura digital brasileira*, coordenado pela Profa. Dra. Rejane Rocha, conta com diversas etapas ainda em execução. Muitas delas trouxeram inquietações de teor teórico-crítico, o que têm resultado em outros trabalhos de pesquisa. São trabalhos que se desenvolvem nos níveis de Iniciação científica, Mestrado e Doutorado, cujos objetivos são abordar temas que contribuam para a compreensão dos caminhos traçados pela literatura digital no Brasil. A alta densidade investigativa no projeto do *Repositório* corresponde a uma das características relacionadas ao estudo da literatura digital em seu atual estágio: a necessidade de compreender os passos percorridos por essa literatura, tanto no espectro artístico quanto no teórico-crítico, possibilitando a elaboração de uma “teoria do presente” nas palavras de Lev Manovich (2005, p.51).

É curioso o fato de que, atualmente, no âmbito dos estudos literários, muitas propostas de trabalho estejam relacionadas ao revisionismo e a novas perspectivas de análise para obras literárias já consolidadas¹. No caso específico da literatura digital, essa demanda se dá no paradigma da compreensão, tratando de produzir sempre (novos) entendimentos. Esse movimento, que se coloca como característico desses estudos, ocorre por se tratar de uma literatura emergente, o que faz com que seja imperativa a produção de entendimento em diferentes instâncias, inclusive a teórico-crítica, objeto central de reflexão deste trabalho.

¹ Essa afirmação se dá com base na pesquisa de Laeticia Jensen Eble que (UNB), que desenvolveu um *rankeamento* dos autores mais estudados entre doutorandos brasileiros. Informação disponível em: <https://www.geledes.org.br/pesquisas-apontam-machado-de-assis-como-o-autor-brasileiro-mais-estudado/> acesso em 04/05/2020.

Podemos nos perguntar: como analisar uma produção literária no instante em que ela se constrói? Quais caminhos de análise são possíveis? Com quais teorias podemos estabelecer diálogos? Pois este trabalho trata de esboçar alguns caminhos de leitura, tendo como objetivo central compreender a crítica acadêmica sobre a literatura digital brasileira produzida por pesquisadores brasileiros para, através dessa própria crítica, elucidar e estabelecer possíveis respostas a essas questões.

Para cumprir com o objetivo proposto nesta dissertação e, assim, responder às perguntas de pesquisa que nós fizemos, tomamos como objeto de análise o periódico acadêmico *Texto Digital*, sobre o qual empreendemos uma análise que abarcou os trabalhos científicos publicados entre os anos de 2004 e 2018. A proposta inicial teve como principal objetivo responder às seguintes perguntas:

- Como a revista *Texto Digital*, sendo a única revista acadêmica brasileira que se dedica a questões sobre literatura digital, se insere na cena literária contemporânea?
- Como a análise entre as seções (artigos, criações e entrevista) nos dão um paradigma da concepção de literatura digital pautada pela revista?
- De que forma as concepções de literatura digital da revista contribuem para a construção de uma metalinguagem crítica para o estudo da poética do digital?

Postas as perguntas iniciais da pesquisa, é significativo apontar os fatores que motivaram a escolha da revista *Texto digital* como substrato analítico. Assim, a seleção do *corpus* se deu primeiramente por conta do lugar institucional que a revista ocupa na cena literária brasileira, considerando que um periódico acadêmico é uma “instância de consagração” (BOURDIEU, 1996, p. 254) para o literário.

Além do valor significativo que a crítica acadêmica tem para a literatura, a *Texto Digital* é a única revista acadêmica brasileira vinculada a uma instituição pública, no caso a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Núcleo de pesquisa em informática, literatura e linguística (NUPILL), que tem como proposta central discutir o texto literário na sua relação direta com a digitalidade. Dessa forma, o aparato institucional, ancorado em uma política editorial clara, faz da revista uma legítima representante dos estudos de literatura digital no Brasil.

[...] desenvolver pesquisas sobre os textos literários em meio digital, abrangendo uma gama que vai da criação à leitura utilizando dispositivos e processos da computação, passando por estratégias e

ferramentas de ensino e aprendizagem de Literatura. O NuPILL sempre teve por vocação explorar os recursos que a computação e as tecnologias de informação e comunicação trazem para a pesquisa universitária tanto em Literatura quanto em Linguística. O fato de pesquisar esse tipo de criação demanda repensar o lugar dos estudos literários na contemporaneidade em diálogo com outras disciplinas, linguagens e espaços sociais esse diálogo seja possível, dedicada a fomentar discussões sobre o que há de mais atual nessa relação da Literatura e da Arte com os meios digitais. (DE SANTA e DI ROSÁRIO, 2015, p.1).

Além dos atributos institucionais que chancelam as discussões trazidas pela revista, é significativo apontar a natureza sistemática dos periódicos acadêmicos - o que conforma um catálogo organizado por ano -, abrindo possibilidade para a compreensão do fazer crítico no compasso de seu desenvolvimento histórico. Em parte, é por meio da crítica literária institucionalizada que a literatura digital brasileira se insere na cena literária contemporânea e encontra formas de obedecer às regras de funcionamento do campo literário, como coloca o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996, p.250).

É na soma desses atributos, que carregam consigo marcas de institucionalização, que a *Texto Digital* se legitima no campo dos estudos críticos da literatura digital, apresentando-se como um corpus analítico significativo, sendo ainda mais um elemento na camada de constituição da memória da literatura digital brasileira (BEIGUELMAN, 2014). Dessa forma, reconhecendo o lugar paradigmático que a *Texto Digital* ocupa nesse cenário em formação, sustentamos nossa análise da revista acadêmica, enquanto substrato literário, com base na perspectiva teórico-analítica de Itamar Even-Zohar (2017). O pesquisador dos *Polissistemas de Cultura* aponta a possibilidade de se estabelecer revista e crítica literária como partícipes do rol de “atividades literária” e, portanto, como produtos legítimos da literatura.

Assim, a “produção de textos” não se identifica de modo simples com “a produção de qualquer outra coisa”, e o mesmo vale para o resto dos fatores implicados. Escritores, revistas literárias, crítica literária (no sentido restrito) são todos fatores literários. E não há possibilidade de determinar previamente que atividade dentre estas é, num dado período, “a” literária por excelência. (EVEN-ZOHAR, 2017, p.26, tradução nossa²).

É com base nessa perspectiva, que rompe com uma visão texto-centrada e contribui para a desaturação do livro (ESTEVÃO, 2017), que entendemos a *Texto digital* como

² Todas as traduções são de nossa autoria

um “fator literário” responsável por desempenhar um importante papel na produção, difusão, compreensão, preservação e legitimação da literatura digital no Brasil. Trazer à tona o modo como a revista (e os circuitos que ela abarca) funciona contribuirá para o entendimento da literatura digital brasileira enquanto um *polissistema literário* em construção. As mudanças no digital são contínuas e cada vez mais aceleradas. No entanto, enquadrando a revista nessa perspectiva analítica - que tem como base a dinâmica³ das relações -, será possível compreender o cenário da literatura digital brasileira como um (poli)sistema em constante (re)elaboração.

Essa perspectiva teórica alude à dissociação de escolhas analíticas texto-centradas, divergindo de correntes que tratam apenas o “produto final” - que é quase sempre o texto - como as únicas variáveis observáveis em toda a amplitude da atividade literária.

Evidentemente, para um indivíduo qualquer, o que importa é o produto final de qualquer atividade: para o consumidor individual o único objeto de interesse são normalmente os produtos industriais, antes dos fatores que regem a indústria que faz os produtos. É evidente, contudo, que para quem se interesse por entender a indústria como uma atividade complexa, esta não pode ser analisada exaustivamente por meio de seus produtos, mesmo que os produtos possam parecer a razão de suas operações. No sistema literário, os textos, mais que desempenhar um papel nos processos de canonização, são o resultado desses processos. Só em sua função de representantes de modelos são os textos os fatores ativos nas relações sistêmicas. É difícil desterrar imagens respeitadas ao longo do tempo e parece “natural”, portanto, que produzir e consumir textos tenha sido sempre a atividade mais importante da literatura. (EVEN-ZOHAR, 2017, p. 26⁴, tradução minha).

Com base na premissa de Itamar Even-Zohar (2017), circunscrevemos a *Texto Digital* como um produto da literatura digital, buscando entender as relações sistêmicas que se estabelecem no cerne dessa produção artística cujas atividades não estão estabilizadas. Por meio da descrição e da análise crítica do periódico, apontaremos o papel que a *Texto*

³A perspectiva de leitura entendida como dinâmica-funcional coloca um determinado sistema em funcionamento sempre considerando a influência exercida por outros fenômenos. Evidencia-se a importância da contextualização para compreender os fatores que legitimam uma literatura em detrimento de outra.

⁴ Evidentemente, para un individuo cualquiera, lo que importa es el producto último de cualquier actividad: para el consumidor individual el único objeto de interés son normalmente los productos industriales, antes que los factores que rigen la industria que hace los productos. **Es evidente, con todo, que para cualquiera que se interese por entender la industria como una actividad compleja, ésta no puede analizarse exhaustivamente por medio de sus productos, incluso aunque los productos puedan parecer la razón de ser misma de sus operaciones.** En el sistema literario, los textos, más que desempeñar un papel en los procesos de canonización, son el resultado de estos procesos. Sólo en su función de representantes de modelos son los textos factor activo en las relaciones sistémicas. Es difícil desterrar imágenes respetadas a lo largo del tiempo, y parece "natural", por tanto, que producir y consumir textos haya sido siempre la actividad más importante en la "literatura". (EVEN-ZOHAR, 2017, p.26)

Digital tem desempenhado e quais fatores têm motivado a sua manutenção. Quando nos referimos às produções da *Texto Digital*, estamos considerando os diversos atores que fazem um periódico científico funcionar: plataforma de publicação, pesquisadores, artistas, corpo editorial e leitores. Por estarmos diante de uma nova produção literária, a demanda por compreensão se torna o centro de discussão. E o que há de interessante nesse movimento é o fato dessa centralidade ser responsiva ao que vem acontecendo no campo da tecnologia, pois, de acordo com Katherine Hayles (2009, p.20), do mesmo modo que a história da imprensa está ancorada na evolução do livro, a história da literatura digital está entrelaçada à evolução dos computadores digitais.

Assim como a história da literatura impressa está profundamente ligada à evolução da tecnologia do livro que foi sendo construída em um crescendo de inovações técnicas, a história da literatura eletrônica se entrelaça com a evolução dos computadores digitais, (...). (HAYLES, 2009, p.20).

Desse modo, considerando que a(s) história(s) das literaturas se entrelaçam a questões de ordem tecnológica, entendemos a literatura digital na sua relação com a tecnologia, tendo como foco de análise o cenário brasileiro. Como forma de documentar e historicizar esse contexto que o estudo da literatura digital tem instigado no âmbito do projeto Repositório da literatura digital brasileira, foi criado o *Atlas da literatura digital brasileira*⁵ – um *site* provisório que teve como proposta registrar os desdobramentos de pesquisas individuais e coletivas ao mesmo tempo em que se construiu como apoio para estas mesmas pesquisas.

⁵ *Atlas da literatura digital brasileira* é um site (provisório) criado com o objetivo de documentar os processos de construção do Repositório da literatura digital brasileira. Link de acesso: <http://www.atlasldigital.ufscar.br/> acesso em: 17/03/2020

Figura 1 - Entrada do site Atlas da literatura digital brasileira



Fonte: *Atlas da literatura digital brasileira* (2020)

Por meio do *Atlas da literatura digital brasileira*, é possível conhecer quais esferas de discussão foram abarcadas até o momento pelo projeto coletivo: i) mapeamento de objetos digitais⁶; ii) panorama dos principais teóricos que, em um primeiro momento, alicerçaram as pesquisas do grupo, fazendo com que fosse possível o desenvolvimento de pesquisas com base tanto nas disjunções verificadas quanto nas necessidades de aprofundamento; iii) trabalhos dos atuais integrantes do grupo, cujas demandas suprem questões que o projeto temático propõe; iv) um glossário de termos críticos, que pretende esclarecer os conceitos que as análises de objetos da literatura digital podem vir a reivindicar.

A construção desse arcabouço teórico-crítico e analítico tem sua motivação fundamentada no papel significativo de se preservar os objetos da literatura digital brasileira em seu *contexto de iminência* (CANCLINI, 2016), ao mesmo tempo em que se atenta para a característica inerente aos seus suportes de inscrição e meios de circulação.

A iminência e a rapidez dos processos de deterioração e obsolescência dos elementos de fabricação, das linguagens de informática e dos suportes de conservação, armazenagem, visualização e reprodução das obras baseadas na tecnologia são objetos de numerosas discussões e propostas por parte de grupos de pesquisa de todo o mundo. (VELLOSILO, 2014, p. 138).

⁶ O *site* tem uma Biblioteca que retrata a multiplicidade correspondente aos objetos produzidos, especificamente por artistas brasileiros.

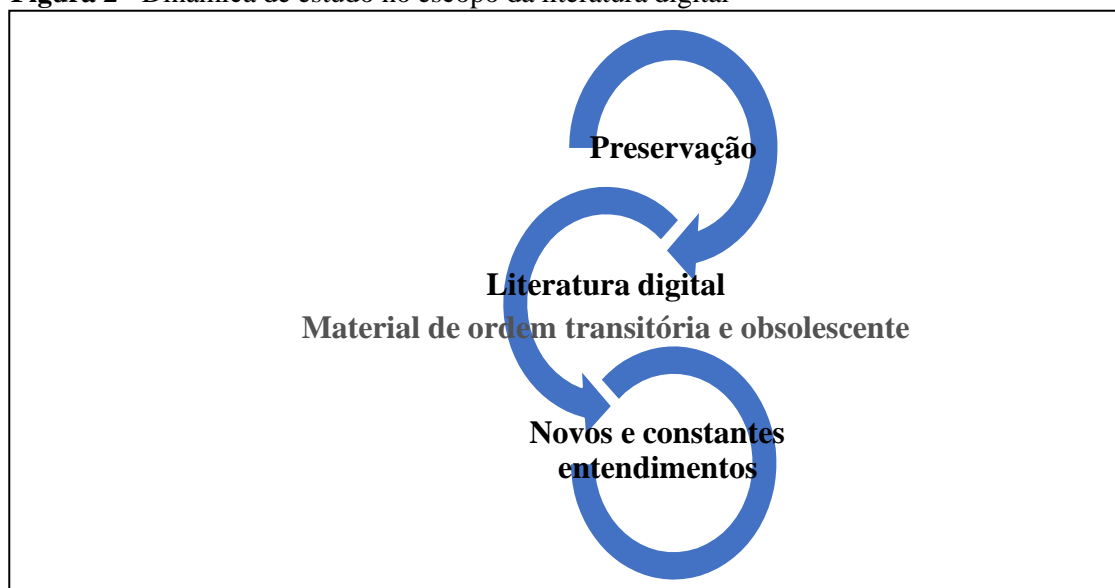
No que se refere à tecnologia digital, um tema que movimenta os debates diz respeito à natureza do digital fortemente marcada por sua efemeridade - ou obsolescência, termo mais corrente no meio tecnológico. Há uma vasta discussão sobre os motivos pelos quais os aparelhos tecnológicos estariam sendo programados para durarem pouco, e o fato de que a literatura digital esteja timbrada pela efemeridade dialoga com a dependência desses materiais sempre de ordem transitória. Estamos lidando com uma produção literária que carrega marcas culturais e materiais do funcionamento da indústria tecnológica no cerne do capitalismo informacional.

A obsolescência, produto desse movimento inovador, afeta o desenvolvimento tecnológico na medida em que existe uma cadeia na qual os objetos tecnológicos devam ser substituídos continuamente, o que obriga as pessoas a atualizarem o software com a mesma frequência. Novos modelos e versões de todo tipo surgem no mundo tecnológico. Em contrapartida, o que não se “atualiza” se perde no mar de informação. O aplicativo que sem possibilidade de execução, desaparece, se perde, e com isso, se esfumaça uma memória. Se inovação e obsolescência são duas caras de uma mesma moeda, então, como esse movimento constante afeta as obras que são geradas por essas tecnologias? (GAINZA, 2020, p.332⁷).

A pergunta acima é elaborada pela pesquisadora chilena Carolina Gainza (2020), que, no âmbito do projeto “*Cartografía de la literatura digital latinoamericana*”, também busca entender os avanços tecnológicos na sua relação com a produção e a conservação da literatura digital. Posta essa discussão, se pensarmos nos ritos dos meios tecnológicos - amplamente relacionados ao capitalismo informacional (GAINZA, 2018, 2020) consequência do par opositivo “inovação e obsolescência” (GAINZA, 2020) -, vemos que o estudo da literatura digital coloca duas reflexões no centro do debate: a necessidade de compreender os novos e constantes desdobramentos das artes do século XXI e, ao mesmo tempo, sua preservação que, por sua vez, responde à transitoriedade das mídias digitais.

⁷ *La obsolescencia, producto de este movimiento innovador, afecta el desarrollo tecnológico en cuanto existe una cadena en que los objetos tecnológicos deben ser cambiados continuamente, lo que obliga a las personas a actualizar el software con la misma frecuencia. Nuevos modelos y versiones de todo tipo se suceden en el mundo tecnológico. En este cambio, lo que no es capaz de “actualizarse” se pierde en el mar de información. La aplicación ya no es posible de ejecutar, desaparece, se pierde, y con esto, se esfuma una memoria. Si innovación y obsolescencia son dos caras de la misma moneda, entonces, ¿Cómo afecta este movimiento de cambio constante a las obras que son generadas con estas tecnologías?* (GAINZA, 2020, p.332)

Figura 2 - Dinâmica de estudo no escopo da literatura digital



Fonte: Elaborado pela autora.

Em seu projeto inicial, intitulado *Repositório da literatura digital brasileira*, a pesquisadora Rejane Rocha adverte a urgência de se registrar os passos de desenvolvimento da literatura digital no Brasil. Embasada pela perspectiva teórica de Lev Manovich (2005), que estabelece um paralelo entre o surgimento do cinema e a perda de seu registro, a pesquisadora desloca a reflexão para o campo dos estudos literários. Com o compromisso de não deixar que o mesmo processo aconteça com as relações que vem se estabelecendo entre as artes e os novos meios de comunicação (*Artemídia*⁸), sua pesquisa vem conjecturando sobre o lugar em que as novas tecnologias colocam a literatura.

Neste trabalho, por meio da análise da revista *Texto digital*, interessa-nos pensar essa relação de forma imediata, o que significa, *a priori*, privilegiarmos discussões que tratam a tecnologia em uma relação direta com a literatura, e não pelo viés do saber aplicado como a tecnologia para o ensino de literatura.

Sabe-se que o livro de Manovich (2005) detém-se, sobretudo, na questão do cinema, sua história presente no momento exato da emergência dos meios digitais. No entanto, o incômodo e a preocupação que perpassa toda a obra, colocados de maneira tão contundente desde a sua introdução, acometem a estudiosos de outros campos da cultura e das artes, uma vez que a realidade digital é a que compartilhamos todos: produtores, consumidores e estudiosos da cultura, das artes, da literatura. (ROCHA, 2018, p.2).

⁸ A noção de arte mídia é compreendida com base nas reflexões do pesquisador Arlindo Machado (2007).

A pesquisadora deixa evidente que a preocupação de Lev Manovich (2005) é compartilhada por estudiosos da literatura que estão dispostos a viver a experiência do digital, a “sentir o impacto, as vibrações - the vibes” (GUMBRECHT, 2021, p. 282). Assim, justifica-se a necessidade de acompanhar e documentar a literatura digital para que não percam os passos de sua história.

Nas pesquisas que se desenvolvem no projeto do Repositório - e também neste texto -, o gesto de documentar é parte de um processo de “estratégias de preservação em camadas” (BEIGUELMAN, 2014), uma vez que esses documentos se convertem também em arquivos que preservam a memória sempre iminente da “Arte mídia” (MACHADO, 2007). Assim, nos trabalhos desempenhados pelo grupo, assumimos a tarefa de construir um arcabouço teórico-crítico e também analítico, ao mesmo tempo em que empreendemos o esforço de documentar nossos objetos.

Essa postura metodológica de acompanhar uma literatura no compasso de seu desenvolvimento traz a perspectiva teórica de Néstor García Canclini (2012, 2016). Em seu livro intitulado *O mundo inteiro como lugar estranho* (2016), o sociólogo discute produções artísticas e literárias do tempo presente de uma maneira em que são possíveis prospecções que vão além de tão somente valorar uma determinada obra: trata-se de perceber como os acontecimentos relacionados à arte e à literatura são rastreáveis. Assim, o autor nos brinda com a noção de “estética da iminência” (CANCLINI, 2012), noção que permite não somente a valoração da literatura como produto final, mas também o acompanhamento do literário em seus múltiplos processos, justificando um estudo que permita acompanhar a simultaneidade da atividade literária.

A cena da literatura não é a realidade social estruturada, empiricamente observável, nem a do nada que antecede o real. Mas essa experiência do iminente, em que ocorre o acontecimento literário, rastreável também na arte e na literatura de outras épocas mostra mudanças históricas. (CANCLINI, 2016, p. 94).

Da experiência do iminente de que trata Néstor Garcia Canclini (2012), transparece a possibilidade de apreciação dos produtos artísticos antes mesmo de sua consolidação, possibilitando o rastreamento e o registro dos processos de criação. Esse gesto acaba subvertendo até mesmo a lógica de produção e funcionamento das obras de arte que, como apontado pela pesquisadora Laura Borrás Castanyer (2013, p.57, tradução nossa), “está profundamente ligada a uma forma muito particular de atualização da obra literária, a do leitor, e – em particular – a do leitor que surge a partir da invenção da imprensa”.

Na atribuição de significado à experiência artística, está posta uma ruptura com as noções que regem o estatuto canônico da instituição literária. Quando mencionamos noções que sustentam a canonicidade do literário, estamos pensando no livro enquanto objeto material e, ao mesmo tempo, nas categorias que sustentam a literatura como instituição: obra, autor, leitor, originalidade, valor e legitimação.

Antoine Compagnon (2010) traz esses elementos para discutir aspectos que dizem respeito à constituição da literatura e suas condições de produção, mostrando que são as disposições desses agentes que acabam regulando a canonicidade de uma determinada literatura. Do mesmo modo que há certas literaturas que são mais prestigiadas que outras, há uma forma de valoração literária que está resguardada por sua finalização material: o livro. Dessa forma, propomos lançar um olhar para a “literatura além do livro” (ROCHA, 2016). Esse olhar, como sugere a pesquisadora Rejane Rocha (2016), exige a compreensão “[d] esse feixe complexo de elementos em um contexto em que escrever e publicar, ler e legitimar um texto como literário se faz no interior da ubiquidade das mídias, a partir da linguagem digital, em suportes de leitura eletrônicos.” (ROCHA, 2016, p.13).

Com base nesse aporte teórico, descrevemos parte do percurso da pesquisa, por meio da leitura que o pesquisador Arthur Dias de Souza (2018) empreendeu a partir de uma provocação de Néstor Garcia Canclini (2016) em *O mundo inteiro como lugar estranho*, colocando a descrição no centro da análise dos fenômenos contemporâneos. Neste trabalho é inescapável descrever o *corpus* e as etapas da pesquisa como parte do percurso de construção teórica e metodológica.

Em uma conversa entre um orientador e um pesquisador, Canclini (2016) apresenta um caminho que poderia auxiliar as pesquisas acadêmicas no momento de escolher um quadro teórico. Para o orientador, **não se trata de escolher apenas uma teoria, mas aproveitar os contrastes entre aquilo que elas não podem explicar e uma descrição do objeto**. Tendo em vista a falência da autonomia das disciplinas, juntamente com a necessidade de não abandonar a produtividade de alguns saberes e categorias dessas disciplinas, **esse movimento metodológico da descrição pode ser produtivo para encontrar, a partir do processo de constituição do objeto, as perguntas e os quadros teóricos a serem utilizados**. (DIAS, 2018, P,9, grifo nosso)

Assim, detalhando nosso percurso e seus muitos desdobramentos, dada a fartura do *corpus* analítico, a primeira etapa da pesquisa se constituiu por meio da seleção dos

artigos que aportam os temas de nosso interesse (discussões sobre literatura digital empreendidas por pesquisadores brasileiros). Realizamos uma leitura detida dos trabalhos publicados entre 2004 e 2018 buscando identificar reflexões críticas sobre a literatura e a digitalidade. Posteriormente, elaboramos uma primeira tabela⁹ na qual criamos os primeiros metadados para os trabalhos selecionados (ano de publicação, volume, nome do autor e título do trabalho). Concomitantemente a essa etapa, realizamos um levantamento que apontou o total de trabalhos publicados entre 2004 - 2010 e 2011 - 2018. A *Texto Digital* publicou, entre 2004 e 2010, 89 trabalhos científicos e 21 criações digitais. Para a nossa primeira análise, consideramos produtiva a seleção de 33 artigos que abordam diretamente a temática. Já entre 2011 e 2018, a revista publicou 203 artigos e 52 criações digitais, sendo selecionados para a análise 59 artigos.

É significativo apontar que as publicações têm um crescimento de mais de 100% na segunda década do século XXI, dado que confirma que o periódico supera a efervescência da discussão sobre textualidade e digitalidade no início dos anos 2000 e se firma como um espaço de referência constante no que tange à divulgação científica e artística de literatura digital, seja brasileira ou estrangeira.

Tabela 1 - Número de publicações da Texto Digital entre 2004 e 2018

Publicações	Artigos	Criações digitais	Para análise ¹⁰
2004 – 2010	89	21	33
2011 – 2018	203	52	59
Total	292	73	92

Fonte: Dados da pesquisa

Optamos por organizar a análise dos artigos publicados na revista em duas etapas. Na primeira, nos debruçamos sobre os trabalhos publicados entre 2004 - 2010 e, em seguida, entre 2011 - 2018. Essa escolha se deu por duas questões: a primeira delas está relacionada a uma marcação temporal, já que as duas primeiras décadas do século XXI são palco de acontecimentos tecnológicos importantes (a expansão da internet no início dos anos 2000 e a propagação das redes sociais digitais e dos Smartphones em 2010); a segunda, porque operacionalmente essa delimitação temporal contribui para o rigor das

⁹ Link de acesso para a primeira tabela desenvolvida na pesquisa: <https://docs.google.com/document/d/1r5AbPVOL2liWZF2agUYuU4W8I9-kSBoqc6iHFoSaEXk/edit>

¹⁰ Essa primeira seleção tem como filtro os trabalhos de pesquisadores brasileiros que discutiram a relação entre literatura e digitalidade.

informações que foram coletadas por meio de formulários desenvolvidos pela ferramenta Google Forms¹¹ e analisados manualmente, isto é, não contamos com nenhum *software* de tratamento de dados.

As perguntas norteadoras desse primeiro mapeamento foram:

- Ano de publicação?
- A edição conta com editorial?
- Número de trabalhos publicados por ano (incluindo seção especial, dossiê e entrevista)
- A edição conta com criação digital?
- Número de artigos selecionados para análise por ano.

É interessante apresentar essas primeiras questões, pois, por si só, elas permitiram que fossem apreendidos dados significativos sobre a dinâmica de publicação do periódico. Sem dúvida, a segunda camada de análise se ancora nessas primeiras questões. Esclarecemos, portanto, que a primeira etapa analítica sustenta todas as discussões subsequentes.

Superada essa etapa de análise, transformamos os dados em gráficos, o que contribuiu para uma visualização mais sensível e panorâmica dos trabalhos publicados na revista. Assim, estabeleceu-se uma relação entre a quantidade de trabalhos publicados *versus* o ano de publicação.

A primeira análise (etapa 1) sinalizou para uma possível relação entre a demanda de produção crítica e as movimentações do campo tecnológico (fato que se confirma no entrelaçamento entre os dados perscrutados nos editoriais e o percurso tecnológico brasileiro). Desse modo, confirma-se que, em muitos momentos, a irrupção crítica é responsiva a reverberações de ordem técnica¹², ou seja, surtos tecnológicos que impulsionam a urgência do fazer/pensar da crítica acadêmica institucionalizada.

Na etapa 2 do mapeamento, perscrutamos os editoriais, que se converteram em uma fonte profícua de significados, por trazerem informações precisas sobre a motivação

¹¹ O formulário do primeiro mapeamento pode ser consultado em:

https://docs.google.com/forms/d/1LPEBO2Td3eRhsalg2ahxBexsM-Ep0v43MK691kC_oTE/edit

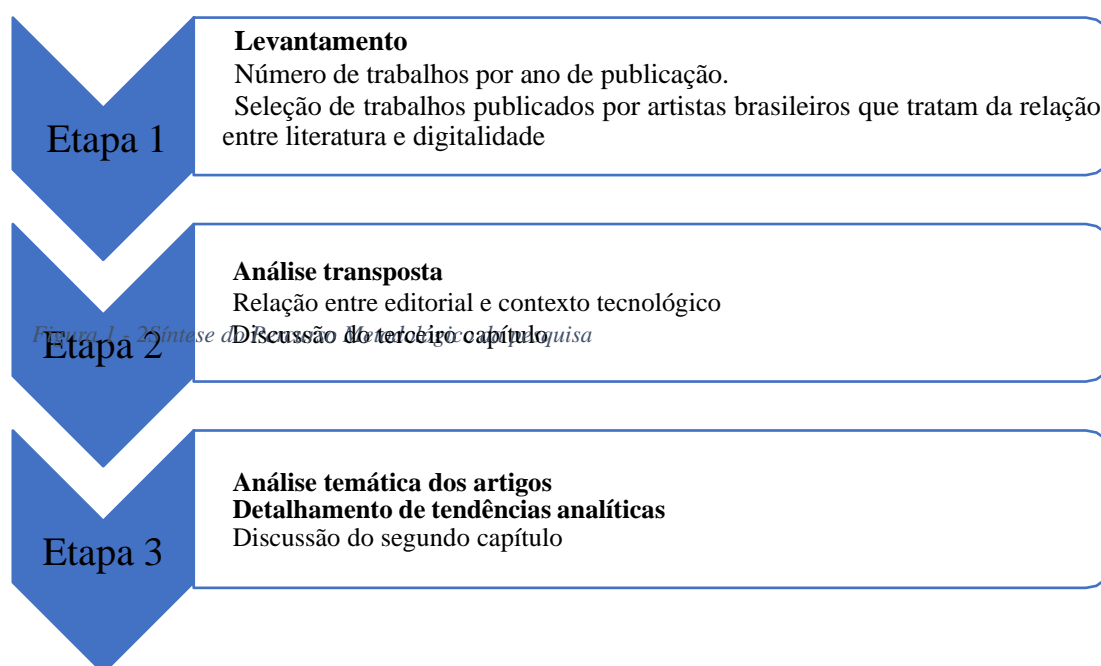
¹² Para o geógrafo Milton Santos (2006, p.29), “as técnicas são um conjunto de **meios instrumentais** e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz, e, ao mesmo tempo, cria espaço”.

temática de cada edição e por deixarem vestígios do contexto tecnológico/histórico das produções.

Realizada essa etapa, passamos para uma apreciação mais criteriosa dos artigos. Assim, fizemos a releitura dos trabalhos selecionados para a análise, buscando compreender tendências temáticas e analíticas. Essa terceira etapa foi a mais minuciosa, pois foi nesse momento da pesquisa que pudemos verificar se a *Texto digital* cumpria efetivamente com seu propósito fundador: discutir a literatura na sua relação direta com a digitalidade.

Portanto, mais que designar lexicalmente as estratégias metodológicas que nos amparam, é significativo detalhar o processo de desenvolvimento do trabalho para explicitar que construímos esta pesquisa de modo que fosse possível uma aproximação do panorâmico ao específico, criando nossos métodos de registro e armazenamento com os instrumentos que estavam ao nosso alcance.

Figura 3 - Síntese do percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Uma vez que o percurso investigativo descrito não é corrente no âmbito dos estudos literários - campo no qual, por meio de diferentes teorias e críticas, busca-se uma análise detida do produto final (o texto literário formalizado no objeto livro) -, justificamos nossa metodologia com base nas estratégias de leitura empreendidas pelos teóricos Regina Dalcastagné (2018, 2011), Franco Moretti (2008) e Jill Walker Rettberg (2012, 2013,

2014). Dessa forma, nossa formulação metodológica se dá com base em alguns aspectos da teoria *distant reading* desenhada por Franco Moretti (2008). Em seu livro *A literatura vista de longe*, o autor apresenta o método como sendo uma estratégia de reconhecer menos os detalhes que as relações que constituem a literatura. Ressaltamos que o autor defende que as construções de gráficos, mapas e árvores são sensibilizadores de leitura, mas que não funcionam por si só, sendo necessária a argumentação e interpretação de pesquisadores.

Essa necessidade do olhar do pesquisador para a extração de sentido dos dados quantitativos concilia o método *distant reading* com a postura crítica localizada, isto é, os dados são estáticos, mas o modo como são colocados em perspectiva depende significativamente do olhar e do lugar no qual o pesquisador está inserido. Do ponto de vista metodológico (CRESWELL, 2010), a combinação de dados quantitativos com procedimentos de análise qualitativas configuram uma metodologia mista, o que concerne à colocação de Ana Gonçalves Magalhães (2014, p. 39) ao ressaltar que a “descrição nunca é neutra, uma vez que a designação daquilo que se descreve implica necessariamente a conceituação”. Nesse sentido, justificamos a necessidade do primeiro capítulo, *Literaturas digitais: estado de arte*, pois foi através do nosso conhecimento sobre esse campo em formação que pudemos lançar questões e analisar a *Texto Digital*.

Cabe ressaltar que o método *distant reading* foi aplicado por Moretti (2008) para a compreensão de aspectos relacionados à ficção, mais precisamente à consolidação do romance enquanto gênero. Apropriamo-nos de aspectos do método para compreender a produção crítica, considerando que a visão panorâmica permite que sejam descortinadas as relações e as origens de determinadas produções (MORETTI, 2008, p.8), funcionando de igual maneira para a compreensão da produção crítica.

No contexto brasileiro, temos os trabalhos desempenhados pela pesquisadora Regina Dalcastagnè, que faz usos de estratégias muito semelhantes às empreendidas por Franco Moretti (2008) para compreender o campo literário brasileiro contemporâneo. Em seus trabalhos mais recentes, a pesquisadora tem se dedicado a compreender a crítica literária em periódicos brasileiros.

Além de ancorar nossas escolhas metodológicas nos trabalhos desenvolvidos por dois importantes pesquisadores que aplicam o *distant reading* no campo da literatura impressa, é significativo apontar que metodologias semelhantes têm sido aplicadas no contexto específico da literatura digital. A pesquisadora norueguesa Jim Walker Rettberg se inspira nessa estratégia de leitura para ler especificamente a formação do campo da literatura

digital, trazendo tanto análises da crítica sobre literatura digital (perscrutando os conceitos que aparecem em teses e dissertações) quanto análises do percurso conceitual de terminologias como “literatura eletrônica”.

Trabalhando, portanto, com os limites dos dados oriundos da pesquisa quantitativa (MORETTI, 2008, p.21), apresentaremos no segundo capítulo as interpretações que comprovam que a *Texto Digital* constrói um espaço de referência para a literatura digital brasileira. Ancorados em uma visão não essencialista do literário e em uma postura metodológica que inclui entender os desafios e os processos presentes, esta pesquisa propõe o estudo de uma temática emergente com especificidades que legitimam a necessidade de uma exploração crítica. Explicitado esse contexto, cabe ressaltar que este trabalho se consolida no cerne das discussões do grupo de pesquisa *Observatório da literatura digital brasileira* (CNPQ) que atualmente trabalha na construção do primeiro *Repositório institucional de literatura digital brasileira*.

2 CAPÍTULO I - LITERATURAS DIGITAIS: ESTADO DE ARTE

Recorrentemente o termo “estado de arte” remete ao estado atual de conhecimento sobre um tema ou pesquisa. É com essa finalidade que esse capítulo foi construído: uma tentativa de descortinar as discussões sobre literatura digital desenvolvidas até o momento da finalização deste trabalho construindo uma base comum a todos que passarão por este texto, evidenciando quais aspectos de nosso conhecimento fundamentaram o desenvolvimento das análises dos artigos publicados na *Texto Digital* entre os anos de 2004 e 2018.

Dessa forma, nossa primeira consideração se fundamenta no conceito de literatura que empreendemos: uma concepção de literatura que não se conceitualiza pela materialidade do livro, mas por um “sistema complexo inteiro de produção literária” interpelado pela computação, como coloca Katherine Hayles:

A literatura, conceitualizada não apenas como livro impresso, mas como o sistema complexo inteiro de produção literária – incluindo escritores, editores, editoras, críticos, designers, programadores, livreiros, leitores, jogadores, professores, leis de proteção de direitos autorais e outras formações legais, site na Web e outros mecanismos de disseminação eletrônica e as tecnologias que possibilitam e representam tudo o que foi mencionado anteriormente – **é permeada em cada nível pela computação.** (HAYLES, 2009, p.96, grifo nosso).

A esse conceito não restrito de literatura - que engloba uma série de fatores que não se limita nem ao produto final do literário (EVEN-ZOHAR, 2017), nem a materialidade impressa - somamos um gesto analítico fundamentado na “estética do iminente” (CANCLINI, 2016), que se firmará como uma fonte teórica e metodológica, amparando-nos ante a premência de entender a literatura digital brasileira em suas múltiplas realidades. A literatura digital pressupõe (devido aos seus *hardwares* e *softwares*) atualização constante e, por isso, a premissa da *estética da iminência* nos é tão cara: estamos estabelecendo diálogos com objetos artísticos concomitantemente ao seu desenvolvimento e posicionamento na sociedade.

Atrai-me a instauração de um espaço que antecede a obra, em que se elabora uma **estética do iminente**, ou seja, a maneira própria em que a literatura se posiciona na sociedade: não tanto diante do que é quanto diante do que não é ou ao que poderia ser. (CANCLINI, 2016, p.92-93, grifo nosso).

A literatura digital está amalgamada à lógica de funcionamento do mundo tecnológico e, por consequência, esta também é a sua lógica. Tal afirmação pode ser compreendida se realizarmos, ainda que brevemente, o exercício de confrontar algumas das principais **definições** dadas à literatura digital até o momento, incluso a definição apreendida do excerto de apresentação do periódico *Texto Digital*:

A revista foi criada com o intuito de abrir espaço para a discussão das **teorias do texto literário** que tentam descrever e compreender as textualidades digitais (**criado dentro de um ambiente digital ou pensado para ser utilizado nesse ambiente**), além de dar publicidade às artes digitais em geral. (TEXTO DIGITAL, grifo nosso).

O excerto acima, extraído da apresentação do periódico na entrada “sobre a revista”, notabiliza o pioneirismo da *Texto Digital* e o alinhamento com outros importantes centros de pesquisa como a *Electronic Literature Organization*. Apesar de a revista não ter por objetivo propor um conceito de literatura digital, a noção de “textualidades digitais” muito dialoga com as principais conceitualizações dadas à literatura digital, que preveem a fruição estética e técnica elevada a sua máxima potência. Dessa forma, reconhecemos uma filiação quanto ao uso do termo *literatura digital* para o estabelecimento de uma diferença prática e fundamental entre literatura digital e literatura digitalizada/ literatura que faz uso do meio digital para a circulação.

A literatura eletrônica, geralmente considerada **excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada**, é, por contraste, “nascida no meio digital”, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador”. (HAYLES, 2009, p.20, grifo nosso).

Literatura digital é um tipo de escrita e textualidade criada para ser lida na tela. Nesse sentido, quando nos referimos a literatura em dispositivo eletrônico não estamos falando de textos impressos digitalizados para serem lidos em formato digital, o qual geralmente corresponde ao formato e-book. Ainda que nos ebooks possamos observar um processo de tradução para a linguagem digital de zeros e um, a estrutura do texto e a forma da escrita não se modificam. Diferentemente da literatura digital que aponta para uma experimentação com a linguagem desse formato, uma escrita em código que se move em forma de textos escritos, imagens, animações e sons, que, na grande maioria dos casos, são dispostas de formas não lineares. (GAINZA, 2016, p.236, tradução nossa¹³).

¹³La literatura digital refiere a un tipo de escritura y textualidad creada para ser leída en la pantalla. En este sentido, cuando nos referimos a ella de un dispositivo electrónico no estamos hablando de textos impresos digitalizados para ser leídos en formato digital, lo cual generalmente obedece al formato e-book.

A literatura eletrônica é aquela escrita para aproveitar o potencial das Tecnologias digitais. Por exemplo, os textos que escrevemos normalmente estão desenhados para a página impressa. Da mesma forma em que as letras, palavras, parágrafos, versos e estrofes ficam quietas nas páginas porque a tinta colocada sobre o papel não se move, não responde. Em contrapartida a palavra digital pode se mover, mudar com o passar do tempo, dançar ao som de música ou vídeo, responder a nossas ações e serem geradas por programas de computador. (FLORES, 2016, p.2, tradução nossa¹⁴)

O que se verifica como padrão nas conceitualizações, e que também aparece no excerto extraído da *Texto Digital*, é a necessidade inquestionável da literatura digital estar ancorada em sua realidade material a ponto de não haver possibilidade de fruí-la fora desse meio. Para marcar essa característica, os estudiosos citados reiteram a diferença entre a literatura digital e a literatura produzida para e/ou no contexto digital: a literatura digital não é *a priori* a literatura produzida para *blogs* ou a literatura impressa digitalizada, mas a literatura que faz uso em potencial de recursos computacionais, lidando com as limitações impostas por esse meio. O estado atual do campo aponta que a literatura digital se conceitualiza não pelo que é, mas sim pelo que não deve ser entendido como literatura digital.

Há, portanto, um consenso entre os teóricos da área em dizer que a literatura digital é excludente da literatura impressa (o que destaca, sem dúvida, sua natureza material). Ao dar ênfase à multimodalidade, colocam o computador na posição de processador de *meios* (MANOVICH 2005) e, portanto, de um potencial instrumento de criação e fruição para essa literatura:

Todos os meios atuais se traduzem a dados numéricos e são acessados por computador. O resultado: os gráficos, imagens em movimento, sons, formas, espaços e textos se tornam computáveis; ou seja, conjuntos simples de dados informáticos. (MANOVICH, 2005, p.71, tradução nossa¹⁵).

Si bien en los e-books podemos observar un proceso de traducción al lenguaje digital de ceros y unos, la estructura del texto y la forma de escritura no se modifica. Por el contrario, la literatura digital apunta a una experimentación con el lenguaje en este formato, una escritura en código que se despliega en forma de textos escritos, imágenes, animaciones y sonidos, que, en la gran mayoría de los casos, son dispuestos de formas no lineales. (GAINZA, 2016, p. 236)

¹⁴ *La literatura electrónica es aquella escrita para aprovechar el potencial de las tecnologías digitales. Por ejemplo, los textos que escribimos normalmente están diseñados para la página impresa. De la misma forma en que las letras, palabras, párrafos, versos y estrofas se quedan quietas en la página porque la tinta puesta sobre papel no se mueve, ni responde. Pero la palabra digital puede moverse, cambiar al pasar el tiempo, bailar al son de música o vídeo, responder a nuestras acciones y ser generadas por programas de computadora. (FLORES, 2016, p.2)*

¹⁵ *Todos los medios actuales se traducen a datos numéricos a los que se accede por ordenador. El resultado: los gráficos, imágenes en movimiento, sonidos, formas, espacios y textos se vuelven computables; es decir, conjuntos simples de datos informáticos. (MANOVICH, 2005, p.71)*

A literatura digital está desenhada para aproveitar as potencialidades do meio digital, assim como a literatura impressa está pensada para as páginas impressas: é dessa premissa que Leonardo Flores (2016, p.2) parte para enfatizar a relação entre a linguagem poética e a computacional. A literatura digital está entrelaçada às tecnologias dos novos meios de uma maneira que a sua dissolução representa a sua destruição, dado que remete às questões relativas ao arquivo e à preservação. Compreender a natureza desses objetos não significa de forma alguma assumir uma postura de conformismo ante sua efemeridade, mas sim desafiar a lógica vigente no intento de compreendê-la como movimento de nosso tempo, tal como suscita a reflexão de Giselle Beiguelman (2014, p.8): ao dizer que “a internet não esquece, mas a cultura digital não nos deixa lembrar”, a pesquisadora faz referência ao enorme fluxo de informação que são geradas a cada segundo, mas que, devido à arquitetura da rede e à lógica de funcionamento do mundo tecnológico, vão se tornando inacessíveis.

Avançando na discussão, entendemos que não é somente para a literatura digital que esta lógica está posta: nos estudos de arte digital, de maneira geral, a conceitualização também corresponde à premissa do uso das tecnologias dos novos meios. Podemos justificar a colocação por meio da análise do conceito de *Net art*, trazido também por Giselle Beiguelman, que, no capítulo introdutório do livro *Futuros Possíveis: arte museu e arquivos digitais* (2014), propõe-se a refletir sobre a relação inextricável entre a internet e a *Net art*:

Afinal, a net art é bem mais do que a arte criada para a internet. **É arte que depende da internet para se realizar, um tipo de criação que lida com diferentes modos de conexão, de navegadores, de velocidade de tráfego, de qualidade de monitor, resolução de tela e outras tantas variáveis que alteram as formas de recepção.** O que se vê é resultado de incontáveis possibilidades de combinação entre essas variáveis e entre programas distintos, sistemas operacionais e suas respectivas formas de personalização. Trata-se, portanto, de uma arte intrinsecamente ligada a uma fruição do/em trânsito. (BEIGUELMAN, 2014, p.14, grifo nosso).

A autora, ao explicar as características da *Net art*, enfatiza que a dependência da internet e das ferramentas computacionais será assumida como condição existencial para as artes digitais. A discussão de *Net art* trazida por Giselle Beiguelman (2014), somada aos conceitos de literatura digital/eletrônica, confirmam que, para pensar esse paradigma de produção artística, temos que estar atentos às máquinas. Portanto, será importante compreender a história dos aparelhos tecnológicos na sua relação com a conexão de rede.

Dessa forma, refletindo sobre o significado dessa dependência material para as produções de literatura digital, situamos seus desdobramentos no contexto brasileiro, pois só assim teremos condições de responder questões que se colocam significativamente no nosso paradigma de país latino-americano.

Privilegiar uma estratégia de leitura e análise circunscrita em nossa própria realidade (de país latino-americano, integrante da periferia tecnológica) é uma maneira de assumir uma postura crítica ante nosso pertencimento, fazendo-nos ir além de debates universalizantes (RODRIGUES, 2015) e, por vezes, excludentes. Lançar esse olhar sobre a nossa própria realidade possibilita a construção de uma crítica de caráter situado, despontando como imperativo o (re)pensar sobre as seguintes questões:

O que significa pensar “em”, “de”, ou “desde” América Latina? O pensar “em”, “de” ou “desde” a América latina é algo radicalmente distinto que o “em”, “de” ou “desde” qualquer outro espaço? O resultado “do aqui” será um pensar latino-americano, um pensar crítico distinto desta geografia? (GUERCI DE SIUFI, 2008, p.25¹⁶).

Ao situar as especificidades da literatura digital latino-americana, a pesquisadora argentina Cláudia Kozak (2018) aponta para questões particulares (enquanto periferia tecnológica) que devem ser consideradas, como as práticas artísticas da “Poesia experimental sonora e performativa, constituição de redes de colaboração e a tradição do *DIY - Do It Yourself*” (KOZAK, 2018). Esses traços estéticos apresentados por Cláudia Kozak (2018) se dão pelo uso que os artistas latino-americanos fazem dos recursos computacionais disponíveis. A produção de literatura digital na América Latina apresenta características diversas, tanto em sua produção estética quanto no que diz respeito à origem/formação dos produtores/autores. Assim, não são todos os produtores de literatura digital que possuem formação e/ou conhecimento muito amplo de aspectos relacionados à programação. Se é fato que as novas mídias são parte integrante da literatura digital, também é significativo colocar como questão fundamental quais são os fatores que condicionam o acesso, em amplo sentido, dessas mídias em diferentes países e regiões.

Além das questões levantadas pela pesquisadora argentina, mostrando a especificidade técnica e criativa da América Latina, é significativo retomar o que coloca

¹⁶ ¿Qué significa pensar «en», «de» o «desde» Latinoamérica? ¿El pensar «en», «de» o «desde» Latinoamérica es algo radicalmente distinto que el «en», «de» o «desde» cualquier otro espacio? ¿El resultado del aquí será un pensar latinoamericano, de un pensar crítico distintivo de esta geografía?

Leonardo Flores¹⁷ (2017) ao dizer que estamos diante de produções estéticas baseadas em tecnologias internacionais. Não podemos pensar a produção literária digital do tempo presente desconsiderando o nosso contexto, que reverbera na construção de uma crítica literária que é política, geográfica, estética e tecnologicamente situada.

2.1 SITUANDO O CONCEITO DE LITERATURA DIGITAL

Um dado das peculiaridades conceituais relacionadas ao posicionamento situado da literatura digital se revela nas incertezas categoriais que fazem referência à literatura produzida por meio de recursos computacionais¹⁸: digital, eletrônica, informática ou *ciber*?

A pesquisadora chilena Carolina Gainza (2018) propõe o termo *literatura digital*, devido ao momento tecnológico no qual essas produções ganharam força na América Latina. A autora reforça seu argumento explicando que o conceito *literatura eletrônica* foi criado nos Estados Unidos no final do século XX e estabelece um forte diálogo com essa tradição crítica. Em consonância com a discussão de Carolina Gainza (2018), temos o trabalho de Jill Walker Rettberg (2012) que, ao empreender uma análise do conceito de literatura eletrônica por meio de uma leitura distante, baseada nas proposições teóricas e metodológicas de Franco Moretti (2007), confirma que o uso da terminologia literatura eletrônica se consolida concomitantemente ao surgimento da *Electronic Literature Organization* em 1999.

Ainda, aclaramos que o uso da palavra “eletrônico/a” faz referência a uma etapa da evolução tecnológica na qual tanto o trânsito de informação quanto as produções artísticas estavam condicionadas a aparelhos que funcionavam por meio de circuitos elétricos. No contexto latino-americano, não lidamos prioritariamente com o uso “eletrônico” da técnica, mas com o uso do digital, já que todos os arquivos eletrônicos foram convertidos em números binários, isto é, as tecnologias das novas mídias em seu atual estágio de desenvolvimento. Isso também é defendido por Laura Borrás Castanyer (2013), que compreende que o digital abriga tanto o eletrônico quanto o “ciberliterário”. Na perspectiva teórica da pesquisadora espanhola, o digital se configura como um termo mais

¹⁷ *En este ensayo cuestiono narrativas de tradiciones literarias nacionales y regionales cuando se refieren a la literatura electrónica con el fin de mostrar cómo la misma está atada primordialmente a tecnologías digitales e influencias internacionales. (FLORES, 2017, p.2)*

¹⁸ Nos primeiros anos de produção crítica da Texto Digital houve uma predileção pelo termo informática que se popularizou no início dos anos 2000 e está vinculado a uma troca de informação automatizada.

democrático e abrangente, por englobar tanto as produções eletrônicas quanto as produções que não foram realizadas exclusivamente para a internet. Na perspectiva dessas autoras, o termo literatura digital é o mais englobante.

Prefiro a denominação “literatura digital” na medida em que resulta mais compreensiva que “ciberliteratura”, um conceito que está vinculado ao “ciberespaço” e, portanto, ao de rede. Convém não desdenhar de todas aquelas obras literárias digitais que não têm presença alguma na rede, que durante muito tempo foram difundidas por meio de suportes como disquetes, Cd ou DVD. (BORRÁS-CASTANYER, 2013, p.51, tradução nossa¹⁹).

Diante dessas considerações, assumimos, *a priori*, o uso do termo *literatura digital* no projeto *Repositório da literatura digital brasileira* por entender a técnica “eletrônica” como uma etapa da evolução tecnológica, e por estarmos inseridos na realidade digital neste momento. O digital incorpora o eletrônico, o informático, o *ciber* e tantos outros termos que foram cunhados para fazer referência ao imbricamento entre literatura e tecnologia digital. Assim sendo, literatura digital é o conceito mais condizente com a realidade latino-americana, dado o momento no qual as produções de literatura digital começaram a ser impulsionadas nesses territórios.

Todavia, essa é apenas e mais uma perspectiva para pensar o campo literário digital e suas definições. Esse breve exercício de confrontar algumas das principais definições dadas à literatura digital, na busca de um sentido lógico (sempre refutável) para a predileção de uma categoria em detrimento de outra, aponta que há uma certa arbitrariedade envolvida nas escolhas categoriais. Essas incertezas categoriais (KLUCINSKAS & MOSER, 2007, p. 20²⁰) revelam que, em muitos momentos, a predileção por uma categoria analítica corresponde mais ao estado do campo, aos contornos que foram alcançados, que a questões de ordem técnica ou prática puramente lógicas e objetivas.

Apesar disso, preterir uma instância categorial para referir-se a um conceito de literatura que ainda está em processo de consolidação esbarra em fatores culturais e

¹⁹ *Prefiero la denominación “literatura digital” en la medida que resulta más omnicompreensiva que “ciberliteratura”, un concepto que está vinculado al de ‘ciberespacio’ y, por lo tanto, a la red. Conviene no desdeñar todas aquellas obras literarias digitales que no tienen presencia alguna en la red, que durante mucho tiempo se han difundido mediante soportes como disquetes, CD o DVD.* (BORRÁS-CASTANYER, 2013, p.51)

²⁰ Essa questão é amplamente discutida na tese de doutorado “A literatura além do impresso: ‘inespecificidades’ em *Os famosos e os duendes da morte*, de Ismael Caneppele, e *Terminal*, de Flávio Komatsu” de autoria de Giselia Rodrigues Dias (2020).

contextuais (artísticos, políticos, econômicos, geográficos e históricos) que dão indícios dos processos de constituição do sistema literário digital. Nessa direção, o contributo teórico da pesquisadora Mieke Bal (2002), em *Conceptos Viajeros en las humanidades: un guía de viaje*, acena para uma concepção de “**conceito**” que diz respeito a “ferramentas de intersubjetividades que mostram o estado do campo”. O arranjo conceitual proposto para as produções literárias em ambiente digital, perscrutados anteriormente, se colocam para muito além de uma categorização, como um diagnóstico de um campo dissonante, resultado de um sistema em processo de construção no qual os atores estão em disputa.

É por meio dessas *incertezas categoriais* (KLUCINSKAS & MOSER, 2007) que vemos que a *literatura digital*, enquanto conceito em construção, enfrenta instabilidades em seus processos de produção, inscrição, distribuição, recepção e institucionalização. Isso posto, ler a concepção de conceito por meio dos contributos de Mieke Bal (2002) nos dá margem para o entendimento do termo como movediço, e é na mobilidade que podemos ver as diferenças históricas, culturais e técnicas. Assim, a transitoriedade do termo - e a inserção de um elemento ou outro dentro do rol que compõe a conceitualização de literatura digital/eletrônica - deslinda um campo em processo de formação, cujas características dialogam amplamente com o entorno no qual estão inseridos.

Um dado significativo que se descortina no confronto entre as definições de literatura digital dadas pelos diversos atores do campo - Texto Digital (2004), Katherine Hayles (2009), Carolina Gainza (2016), Leonardo Flores (2016), Giselle Beiguelman (2014) e Laura Borrás Castanyer (2013) - diz respeito ao fato de a literatura digital não contar ainda com um polissistema (EVEN-ZOHAR, 2017) consolidado, o que consequentemente cria rastros de imprecisão e instabilidade por parte dos atores que movimentam essa cena literária emergente. As diversas vozes - que em determinados aspectos se mostram dissonantes - são o diagnóstico dos processos enfrentados por uma literatura em formação. Apresentado esse cenário, cabe-nos aproximar um pouco mais as nossas lentes do nosso contexto crítico localizado.

2.2 ESPECIFICIDADES DA LITERATURA DIGITAL BRASILEIRA

Para compreender historicamente a emergência da literatura digital brasileira em seus aspectos teórico-críticos e artísticos é indispensável a tentativa de realizar, ainda que arriscadamente, algumas associações que demarcam o nosso emergente cenário e as nossas especificidades. Além de construir uma crítica de caráter situado, por estarmos

lidando com uma literatura claramente ancorada no desenvolvimento tecnológico, é significativo apontar que a literatura digital, neste trabalho, impõe dois modos de ler: pelo viés da crítica situada e pela ênfase ao contexto tecnológico. É fato que essas leituras se somam e constroem um sentido específico para a literatura digital produzida no Brasil. Assim essa separação é mais uma forma de operacionalizar a leitura e marcar a predominância das questões técnicas e/ou estéticas que perpassam as produções brasileiras.

Nos estudos literários, é profícuo o estabelecimento de relações entre as obras literárias e o seu contexto. Pensar o contexto não traz inconveniente para o pensamento crítico localizado a que nos propomos. Ao mesmo tempo em que assumimos uma postura crítica situada, embasamo-nos em nossa história “estética” e “técnica” justamente para fundamentar a necessidade de um pensamento especializado, desde o nosso centro. Dessa forma, temos de um lado a necessidade de levantar questões específicas, na chave de um conhecimento situado, e, de outro, a demanda por conhecer historicamente os passos que já foram dados, sobretudo no espectro tecnológico. A isso somamos a necessidade de uma crítica situada que estabeleça um diálogo com o contexto tecnológico brasileiro.

Compreender historicamente a literatura em “suas diferentes modalidades de apropriações” (CHARTIER, 2002) aponta para a importância de se lançar sobre a literatura um olhar documental. Trazendo essa nuance para a discussão ao anuir que “uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades de apropriação dos textos” (CHARTIER 2002, p. 255), perguntamo-nos: o que deve ser considerado contextualmente ao se pensar a crítica literária institucionalizada sobre literatura digital? Giselle Beiguelman (2014), ao referir-se a produções artísticas que fazem uso das tecnologias dos novos meios, ressalta que o contexto é parte imprescindível do processo.

É verdade que o contexto sempre interfere na compreensão da obra de arte. Contudo, [como notou Lovejoy,] a internet cria uma situação totalmente inédita em que a relação entre conteúdo e contexto é de intercâmbio permanente. (BEIGUELMAN, 2014, p.13).

Assim, justificamos nossa necessidade de levantar contextualmente três questões que despontaram como incontornáveis para entender a literatura digital brasileira na sua relação com a crítica: i) nossa história literária em seus aspectos formais, ii) nossa história sócio-literária – se é que assim podemos dizer, em seus aspectos estéticos e iii) nossa história tecnológica, que pressupõe entender aparelhos tecnológicos e conexão de rede.

Seguindo a ordem de desdobramentos, pareceu-nos amplamente significativo pensar no percurso tecnológico brasileiro, verificando se de fato há um “*delay*” relativo à chegada e à assimilação das tecnologias digitais, o que comprometeria imediatamente os processos tanto de criação literária como de reflexão crítica sobre as produções desenvolvidas em e/ou para ambientes digitais.

Insistimos nessa questão, num primeiro momento, por perceber que de fato esse ruído se confirma se compararmos as produções que estão compondo a literatura digital brasileiras com as produções referentes à literatura digital estrangeira/estadunidense – país que de fato garante para si o legado de origem dos novos meios. Notamos que há uma forte tradição norte-americana vinculada às narrativas hipertextuais, até mesmo por conta dos esforços empreendidos pela *Electronic Literature Organization*²¹ - organização sem fins lucrativos criada em 1999 com o intuito de disseminar a literatura digital que propôs um dos primeiros conceitos de literatura digital: “Obra com um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em redes” (ELO *apud* Hayles, 2009, p.21).

O desalinhamento entre as características da produção digital brasileira em relação à internacional é facilmente percebido quando passamos por trabalhos de estudiosos do tema, que traçam as características e recorrências estéticas dessa literatura. A título de exemplo, podemos citar Katherine Hayles (2009), Espen Aarseth (1997) e Janet Murray (2003), que, em seus trabalhos, ao exemplificar a produção literária digital, apontam um número significativo de narrativas hipertextuais. O exemplo clássico que circula entre distintos teóricos é a produção digital intitulada *Afternoon a Story*²² (1987), uma narrativa hipertextual escrita em um programa de hipertexto chamado *Storyspace* por Michael Joyce, que, junto de Jay David Bolter, desenvolveu o *software*. De acordo com Janet Murray (2003):

Afternoon contém 593 lexias cuidadosamente elaboradas e começa com uma – embora não seja necessariamente a primeira a aparecer – intitulada “Eu quero dizer”; essa lexia consiste de uma única e intrigante frase: “Eu quero dizer que posso ter visto meu filho morrer hoje.” A partir disso, o leitor é impelido a clicar pelas lexias (similares a fichas) afora, para descobrir mais. Há muito o que saber sobre o narrador, Peter, sobre sua ex-mulher, suas amantes e seus amigos, mas a maioria

²¹ O site da organização pode ser acessado em: <https://eliterature.org/>

²² No Youtube é possível encontrar vídeos de navegação simulada dessa narrativa hipertextual: <https://www.youtube.com/watch?v=djIrHF8S6-Q> (acesso em 02/02/2020). É interessante o fato desse objeto fazer uso de uma plataforma desenhada para produções hipertextuais em contrapartida com o momento presente, no qual objetos digitais são desenvolvidos por meio de plataformas pré-existentes.

dos leitores não consegue determinar se seu filho está vivo ou morto, ou o que Peter pode ter visto no local do acidente rodoviário. (MURRAY, 2003, p.66).

É significativo sublinhar que o programa *Storyspace* foi criado especificamente para a construção de narrativas hipertextuais, e esse simples dado aponta o pioneirismo dos Estados Unidos tanto na criação de *softwares* quanto no que diz respeito ao interesse na produção de narrativas hipertextuais. Os dados do projeto *Observatório da Literatura digital brasileira* confirmam essa discrepância. Quando buscamos no acervo as características de composição poética²³, temos um total de 92 remissões para a multimodalidade e 22 remissões para a hipertextualidade – dado que mostra que, no Brasil, predominam escolhas formais relacionadas à construção de poesia digital.

Nosso intuito, ao apontar essa informação, não é o de colocar a literatura digital em um espaço de disputa entre países e tecnologias pioneiras, mas sim de marcar como esses fatos históricos foram determinando o imaginário atual e as características dessas produções.

Outro exemplo, que mostra essa discrepância são os gêneros de literatura digital definidos por Katherine Hayles (2009), ampliados e revisitados por Leonardo Flores (2021). Muitas das proposições feitas pelo pesquisador, com base nos traços estéticos enfatizados pelas produções digitais, não dialogam diretamente com o que tem sido produzido no Brasil, o que conseqüentemente interfere nos desdobramentos críticos. Em 2019, analisando os objetos digitais publicados na revista *Texto Digital*, que será estudada prioritariamente em seu aspecto crítico, discutimos (ROCHA e AMÂNCIO, 2019) a disjunção entre os gêneros da literatura digital - descritos pelos pesquisadores Katherine Hayles (2009) e Leonardo Flores (2018, 2021) - e as produções no contexto brasileiro.

Na *Revista Texto Digital*, 16 objetos retomam diversas formas poéticas, apontando para um dado que já tínhamos levantado a partir de outra pesquisa e que diz respeito ao fato de que, no Brasil, grande parte das produções literárias digitais não se configura como prosa, sequer apresenta estrutura narrativa. (ROCHA e AMÂNCIO, 2019, p.130).

Nossa reflexão busca considerar os intentos teóricos e artísticos empenhados no Brasil, tendo como parâmetro nossa própria realidade, sem desconsiderar o diálogo com

²³ A informação pode ser conferida por meio dos filtros de busca do arquivo do projeto: encurtador.com.br/gAGX8

pesquisadores e perspectivas teóricas de outros países. Trata-se de estender a necessidade de “gerar uma caixa de ferramentas conceituais”, como aponta Carolina Gainza (2018), para ver a nossa literatura digital por dentro, considerando também nossa produção crítica.

É preciso gerar uma caixa de ferramentas conceituais que se adeque às necessidades de interpretação que emanam de uma prática literária vinculada a uma materialidade diferente, que gera um universo de percepções e experiências distintas à experiência estética do impresso. (GAINZA, 2018, p.7, tradução nossa²⁴).

Do mesmo modo que olhar para a literatura digital com as lentes do impresso é o mesmo que não a ver (HAYLES, 2009), olhar para a literatura digital tendo como parâmetro somente as produções críticas internacionais também nos daria uma visão "distorcida" da realidade. Nesse sentido, apresentaremos algumas de nossas especificidades para, a partir daí, estabelecer diálogos, enfatizando a importância do reconhecimento das discrepâncias. Muitas vezes, é por meio do estranhamento que as noções conceituais são formuladas e parâmetros analíticos são reestabelecidos.

Apesar da presença de narrativas hipertextuais - como *Tristessa*²⁵, *Um estudo em vermelho*, *Terminal*, *Dia de folga* e *Owned: um novo jogador* -, predomina na literatura digital brasileira, como mostra o trabalho da pesquisadora Taciana Gava de Menezes (2020), a poesia digital. Essa informação também se comprova²⁶ por meio dos dados do projeto *Repositório da literatura digital brasileira* apresentados pela pesquisadora Rejane Rocha (2018): 40% dos objetos digitais mapeados são poemas produzidos no programa *Flash*²⁷.

A fartura de poesia digital produzida por meio do *Flash* no Brasil estabelece uma relação direta com a nossa história literária, dado que se confirma, para além do mapeamento realizado pelo projeto *Observatório da literatura digital brasileira*, no

²⁴ *Es necesario generar una caja de herramientas conceptuales que se adecúe a las necesidades de interpretación que emanan de una práctica literaria vinculada a una materialidad diferente, que genera un universo de percepciones y experiencias distintas a la experiencia estética de lo impreso.* (GAINZA, 2018, p.7).

²⁵ Os objetos digitais citados neste trabalho podem ser acessados através do *Observatório da literatura digital brasileira*

²⁶ Os dados foram apresentados no Seminário de Artes digitais em 2019.

²⁷ “Um reprodutor multimídia que trabalha em navegadores de internet e reproduz arquivos em formatos Flash, como XML, SWF, FLV, entre outros. Nos primórdios da internet, o Adobe Flash Player foi pioneiro em reproduzir qualquer arquivo de mídia que contasse com movimento e som simultâneos, tanto que a plataforma YouTube utilizou o reprodutor por muito tempo até migrar para a reprodução de arquivos baseada em HTML5”. (MENEZES, 2020, p.24)

trabalho de Jorge Luiz Antônio. Em 2010, o pesquisador publicou o estudo *Poesia Digital: Teoria, história e antologia*, propondo uma abordagem panorâmica que mostra a importância desse gênero no Brasil. O estudo aponta que há registro de poesia digital no Brasil desde 1959 (ANTÔNIO, 2010, p.16).

Jorge Luiz Antônio (2010) afirma que o Brasil tem uma larga tradição nesse campo, o que mais uma vez justifica nossa insistência em considerar o contexto de produção, inscrição, circulação e recepção dos objetos artísticos brasileiros. Esse dado se relaciona ao mesmo tempo com duas questões contextuais que têm suscitado debate: o momento no qual os artistas brasileiros começaram a acessar ferramentas computacionais para a realização de produções artísticas e o concretismo como uma possível filiação formal.

Ainda assim, é discutível categorizar como poesia digital os experimentos literários realizados em 1959 devido à natureza dos equipamentos técnicos que foram mobilizados, o que nos leva a fazer um contraponto: há teóricos que consideram produções experimentais, antecedentes à consolidação do computador, como produtos da Pré-história da literatura digital, o que efetivamente se coloca como uma etapa anterior à produção de literatura digital. Mesmo diante dessas dissonâncias, é significativo marcar a incidência dessas manifestações literárias no Brasil, pois elas guardam, de certo modo, a ancestralidade da literatura digital (MENEZES, 2020).

O autor de *Arte e mídia*, Arlindo Machado (2007), refaz a trajetória de inserção das tecnologias digitais nas produções artísticas brasileiras, notabilizando a trajetória da arte digital no Brasil desde as experimentações de arte cinética de Abraham Palatnik²⁸ já em 1950.

[...] Embora grande parte dos pioneiros da *computer art*, nos anos 1960/1970, tenha sido de europeus e norte-americanos – pela razão óbvia de que viviam em contextos científicos em que a pesquisa com informática estava mais desenvolvida –, um brasileiro ocupou lugar importante entre os inventores desse campo de criação artística. (MACHADO, 2007, p.51).

Ainda na esteira dessa discussão, Marjorie Perloff (2013) lê o movimento concretista²⁹ como um “legado brasileiro” à poesia digital. No Brasil, o concretismo teve como principais representantes os irmãos Haroldo de Campos e Augusto de Campos, além de Décio Pignatari. O movimento concretista entra em cena no debate pelos seus

²⁸ Informações sobre o autor: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9891/abraham-palatnik>. Acesso em 07/08/2020.

²⁹ O programa concretista é melhor compreendido como uma revolta contra a transparência das palavras, que havia dominado o discurso das décadas de 1950 e 1960. (PERLOFF, 2013, p.42)

aspectos materiais referentes à multimodalidade. Com produções que dialogam com os traços poéticos do digital (PERLOFF, 2013, p.43). Na hipótese de Marjorie Perloff (2013), a poesia digital brasileira herda do concretismo seus principais traços estéticos/formais. No mesmo caminho de leitura, o professor e artista conceitual Kenneth Goldsmith chega a afirmar que o concretismo brasileiro é uma antecipação poética do que o digital permite atualmente.

Eu fiquei atordoado. Tudo que Pignatari dizia parecia prever o funcionamento da internet (...) o envio, o conteúdo, a interface, a distribuição, as características multimídia, só para citar alguns elementos. De repente, fez sentido: como na famosa declaração de Kooning: “A história não me influencia. Eu que influencio a história”, demorou até a vinda da Web para vermos o quanto a poética concretista foi pré-ciente em prever sua própria e calorosa recepção meio século depois. De imediato, compreendi que o que faltava para a poesia concreta era um ambiente apropriado em que ela pudesse florescer. Por muitos anos, a poesia concreta tem estado num limbo: um gênero deslocado em busca de um novo meio. E agora, ela o encontrou. (GOLDSMITH *apud* PERLOFF, 2013, p.96).

Não podemos discordar de Kenneth Goldsmith, pois parte significativa das produções literárias digitais ecoam traços formais do concretismo. No entanto, é significativo considerar o contraponto apontado pela pesquisadora Taciana Gava de Menezes (2020). Em trabalho intitulado *Augusto de Campos entre dois séculos: Poeta concreto e digital*, Menezes (2020) ressalta que, por mais que haja uma relação formal entre poesia digital e concretismo, essa relação é somente formal. Não abarca o contexto de produção e circulação da agenda Concretista, pautada na desautomatização do verso e no jogo sintático, configurando um projeto estético e político entrelaçado historicamente com a cena social dos anos 50.

O caráter experimentalista da poesia concreta e os caminhos pelos quais os poetas seguiram experimentando com a linguagem seja com o percurso histórico, tecnológico e artístico do Brasil e, de certa maneira, é uma chave interpretativa para a compreensão do modo pelo qual o poema concreto, proveniente de um movimento de vanguarda dos anos 1950, nasce em um contexto histórico específico em que a mídia central era a televisão e perpetua até a sociedade da informação, circulando na web. (MENEZES, 2020, p.30).

Para a pesquisadora do *Observatório da literatura digital brasileira*, o concretismo não é uma antecipação da poesia digital, pois o concretismo foi um movimento vanguardista que não perdura até os dias atuais. Mesmo diante de incertezas teóricas, que

A revista esteve no centro do debate por ter sido produzida por meio do programa *Flash* - o que colocou um problema, já que o programa foi descontinuado³¹ no início de 2021. Todos os 40 objetos mencionados estiveram inacessíveis em sua totalidade, podendo ser lidos apenas por meio dos vídeos de navegação simulada – estratégia de preservação elaborada pelo *Repositório da literatura digital brasileira*.

O editor da revista Fabio Oliveira Nunes conseguiu dar acessibilidade à revista por meio de um emulador chamado *Ruffle*. Esse exemplo de obsolescência do *software* é importante, pois outros objetos digitais produzidos por meio do *Flash* seguem inacessíveis, fato que mostra que, em muitos momentos, a participação de artistas e produtores na resolução de problemas técnicos é determinante para o funcionamento dos objetos. A saber, parte significativa das produções que têm relação com um percurso histórico, estético e até mesmo político “saíram do ar”, confirmando a efemeridade e transitoriedade da rede, e reforçando a necessidade do desenvolvimento de estratégias para preservar essa história.

Quando nos referimos às estratégias para preservar essa história, temos ampla consciência de que, em muitos casos, será impraticável preservar os objetos em sua totalidade material. E, nesse dado, está posta a importância de estratégias de “preservação em camadas” (BEIGUELMAN, 2014) e a necessidade um mapeamento da crítica literária empreendida sobre esses objetos. No presente, a crítica, além de cumprir com sua função de origem, também se coloca como um documento histórico.

O pesquisador Lev Manovich (2002) desenvolveu diversos trabalhos sobre a poesia em *Flash*, constatando a existência de uma estética própria ao denominar as produções realizadas por meio do programa como pertencentes à “estética flash” (MANOVICH, 2002). Uma pergunta que poderíamos fazer nesse momento é como ficam as discussões realizadas por esses pesquisadores que conceitualizam e definem a *poesia flash* como um gênero? Como tentativa de resposta, levantamos a importância de se pensar contextualmente a internet, pois o contexto, no âmbito das produções emergentes, é mais uma forma de conexão com os conteúdos e com as suas reverberações teóricas.

Na internet, o contexto está intimamente conectado ao conteúdo. A dinâmica da web traz elementos informacionais por meio de diferentes fontes que são combinadas apenas quando o participante ativa a tela. Os comandos do monitor estão conectados ao código estruturado e programado do site, os quais estão disponíveis por meio de um servidor

³¹ Não terá extensão válida para o Google Chrome a partir de dezembro de 2020.

local conectado a um território globalmente acessível. [...] Por intermédio de meios de transferência e transmissão, o contexto também pode tornar-se conteúdo. (Lovejoy, 2004, p. 223 *apud* BEIGUELMAN, 2014).

O surgimento e apagamento do programa *Flash* também se coloca como um conteúdo, assim como a relação entre o concretismo brasileiro e a poesia digital se coloca como um dado teórico e contextual. Nós, como pesquisadoras do Observatório da literatura digital brasileira, lemos essa relação da seguinte forma: se pensarmos a questão pelo conceito de *médium*, colocando a premissa da inextricabilidade da relação entre materialidade e construção estética, vemos uma inversão de significação. Não temos o concretismo esperando o digital para se realizar, mas o digital buscando inspiração poética e material em movimentos anteriores. A inversão nos modos de ler o concretismo brasileiro na sua relação com a literatura digital não anula a ressonância formal, mas coloca a discussão no curso de qualquer literatura emergente, isto é, a busca por referencialidade no passado. Ao associar a literatura digital brasileira ao concretismo, o primeiro passo é atentar à noção de materialidade/médium que nos guia.

Ainda é interessante pensar como ficam os poemas produzidos no presente: é produtivo ou contraproducente ancorar as inúmeras possibilidades dadas pelo digital à recriação da estética concretista? Essa questão nos leva a pensar nos argumentos de Giselle Beiguelman (2014) ao dizer que “nós”, no centro das inovações tecnológicas, não estabelecemos relação com o presente, mas buscamos uma recriação do passado, seja estético, seja literário. Segundo a escritora e pesquisadora, a nossa geração (Século XXI) é a que mais reproduz um design de experiência centrado na retromania.

Esses dados mostram que as especificidades relacionadas ao estudo da literatura digital brasileira - sua tradição literária relacionada a uma escolha formal potencializada por escolhas materiais - deixarão vestígios não só estéticos e artísticos como teóricos. Como será possível entender questões epistemológicas referente à produção literária digital em *Flash* sem termos total acesso aos objetos digitais que abrem disputas no campo teórico? Entendemos ainda, por meio de uma perspectiva arquivística, que documentos que, em um primeiro momento, foram pensados como subsídio teórico, nesse contexto se transformam em arquivos por meio dos quais é possível apreender não só impasses teóricos como aspectos mais amplos de produções que atualmente estão inacessíveis. Dessa forma, depreendemos o valor potencial da crítica para além de sua origem essencial como um arquivo de um presente efêmero. “Entende-se arquivo, então,

como o conjunto dos vestígios de uma cultura, a serem analisados, no presente, pelo olhar desmistificador do ‘arquivista’.” (PATO, 2012, p.41).

Outra especificidade que merece ser considerada são as produções literárias digitais brasileiras que surgem e referenciam obras que marcaram nossa literatura por conduzirem uma abordagem direta da realidade sócio-histórica do país. Como exemplo, remetemos a *Quarto do esquecimento*, de Vinícius Rutes Henning, um objeto que estabelece um diálogo direto e proposital com a obra *Quarto de despejo* (1960), da autora brasileira Carolina Maria de Jesus.

Figura 5 - Imagem do objeto digital *Quarto do esquecimento*



Fonte: *Quarto do esquecimento*

Vinícius Rutes Henning é graduando do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisador do Núcleo de pesquisa em informática, literatura e linguística – NUPILL e membro da Mafuá – revista de literatura em meio digital. No que diz respeito à remissão a outras literaturas, é significativo sobrelevar essa produção em específico, pois trata-se de uma vinculação a uma das produções mais sensíveis, polêmicas³² e representativas da literatura brasileira. O objeto digital *Quarto do esquecimento* deslinda a dimensão contextual que as produções brasileiras carregam devido à relação e até mesmo possibilidade de releitura que

³² Em 2017, a Academia carioca de letras fez uma homenagem à Carolina Maria de Jesus e na ocasião um professor de literatura disse que a obra da autora não poderia ser tratada como literatura: <https://www.geledes.org.br/professor-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-e-literatura-e-provoca-embate-no-rj/>

proporcionam. Não há como olhar para esse objeto digital sem referenciar o contexto literário, social, político e técnico ao qual ele se vincula.

Dessa forma, confirmamos que “a literatura digital, então, se reconhece como literatura não só a partir da implicação da linguagem verbal com função poética, mas também a partir de seu diálogo com a história literária, isto é, com formas e práticas literárias anteriores.” (KOZAK³³, 2017, p.5). Além do objeto digital fazer referência a *Quarto de despejo*, há uma especificidade técnica que deve ser considerada: o objeto foi programado por meio do *Unity* em conjunto com o *Fungus*, programas gratuitos usados, *a priori*, para concepção de jogos. Dessa forma, temos não só uma apropriação literária como também técnica, fazendo com que *Quarto do esquecimento* seja um emblema da produção literária digital brasileira por trazer característica da literatura digital na periferia do mundo em seus aspectos técnicos e estéticos. Como o próprio autor colocou, em entrevista realizada por e-mail, o objeto foi desenvolvido de uma maneira na qual fosse possível programar sem saber programação.

Assim, por meio da relação entre poesia digital e concretismo, buscamos caracterizar as especificidades relacionadas ao uso de recursos multimodais na literatura digital brasileira. Colocando em cena o objeto digital *Quarto do esquecimento*, ressaltamos que a literatura digital brasileira, mesmo baseada em tecnologias internacionais, revela aspectos particulares relacionados à história literária do país: “há uma dimensão conceitual no entendimento de ‘técnica’ que diz respeito ao modo como o artista faz uso dos elementos materiais da obra e de sua ruptura com as práticas tradicionais” (MAGALHÃES 2014, p.38). Essa dimensão conceitual do uso da técnica a respeito das circunstâncias sociais, políticas e econômicas, é central na perspectiva analítica que empreendemos sobre a produção crítica armazenada na *Texto Digital*. Ante essas especificidades, cabe-nos entender como a crítica literária institucionalizada de literatura digital tem dado respostas.

No que tange à discussão do conceito de literatura digital e à possibilidade de englobar ou excluir determinados objetos, o contexto brasileiro começa a impor necessidades de revisões conceituais, uma vez que começam a surgir produções de literatura digital produzidas em plataformas pré-existentes como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *Medium*.

³³ *La literatura digital, entonces se reconoce como literatura no sólo a partir de la implicación del lenguaje verbal con función poética sino también a partir de su diálogo con la historia literaria, esto es, con formas y prácticas literarias anteriores* (KOZAK, 2017, p.5).

Novas produções acabam determinando atualizações. Assim, parece-nos significativo apontar uma última definição de literatura digital que traz em seu detalhamento a possibilidade de englobar as experimentações pelo viés da reconfiguração de plataformas existentes.

Assim, entendemos que a literatura digital compreende obras que se constroem explorando as potencialidades das técnicas e tecnologias digitais, bem como enfrentando as suas limitações, seja pela experimentação com o código, seja pela experimentação com o meio. A experimentação com o código pressupõe a programação total ou parcial de linguagens computacionais, a fim de produzir literatura; a experimentação com o meio diz respeito às variadas formas de utilização de plataformas digitais existentes, reconfigurando as finalidades para as quais foram criadas, subvertendo o seu uso no sentido de testar as possibilidades literárias abertas por essa reconfiguração. (ROCHA e AMÂNCIO, 2021, p.2).

A atualização do conceito de literatura digital se mostra significativa não só no que diz respeito à inclusão de novas plataformas digitais para as produções, mas também pelo fato de o trabalho com plataformas pré-programadas serem um diagnóstico das condições técnicas de países periféricos. Muitos dos autores brasileiros não têm domínio de programação e/ou condições econômicas e técnicas, o que culmina na exploração das plataformas digitais pré-existentes, tanto para a criação de gêneros emergentes quanto para a revitalização (FLORES, 2021, p.361) de traços estéticos pertencentes a categorias anteriores. A revisão do conceito de literatura para a inclusão de formas de experimentação com o meio é, portanto, uma forma de incluir e criar um modo de ver os artistas que trabalham e produzem arte na periferia tecnológica.

Por meio desses breves exemplos relacionados a particularidades do cenário brasileiro, vemos que é inviável pensar a literatura digital produzida no Brasil desconsiderando as particularidades contextuais, que se dão em três diferentes níveis – estrutural, estético e técnico – e acabam definindo-a

3 CAPÍTULO II *TEXTO DIGITAL*: PERCURSOS POSSÍVEIS

Exposto esse contexto referente à produção artística de literatura digital, é significativo compreender os modos e os espaços nos quais tem se desenvolvido o posicionamento teórico-crítico sobre essa mesma literatura sem perder de vista as proposições de Itamar Even-Zohar (2017), que apontam como todos esses espaços penetrados pelo literário, em suas diferentes instâncias, contribuem para constituir a instituição literária.

Em termos específicos, a instituição inclui pelo menos parte dos produtores, “críticos” (de qualquer tipo), casas editoriais, publicações periódicas, clubes, grupo de escritores, departamentos de governos (como ministérios e universidades), instituições educativas (escolas de qualquer nível, incluindo as universidades), os meios de comunicação de massa em todas as suas facetas e mais. (EVEN-ZOHAR, 2017, p.12³⁴).

Como defendemos anteriormente, a literatura não é estável e, tampouco, restrita à materialidade impressa. Diante desse paradigma, faz-se necessária uma abordagem crítica que dialogue com as produções literárias que estão surgindo na medida em que as tecnologias digitais se integram à literatura. Assim, justificamos a necessidade de lançar um olhar crítico situado (GUERCI DE SIUFI, 2008) sobre a *Texto Digital*, ressaltando que a leitura distante e a situada não constituem uma oposição. (KOZAK, 2017, p.11).

O primeiro periódico acadêmico científico que propõe discutir criticamente as relações entre arte e digitalidade surge em 2004 e, no decorrer de seu percurso, se consolida como um espaço de abertura para as (sempre) novas questões relacionadas ao digital. A *Texto Digital* foi idealizada por um grupo de pesquisadores durante o *I Simpósio de Literatura e Informática*, que aconteceu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em novembro de 2003, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade de Brasília (UNB) com o apoio da FAPERJ – Fundação de amparo à pesquisa do estado do Rio de Janeiro. Foi durante este primeiro *Simpósio de literatura e informática* (2003) que um grupo de pesquisadores, sob a

³⁴ *En términos específicos, la institución incluye al menos parte de los productores, “críticos” (de cualquier clase), casas editoras, publicaciones periódicas, clubs, grupo de escritores, cuerpos de gobiernos (como oficinas ministeriales y academias), instituciones educativas (escuelas de cualquier nivel, incluyendo las universidades), los medios de comunicación de masas en todas sus facetas y más. (EVEN-ZOHAR, 2017, p.12)*

coordenação de José Luiz Jobim e Hérís Arnt, sentiram a necessidade de criar um espaço de discussão especializado para as questões que começavam a se colocar como inescapáveis no âmbito da teoria literária. Na apresentação do livro *Literatura e informática* (2005), organizado pelo pesquisador José Luís Jobim, podemos identificar que a realização do evento marcava a urgência de se dar início, institucionalmente, às discussões relativas à literatura em diálogo com o que no momento era denominado informática.

No ambiente acadêmico, vários grupos e linhas de pesquisa têm surgido nos últimos anos, dando margem à redação de dissertações e teses, à publicação de trabalhos em periódicos da área e revistas de grande circulação. Até o momento, no Brasil, contudo, os pesquisadores têm-se apresentado em congressos nos quais a especificidade das pesquisas sobre literatura e informática se dilui em temas mais genéricos. (JOBIM, 2005, p.7).

O contexto histórico que marca o surgimento do periódico, portanto, é inerente à realização do *I Simpósio de literatura e informática* em 2003, imbricamento que se confirma na inauguração da *Texto Digital*, trazendo, em sua primeira edição, os trabalhos apresentados no Simpósio.

Tabela 2 - Artigos publicados no livro *Literatura e informática* (2005).
Trabalhos apresentados durante o Simpósio de literatura e informática (UERJ, 2003)

Autor	Título do trabalho	Universidade
José Luís Jobim	Apresentação	Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Universidade Federal Fluminense
Alamir Aquino Corrêa	Técnica e valor do texto literário na era digital	Universidade Estadual de Londrina
Alckmar Luiz dos Santos	Condições de contorno e embates da poesia digital	Universidade Federal de Santa Catarina
Ana Cláudia Viegas	Quando a técnica se faz texto ou a literatura na superfície das redes	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dinamara Garcia Rodrigues	Uma profecia de Roland Barthes – literatura e novas tecnologias : a modernidade lida pela pós-modernidade	Universidade Estadual Paulista
Fernando Fábio Fiorese Furtado	Do dedo ao dígito: em torno da poesia na era do digital	Universidade Federal de Juiz de Fora
Gilda Neves da Silva Bittencourt	Informática e ensino de literatura na UFRGS	Universidade Federal do Rio grande do Sul
Gustavo Bernardo	Pedagogia Fahrenheit	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Héris Arnt	Jornalismo, literatura e novas Tecnologias	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
José Luís Jobim	Autoria, leitura e bibliotecas no mundo digital	Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Universidade Federal Fluminense
Rogério Lima	O lugar onde a estrutura se Desenrola	Universidade de Brasília
Sonia Zyngier	Polifonia de discursos: análise computacional de um corpus literário	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Tania M. G. Shepherd	Informática e literatura : revelando identidades textuais	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pela autora com base no Sumário do livro *Literatura e informática*

A realização desse evento acadêmico científico e a posterior criação do periódico *Texto Digital* tiveram como objetivo criar um espaço especializado de discussão. Como apontado por José Luís Jobim (2005), as discussões da área estavam diluídas em meio a muitas outras, é certo que a falta de interlocução dificulta a criação de um “Polissistema literário” (EVEN-ZOHAR, 2017) digital. Nesse sentido, não é demais afirmar que esse esforço inaugura não só um periódico, mas um campo específico de estudo no Brasil. Dado o contexto de criação do periódico e a necessidade de especialização do debate, podemos confirmar que, por meio de uma síntese temática das publicações de 2004, os

Quando se introduz a circulação de textos em meio digital, há alguma alteração relevante a ser considerada?

Nas linhas que seguem, trataremos sumariamente da propriedade da obra e dos chamados “direitos autorais” no mundo digital, buscando demonstrar que aí surgem novos elementos, que não estavam presentes no mundo do papel, implicando novas modalidades de sentido para a autoria. (JOBIM, 2004, p.80, grifo nosso).

Com base nessa proposta, o pesquisador discute os desdobramentos que a noção de autor/autoria poderia vir a ter no meio digital – junto dos problemas colocados pelas novas tecnologias, dada a incompatibilidade das leis de direitos autorais com as práticas do meio digital. Não nos interessa validar se as proposições feitas pelos autores se concretizaram ou não, mas compreender as discussões que o contexto de emergência tecnológica propiciou. Interessa-nos apontar como os artigos publicados na primeira edição do periódico se colocam historicamente e, nesse sentido, é interessante pontuar que a autoria é uma instância que frequentemente entra nos debates.

Por meio do artigo de Jobim (2004), pontuamos como a tecnologia coloca dois problemas para a autoria. O primeiro diz respeito à própria noção de autor e a sua prática criativa, que começam a ser interpelados por procedimentos como apropriação, citação, reciclagem e escrita não criativa. O segundo problema diz respeito a questões de ordem legal, que foram pensadas para garantir a autoria em objetos que têm o impresso como materialidade inscricional. Esse fato que nos leva à seguinte questão: como garantir os direitos autorais das produções que emergem de *softwares* e plataformas digitais?

Além disso, o trabalho de José Luís Jobim tenta dar conta das dificuldades de leitura impostas pelas tecnologias digitais ante o surgimento do *e-book* e do acesso ao texto digital. Ante esse novo artefato técnico, o artigo traz como “resposta” uma discussão sobre os caminhos da leitura e do leitor no Brasil. É interessante o modo como o autor problematiza a noção de *e-book*, que parece se confundir com a ideia de texto digital ou hipertexto. Podemos dizer que a leitura em *e-book* ainda aponta questões que merecem ser debatidas, mesmo ante seu uso disseminado. No entanto, as questões sobre os leitores e a leitura na era digital não enveredam por caminhos que dizem respeito a sua definição e funcionamento.

Ainda sobre o *e-book*, enquanto suporte de leitura, e as reflexões suscitadas na primeira edição da *Texto Digital*, é emblemático ressaltar os modos como o surgimento de um aparelho tecnológico suscita questões e impõe a necessidade de compreensão e

debate no ambiente acadêmico. Em nosso exemplo, o tema acaba compondo uma crítica que toma como base os conceitos que sustentam o literário.

Um outro trabalho que nos chamou a atenção é o do teórico e produtor de literatura digital Alckmar Luiz dos Santos, que, em vez de dar ênfase à produção literária digital como um fato, propõe condições de contorno para a sua existência, evidenciando seu contexto de surgimento para os artistas brasileiros no início dos anos 2000. Nesse exercício, parece-nos estar imbricada uma estratégia de legitimação. Ao filiar as marcas poéticas das produções dos novos meios a características já consolidadas, busca-se uma estratégia de validação. Os traços que o autor coloca como sendo imperativos de comparação são: tradição oral, escrita e impressa, meios de comunicação de massa e sistemas de construção de interatividades. Por meio da análise desses traços, o autor faz o chamamento que citamos a seguir:

A partir das questões acima colocadas (e de outras tantas que vão surgindo sem parar), será preciso, possível ou desejável que recoloquemos em discussão conceitos como arte, estilo, escola, técnica, subjetividade e objetividade artística. Para enterrá-los por ora ou para recuperá-los para a contemporaneidade, todos ou alguns, como se nos apresentar melhor, contanto que o façamos!. (SANTOS, 2004, p.79).

Alckmar Luiz dos Santos (2004) aponta para uma necessidade de se discutir os conceitos relacionados à arte de modo geral, deixando claro que o advento das novas tecnologias desestabiliza esse cenário e requer reconfigurações. Os artigos *Do dedo ao dígito: em torno da poesia na era do virtual*, *O lugar onde a estrutura se descontrola e Técnica e valor na era digital* trazem a temática da perda da aura da obra de arte causada pela reprodutibilidade técnica, fundamentando-se no célebre ensaio de Walter Benjamin. Todos, a seu modo, indagam sobre a perda da autenticidade da obra de arte - ante a emergência da modularidade - e apontam para seu possível declínio. As reflexões trazidas nesses artigos mostram que há um apreço ao impresso e às formas consolidadas. Uma nova tecnologia sempre gera visões apocalípticas, fato que se confirma até mesmo no âmbito da crítica literária.

Quando a técnica se faz texto ou a literatura na superfície das redes, texto escrito pela pesquisadora Ana Cláudia Viegas, traça um panorama das principais respostas que nós, enquanto sociedade, costumamos dar à emergência de uma nova técnica. A partir daí, ela discorre sobre os efeitos da tecnologia na literatura, sempre tentando anular qualquer visão apocalíptica como o fim da leitura ou do livro. Citamos a seguir um

panorama delineado pela autora, no qual são postas as principais questões que transitam entre a literatura e a tecnologia:

As intersecções entre literatura e informática suscitam diversas questões teóricas, não necessariamente inéditas, mas redimensionadas pela reconfiguração do circuito produção-circulação-consumo: inter cruzamento das figuras do leitor e do autor, a partir do modo de leitura hipertextual e das práticas de criação coletiva de textos; discussão das noções de autor e obra, a partir da disseminação da colagem, montagem, apropriação e recriação como processos de criação artística, dando-se mais um passo no deslocamento da aura da obra de arte; redefinição dos critérios de atribuição de valor ao texto literário, dada a sua circulação em meio a uma multiplicidade de tipos de textos, imagens e sons; delicadas questões sobre a autoria e seus direitos jurídicos de propriedade sobre o texto, cuja legislação necessita revisões e atualizações, de acordo com esse novo modo de circulação do texto literário; influência sobre as estratégias retóricas utilizadas na criação literária atual – sempre tendo-se em vista um contexto de reorganização da percepção e da experiência, potencializada por esse novo medium. (VIEGAS, 2004, p.99, grifo nosso).

Esse panorama acaba resumindo as discussões que, no decorrer da breve história da literatura digital, se tornaram incontornável. É interessante a ideia de reorganização da percepção e da experiência que a autora traz, remetendo a 2004, momento no qual a noção de médium já apontava para a ressignificação do paradigma literário. *A Texto Digital*, por meio de todos os trabalhos abrigados no decorrer de sua história, constrói versões e reorganizações dessas percepções sobre a arte e a experiência estética no contexto da digitalidade.

O último trabalho sobre o qual discorreremos é o de Hérís Arnt Telles Ferreira, sobre *Jornalismo, literatura e tecnologias*, no qual é traçado um paralelo mostrando que o modo como a literatura faz uso do hipertexto contribui para o desenvolvimento não só da literatura, mas também do hipertexto, dando o papel de centralidade também à prática literária e não só aos mecanismos tecnológicos.

Dentro de uma perspectiva literária, o conceito de hipertexto refere-se tanto às diversas leituras de um texto quanto às ligações com outras obras. Hipertexto em literatura quer dizer leitura em aberto, que permite sempre novas descobertas, novas reflexões, novos dados que se acrescentam a outros. O hipertexto remete, pois, à ideia de diversidade de leituras, de um texto que se desdobra a partir de um novo recorte, formando um novo encadeamento de ideias. (FERREIRA, 2004, p.129).

Uma outra questão apontada no trabalho de (FERREIRA, 2004) se refere à relação entre a memória e o digital. A autora pontua as potencialidades das ferramentas digitais em relação à digitalização de documentos, ao acesso a banco de dados e às possibilidades de armazenamento e estocagem, tanto de textos literários quanto de trabalhos jornalísticos.

Com base nesse panorama, vemos que a primeira edição da *Texto Digital*, marco histórico de seu surgimento, confirma uma política editorial clara, cujo objetivo central sempre foi firmar um campo de estudo crítico sobre a literatura digital. A edição que inaugura o periódico ainda aponta uma tendência temática/analítica fundamentada em diferentes modos de compreender as reverberações das tecnologias no cenário artístico-literário. A primeira edição do periódico conta com treze trabalhos de pesquisadores que exploraram, em alguma medida, aspectos relacionados à linguagem verbal e à digital³⁵. É significativo inscrever o conjunto temático da primeira edição como uma estratégia que cumpre com seu propósito fundador: discutir o texto literário na sua relação com a digitalidade.

Passados dezessete anos de publicações, está claro que a consolidação da literatura digital requer empenho. Ainda assim, a *Texto Digital* cumpre com o seu papel na criação de um arcabouço teórico-crítico e artístico sobre o tema. Atualmente, a *Texto digital* publica majoritariamente trabalhos que tratam das relações entre novas mídias e literatura, mas também garante um espaço para trabalhos de outras áreas. São produções que têm relação com as artes visuais, a música, a comunicação, as ciências da informação e a educação interdisciplinar, conforme se verifica no *Qualis Capes*, instrumento avaliativo no qual a *Texto Digital* aparece integrada a 5 áreas, sendo Letras e Linguística as mais bem avaliadas.

Desse modo, apontamos que, apesar de concebido como um espaço de discussão literária, o periódico adquiriu abrangência no decorrer dos anos e passou a viabilizar a publicação de artigos que não tratam diretamente da relação entre literatura e novas mídias. No entanto, não podemos perder de vista que, mesmo diante da ampla gama de discussões que os artigos publicados propõem, a *Texto Digital* surge em um evento de literatura, e é no escopo do literário que empenha seus maiores esforços e se firma significativamente.

³⁵ Sobre a primeira edição do periódico realizamos uma apresentação no VI Seminário de Artes digitais - SAD

Figura 7 - Identidade visual da Texto Digital



Fonte: Revista Texto Digital

O periódico também conta com as seções *criações digitais* e *Entrevista com criadores*, fato que nos chamou a atenção em um primeiro momento por essa não ser uma prática recorrente no âmbito da publicação científica. Percebemos que é uma necessidade imposta nesse meio cujos pilares não estão consolidados, como confirma a pesquisadora Rejane Rocha, em entrevista³⁶ concedida a Vinicius Henning, em 2019.

[...] a presença de obras digitais brasileiras em repositórios, antologias, prêmios e festivais internacionais é muito pequena. Não há, para a literatura digital brasileira, ainda, um mercado, um sistema, um campo consolidado. Uma exceção que confirma a regra é o caso das obras digitais dedicadas às crianças, que possuem um mercado próprio e a fizeram parte das categorias do Prêmio Jabuti, em anos anteriores. A história da literatura digital brasileira ainda não foi/não está sendo suficientemente contada e muitas obras correm o risco de se tornarem inacessíveis antes mesmo de serem estudadas, descritas e analisadas.

Assim, a literatura digital, apesar de contar com antologias³⁷, consórcios, repositórios e projetos, por muito tempo não teve um espaço reservado para os objetos digitais, no Brasil. Isso justifica o papel vanguardista assumido pela *Texto Digital* na divulgação e armazenamento não só da produção crítica, mas também de produções artísticas, suprindo as demandas de três atores centrais na divulgação de qualquer literatura: autor, leitor e crítico (BORRÁS-CASTANYER, 2013, p.53).

³⁶ HENNING, Vinicius Rutes. Entrevista com Rejane Cristina Rocha, coordenadora do projeto “Repositório da Literatura Digital Brasileira”. *Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 32, 2019

³⁷ No site atlasldigital.ufscar.br na aba literatura digital pelo mundo esses espaços virtuais podem ser visitados.

3.1 TEXTO DIGITAL: A CRÍTICA SE CONSTRÓI

Tendo em vista que a *Texto Digital* assume distintos papéis ao divulgar não somente a produção crítica institucionalizada, mas também entrevistas com criadores e criações digitais, parece-nos significativo apontar o modo como essas seções se articulam e quais efeitos produzem no que tange a construção de um espaço no qual estão implícitos posicionamentos que inferem na percepção da literatura digital brasileira. O fato da *Texto Digital*, apresentando-se como um periódico acadêmico científico, abrigar em suas páginas criações digitais, indica, para além da escassez dos espaços de divulgação, a maleabilidade da revista no que tange a inserção de diferentes categorias de trabalhos.

Ora, uma edição impressa em papel encontra limites físicos, seja no tamanho do objeto impresso, seja na escala de custos que isto significa, seja mesmo na possibilidade de manuseio de leitura. Uma edição digital escapa de tais limitações, podendo ter qualquer dimensão física, sem aumento considerável de custos; sua extensão não causa problemas de manuseio. (DE SOUZA RIBEIRO, 2006, p. 1).

Sobre a pluralidade de formas possibilitadas pela revista enquanto gênero, Sandra Raguenet (2011, p.114) ressalta que, em muitos momentos, a configuração e reconfiguração de periódicos não responde a critérios fixos. Diferente da política editorial dos livros, a produção publicada em periódicos, seja acadêmica ou literária, permite atualizações conforme as tendências/exigências da cena literária, dado seu modo de funcionamento.

Seus editores repensaram o próprio instrumento segundo modalidades diversas que ofereciam uma nova configuração do campo, que pode ser apreendida desde então não mais com base em um modelo único, mas em uma pluralidade de formas que indicam uma ruptura. (RAGUENET, 2011, p. 114).

Além dessa característica, de antemão constituinte das revistas literárias impressas, a *Texto Digital* surge, diferentemente de outros periódicos que migraram do meio impresso para o digital no início dos anos 2000, como uma plataforma de publicação digital, o que lhe confere de imediato mais possibilidades tecnológicas. Desse modo, as possibilidades de intervenção próprias do gênero revista se somam a uma materialidade de inscrição e circulação fundamentada nos “princípios dos novos meios” (MANOVICH,

2005), que garantem não só a automatização da produção editorial, mas a maleabilidade no manejo do arquivo. Essas questões que, em um primeiro momento parecem meramente técnicas, foram determinantes para a publicação de *Criações digitais* em diferentes formatos, proporcionando um espaço para a divulgação do trabalho de artistas digitais

Ainda no que tange à materialidade de circulação, pudemos recuperar informações que confirmam que, entre os anos de 2010 e 2020, a revista esteve alocada na plataforma *Seer*. Em 2021, a revista passou a usar o “*Open Journal Systems (OJS 3.2.1.1)*”, sistema de código livre gratuito para a administração e a publicação de revistas, desenvolvido com suporte e distribuição pelo *Public Knowledge Project* sob a licença GNU General Public License” (TEXTO DIGITAL).

É interessante pautar que, por mais que a *Texto Digital* tenha empenhado esforços em reservar em suas páginas um espaço para criações digitais, esse gesto não é suficiente no que diz respeito às estratégias de preservação desses objetos, cuja maioria está inacessível. A preservação da literatura digital, devido a suas diferentes especificidades técnicas, exige muito mais que um espaço de divulgação. Portanto, é importante pautar que a revista abre espaço para uma divulgação provisória de diferentes trabalhos artísticos, mas não para a sua preservação, pontuando as diferenças entre divulgar e preservar a arte digital - ações que o gesto da *Texto Digital* nos mostra que nem sempre se dão concomitantemente. Mesmo diante desses constrangimentos técnicos, a seção *Criações digitais* abre debate para o alinhamento da *Texto Digital* com as práticas correntes nas revistas de vanguarda. Sandra Raguenet (2011), ao empreender análises dos usos e das funções das revistas literárias, ressalta que, de maneira geral, as revistas sempre ocuparam um papel marginalizado na história literária, sendo valoradas apenas como um suporte de transmissão.

Como objeto marginal da literatura, a revista se deixa apreender sob o modo do desvio, de uma recepção confusa, devido, entre outras coisas, ao seu duplo estatuto: é um instrumento de difusão, um objeto editorial que, como tal, pertence ao campo da edição, mas é também uma ferramenta de produtores e não de profissionais do livro, um suporte de produções à margem dos circuitos editoriais, à margem do livro e do universo da imprensa. Esse duplo estatuto do objeto, suporte de produção e suporte de difusão paralela, situa a revista à margem dos circuitos oficiais. Ora, essa posição, associada à difusão precária e à falta de visibilidade, gera a seguinte pergunta: em que medida a revista, que ocupa um espaço minoritário no campo literário, pode influenciar a criação e influenciar sua história? (RAGUENET, 2011, p.109).

A percepção sobre o papel das revistas como mero transmissores de informação impede que se perceba sua potência interventora, o que remete a uma prática recorrente nas revistas de vanguarda – abrir espaço para experimentações artísticas, de modo a dar visibilidade a produções que não possuem um espaço próprio e, tampouco, um circuito legitimado. A *Texto Digital* é, nesse sentido, mesmo diante de todos os constrangimentos que os avanços técnicos têm imposto, representativa do comportamento de uma literatura emergente. Sem um espaço próprio de distribuição e armazenamento, as produções encontraram na revista um “abrigo” em espaços periféricos, fora do mercado editorial (institucionalizado ou financeiro). No que tange à produção literária, a *Texto Digital* configura um espaço subalternizado por não empreender esforços sistemáticos de divulgação, distribuição, preservação e manutenção. Diferentemente disso, quando lida pelo viés da crítica universitária, a revista tem um valor significativo na definição e redefinição do cânone, conforme confirma a professora e crítica literária Regina Dalgastagnè (2018, p. 196).

Portanto, estamos lidando com um objeto que apresenta duas faces na constituição de uma literatura emergente. A possibilidade que as revistas acadêmicas têm de intervir e regular o cânone nos leva a apontar uma definição que marca essas possibilidades de intervenção:

O que é cânone literário? Responderei de uma maneira simples e prática: uma lista ou elenco de obras consideradas valiosas e dignas para serem estudadas e comentadas. Esta caracterização leva a subentendidos e consequências. **Entre eles, que nem todas as obras são boas o suficiente para serem lembradas, ou seja, umas são melhores, mais dignas de memória, que outras, e só as que mostram a necessária qualidade estética ou de outro tipo, devem ser conservadas, enquanto o resto cai no esquecimento.** (SULLÁ, 2006, p.12³⁸, grifo nosso).

O que a definição de cânone de Enric Sullá (2012) aponta é que há uma arbitrariedade na determinação do que é cânone. Nesse sentido, quando estamos nos referindo a produções emergentes, a crítica institucionalizada de literatura digital tem ainda mais

³⁸ ¿Qué es el canon literario? Responderé de una manera sencilla y práctica: una lista o elenco de obra consideradas valiosas y dignas por ello de ser estudiadas y comentadas. Esta caracterización conlleva sobreentendidos y consecuencias. Entre aquellos, que no todas las obras son lo bastante buenas para ser recordadas, es decir, unas son mejores, más dignas de memoria, que otras, y sólo las que muestran la necesaria calidad, estética o de otro tipo, deben ser conservadas, mientras que el resto cae en el olvido (SULLÁ, 2006, p.12)

influência, por validar e propiciar uma possível inserção dessas produções emergentes no campo/cena.

Perguntas como “o que é literatura?” ou “o que é cânone?”³⁹ são difíceis de serem respondidas. No entanto, o que efetivamente essas perguntas provocam é uma intervenção dentro do sistema canônico. Os críticos que se debruçam sobre a literatura digital, de certo modo, promovem uma reconfiguração dos sentidos, dando espaço para outras formas de ser tanto para críticos quanto para artistas. Cabe-nos mais uma vez enfatizar o espaço significativo dessa revista na consolidação da literatura digital, em especial a sua história crítica, ainda por ser escrita (KOZAK, 2018, p.18).

Figurando no centro das estratégias e dos dispositivos teóricos e estéticos, dos programas de renovação no campo literário, as revistas tiveram um papel essencial no surgimento dos movimentos que cadencia a história literária por participarem da aceleração de seus processos de evolução. Sua capacidade de antecipação, de acompanhamento e de expressão dos movimentos de criação e **de crítica literária resulta precisamente de seu duplo estatuto, de seu poder de fecundação e de difusão.** (RAGUENET, 2011, p. 111, grifo nosso).

O fato de a *Texto Digital* ocupar um lugar singular no que tange às especificidades de um periódico acadêmico se relaciona também com o papel de legitimação atribuído ao discurso científico⁴⁰. Cabe-nos reconhecer que a circulação de ideias por meio de artigos científicos, que configuram um gênero relativamente estável com ritos previamente definidos, contribui significativamente para a validação do discurso científico como constituinte (MAINGUENEAU, 2006). “A expressão ‘discurso constituinte’ designa fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma” (MAINGUENEAU, 2006, p.60).

É com base na noção de discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2006), e no papel significativo da crítica universitária para manutenção ou alteração do campo (DALGASTAGNÈ, 2018), que marcamos a importância da crítica institucionalizada na difusão e legitimação dessa literatura de circuito indefinido e limites difusos (GAINZA, 2016). Logo, a crítica universitária é um instrumento de anuência que nos compete distinguir, descrever e compreender.

³⁹ Essas discussões foram desenvolvidas com base nas aulas da disciplina “A Crítica Literária Como Prática Social/PPGLIT-UFSCar” ministradas pela Prof. Dr. Lucía Tennina, no segundo semestre de 2019.

⁴⁰ O “discurso científico” é tanto o conjunto dos textos produzidos pelos cientistas como o sistema que permite produzi-los, eles e outros textos qualificados de científicos” (MAINGUENEAU, 2006, p.40)

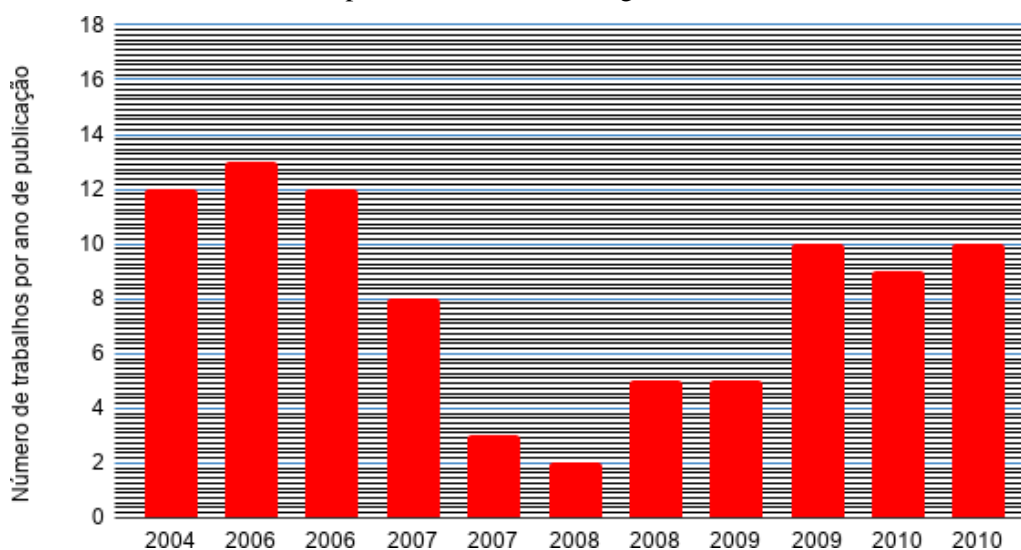
Aqui, o que se pode chamar de “crítica universitária” (a interpelação da literatura feita a partir do universo acadêmico) ganha relevância. Professores e pesquisadores de literatura participam do campo literário em posição singular, que não corresponde às posições de escritores, editores ou mesmo jornalistas culturais. (DALCASTAGNÈ, 2018, p.195).

Nesse sentido, dada a relevância da crítica para a valoração da literatura digital brasileira, apresentaremos os gráficos que trazem informações referente aos artigos científicos publicados na *Texto Digital* entre 2004 e 2018, empreendendo uma análise cruzada entre os dados obtidos com a trajetória das novas tecnologias.

Os estudos literários são, em geral, avessos aos métodos quantitativos, que parecem inconciliáveis com o caráter único de cada obra. Tal singularidade, porém, não é privilégio da literatura: é algo comum aos diversos fenômenos sociais. Ainda assim, o tratamento estatístico permite iluminar regularidades e proporciona dados mais rigorosos, evitando o impressionismo que, facilmente contestável por um impressionismo em direção contrária, impede que se estabeleçam bases sólidas para a discussão. (DALCASTAGNÈ, 2005, p.27).

Em termos quantitativos, a produção crítica sobre literatura digital em seus primeiros anos de publicação, entre 2004 e 2010, indicam dois momentos de índice mais elevado. Dada essa variabilidade, podemos nos questionar sobre os significados dos altos e dos baixos índices de publicação, pois as ausências também se constituem como dados significativos.

Gráfico 1 - Trabalhos publicados na *Texto Digital* entre 2004 e 2010



Fonte: Dados da pesquisa

Os indicadores do *Gráfico 1* mostram que a *Texto Digital* teve uma maior concentração de trabalhos científicos em seus primeiros três números, período marcado entre 2004 e 2006. Ressaltamos que em 2005 não houve publicações, e que as produções de 2004 são derivadas do *1º Simpósio de literatura e informática* realizado da UERJ, o que justifica o fato do primeiro número da revista tratar exclusivamente de literatura.

Estabelecendo uma relação entre os índices de trabalhos publicados em 2004 e 2006 com a nossa história tecnológica, vemos que esse momento marca a popularização da Web 2.0⁴¹ e o crescente acesso à rede de computadores. O acesso a novos instrumentos técnicos culmina em novas possibilidades de produções artísticas (MACHADO, 2007), decorrendo disso reflexões no campo acadêmico sobre os caminhos da literatura.

Esses dados reforçam nossa hipótese de que a demanda de discussões acadêmicas sobre a literatura digital é responsiva a acontecimentos tecnológicos, pois novas perspectivas geram reflexões tanto sobre as formas relativamente “estabilizadas” quanto sobre novas possibilidades de produção artística, condicionadoras de posicionamento crítico. Assim, por meio do levantamento de dados quantitativos observamos os passos da formação crítica.

Como já dissemos, ao ler a *Texto Digital* como um fator literário (EVEN-ZOHAR, 2017) que constrói sentido para a literatura digital brasileira, os editoriais se convertem em dados que oferecem caminhos analíticos. Em periódicos acadêmicos, é corrente a presença de editoriais ou apresentações que têm por objetivo trazer informações sobre a atmosfera que engloba as produções, dando unicidade aos trabalhos. Para nós, o material se configura como mais um sensibilizador de leitura dotado de vestígio histórico (BEIGUELMAN, 2014), pois referenciam as discussões que se destacaram na sua relação com o contexto tecnológico. É significativo citar textualmente o primeiro editorial de 2006, pois é nele que a revista é efetivamente apresentada aos seus leitores:

Texto Digital tem o seu quê de novo, mas translúcido, afinal mudou o meio mas inúmeras é a inteligência a testar a tessitura do texto. Vai-se encontrar aqui e ali a moda, o jeito, a vontade, maneiras de ver o mundo digital e o lugar deste mundo ao usar a palavra, esta coisa que nos encanta e nos envolve, impressa, dita, gritada. O dedo percorre cada pedaço virtualmente, no alinhavo do rato português e "mouse" brasileiro, inventiva prosódia do ditongo. (CORRÊA, 2006).

⁴¹ Segunda geração da internet, criada em 2004 pela empresa americana *O'Reilly Media*. A Web 2.0 tem como principal característica a mudança da interface, trazendo acessibilidade a usuários comuns.

O editorial de 2006 coloca em questão a “novidade do digital” para a cena acadêmica, dando ênfase no estabelecimento de um espaço de experimentação impulsionado pelas possibilidades oferecidas pelos novos meios. São textos que têm seus sentidos relacionados com o ato da publicação. Por outro lado, passado seu efeito momentâneo, os editoriais são ressignificados por configurarem resquícios do contexto histórico e técnico no qual as publicações se efetivaram. Lidos como uma camada a mais de sentido, esses elementos se transformam em um documento arquivístico, guardando a experiência desses pesquisadores/editores – agentes do campo, nas palavras de Regina Dalcastagnè (2018) - transpondo para o nosso presente as impressões dos primeiros leitores que se debruçaram sobre os artigos e fizeram o exercício de relacioná-los ao contexto.

É na soma desses elementos, que vão se justificando como potentes fatores literários (EVEN-ZOHAR, 2017), que associamos a menor incidência de trabalho entre 2007 e 2009 a uma possível estagnação no cenário literário e tecnológico. Em contrapartida, no momento em que praticamente não houve produções científicas, a revista abriu espaço a criações digitais - como no caso do volume 2 de 2007, no qual temos apenas dois artigos e cinco criações digitais. Das 5 criações digitais publicadas em 2007, somente uma é brasileira (e se encontra inacessível no momento). Ainda assim, quando lidos historicamente, esses dados representam tanto a internacionalização do periódico quanto a busca por manter ativas as discussões ante a escassez de produções brasileiras. Estabelecer um espaço compartilhado para produção artística e crítica marca o posicionamento da revista no estabelecimento de um diálogo. Como ressalta Cristiano Sales (2007), “a *Texto Digital* acredita que apenas os nós atados a partir da coexistência entre críticos e artistas garantirão o triunfo do tecido que desejamos produzir”. A metáfora dos “nós atados” se confirma nos anos subsequentes, pois, cada vez mais, a crítica se entrelaça à criação na revista. Podemos afirmar, a partir desse dado, que a concepção de literatura digital trazida pela revista aponta para a centralidade do imbricamento entre o fazer crítico e artístico, empreendendo uma prática literária que expande as normas do campo e engloba não só o “produto final” (EVEN-ZOHAR, 2017).

A partir do segundo semestre de 2009 até o final de 2010, a revista manteve uma média de publicações acima de 10 artigos por semestre. Esse fato tem estreita ligação com a consolidação das redes sociais digitais, a ampliação do acesso à rede de internet e a construção de redes de colaboração. Tal fato se confirma quando verificamos a temática das publicações do segundo número de 2009 - um exemplo emblemático é o trabalho

“*Novas tecnologias e interação literárias: Lya Luft no Orkut*” da pesquisadora Leani Budde que trata justamente da massificação do uso da rede e da popularização do *Orkut*. No entanto, apesar do entrelaçamento entre discussões acadêmicas e fatores tecnológicos, há números em que foram publicados muitos trabalhos internacionais ou relacionados a outros campos do saber. É significativo apontar também que o número de publicações não é diretamente proporcional ao nosso tema de interesse, isto é, artigos publicados por pesquisadores brasileiros que versam sobre literatura digital. Em muitos momentos, os altos índices de publicações correspondem a produções internacionais ou temas que escapam à literatura.

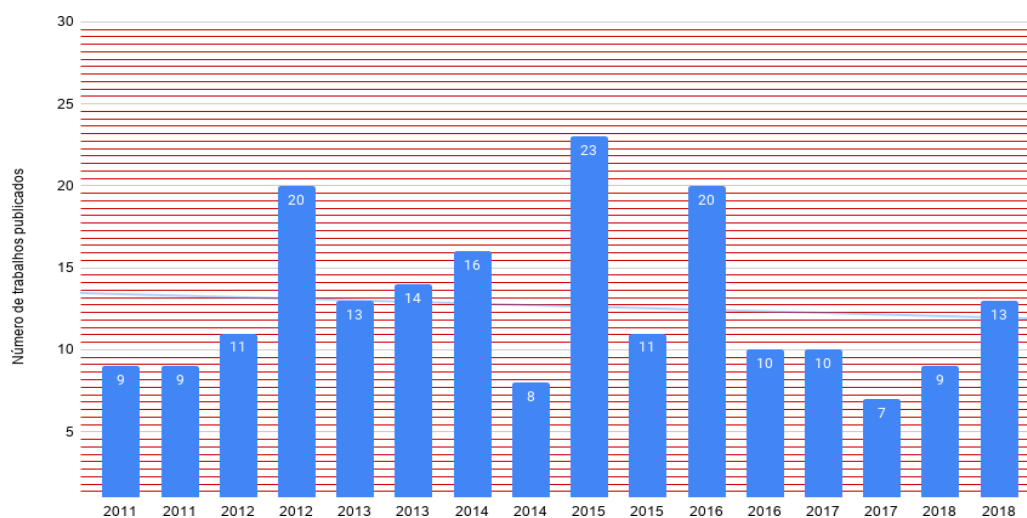
O primeiro número de 2010 é um Dossiê temático sobre aprendizagem e meio digital. Como já dissemos, esse não é exatamente o nosso foco de análise, mas ressaltamos que as produções do primeiro número de 2010 também tratam do crescimento das novas tecnologias no contexto educacional, pautando ainda a relação professor-aluno. A única publicação dessa edição que traz questões sobre literatura digital é um artigo intitulado “*Literatura digital e ensino: a poesia de Carlos Vogt*”, no qual são mobilizadas as reflexões de teóricos como Lev Manovich (2005) e Katherine Hayles (2009). A discussão desenvolvida busca evidenciar como a literatura eletrônica e a poesia eletrônica (termos citados no artigo) em sala de aula poderia contribuir para novas significações do literário.

No segundo número de 2010, temos um Dossiê que pauta as relações entre literatura, linguagem digital e redes sociais digitais. Há apenas um trabalho em português - “Elementos estéticos na leitura das criações digitais contemporâneas”, de autoria de Alckmar Luiz dos Santos -, o que nos faz compreender que nem sempre as produções da revista se relacionam ao que está sendo produzido no Brasil. Esse fato não deslegitima a importância das produções internacionais como fator interventor, com o estabelecimento de comunidades, parâmetros de reconhecimento e distinção.

Os artigos que compõem o Dossiê foram apresentados no *Workshop* de pesquisa *Western Canons in the Digital Era* organizado pela *Tel Aviv University*, conforme confirma o editorial da edição. Ao trazer produções internacionais, por mais que o índice de publicações não corresponda ao cenário brasileiro, fomenta-se o debate com outros centros de pesquisa, onde as discussões sobre literatura digital também estão se desenvolvendo. Tal dinâmica acaba contribuindo para a legitimação da *Texto Digital* no circuito crítico-literário nacional e internacional, resultando na constituição e consolidação de redes de pesquisa. A forte presença de produções críticas oriundas de outros países é uma outra via de constituição da revista.

Na segunda etapa de nosso primeiro levantamento, apresentamos os dados referentes a trabalhos publicados entre 2011 e 2018. A segunda década do século XXI foi palco da consolidação e sofisticação das mídias digitais, assim como da *Texto Digital*: nesse período, a revista publicou cerca de 100 trabalhos. A relativa estabilidade da *Texto Digital* tem relação direta com a organização da literatura digital no cenário brasileiro, movimento que, em certa medida, é impulsionado pelo papel da crítica universitária na legitimação de novas literaturas e sua força de intervenção na cena literária.

Gráfico 2 - Trabalhos publicados na *Texto Digital* entre 2011 e 2018



Fonte: Dados da pesquisa

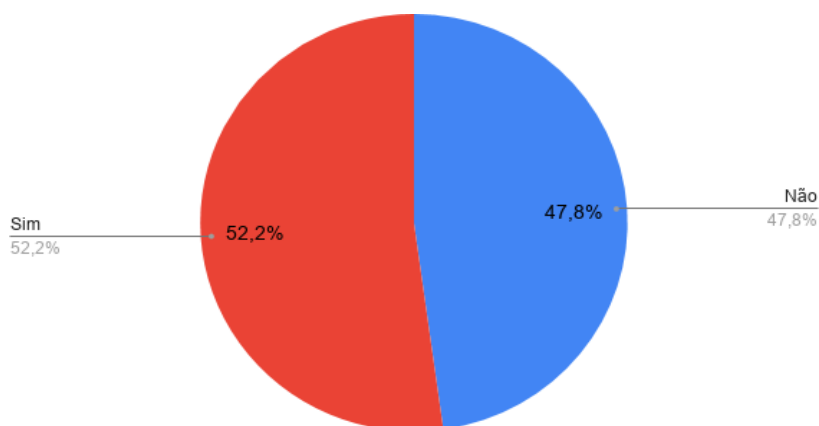
Por meio do **Gráfico 2**, observamos que, entre 2011 e 2018, a revista mantém uma média mais estável de publicações, com oscilações menores. A quantidade mais expressiva de trabalhos em 2015 faz referência a uma edição comemorativa que conta com contribuições da Universidade de Barcelona. O editorial desse ano, escrito em parceria com a Universidade de Barcelona, marca os 20 anos do processo de massificação da internet. Foi exatamente em julho de 1995 que a Web deixou a academia e passou a fazer parte do cotidiano de pessoas comuns (BEIGUELMAN, 2014) - fato que ficou conhecido como “processo de massificação da internet”. É nesse contexto que é fundado o *Núcleo de pesquisa em informática, linguística e literatura*. Assim, a edição de 2015 tem o número expressivo de vinte três trabalhos, devido à comemoração de um acontecimento tecnológico alinhado ao aniversário do Núcleo de pesquisa que sustenta a *Texto Digital*. Os dados que puderam ser apreendidos por meio dos gráficos se confirmam textualmente nos artigos publicados e em sua atmosfera englobante, confirmando mais uma vez que a crítica literária digital é responsiva à tecnologia.

Essa hipótese, por mais se mostre cada vez mais acertada, não se estabelece somente por meio dos gráficos, que trazem diversas correlações possíveis. Quando nos aprofundamos nas análises, no entanto, novos dados reafirmam nossa perspectiva, como na notícia publicada no portal da UFSC em 03 de agosto de 2015:

A revista *Texto Digital*, publicação semestral do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV) do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), publicou seu volume 11, nº 1 – 2015.1. São 21 artigos inéditos (11 de universidades brasileiras e dez de estrangeiras), uma entrevista, uma criação digital e uma resenha. A chamada de artigos para a edição do segundo semestre da revista está aberta até 15 de setembro: em 2015, **o NuPILL celebra 20 anos de sua formação, que se iniciou com o processo de massificação da internet; assim, o interesse está voltado a artigos que tratem de questões correlatas à tecnologia, em especial ao meio digital – como protagonista, não coadjuvante ou figurante – em suas relações com o texto, ou para repensá-lo em todo o seu espectro semiótico, assim como suas teorias.** (UFSC, 2015⁴², grifo nosso).

Portanto, quando olhamos mais de perto para conteúdo temático publicado na revista e para os dizeres que circunscrevem seu entorno, os dados que nos chamaram a atenção em um primeiro momento se confirmam. Os dados de 2015 nos levaram a um exame mais detalhado, revelando que 52,2% das edições publicadas entre 2011 e 2018 são fruto de parcerias com universidades nacionais e internacionais, vinculando o empenho de publicação também a outros centros de pesquisas.

Gráfico 3 - Edições realizadas em parceria com outras instituições



Fonte: Dados da pesquisa

⁴² Acesso em: <https://noticias.ufsc.br/tags/texto-digital/>

Tabela 3 - Edições publicadas em parcerias

Ano	Edição	Nome da instituição
2011	Edição número 1	Universidade Complutense de Madri
2011	Edição número 2	Universidade Federal da Bahia
2012	Edição número 1	Universidade Complutense de Madri
2012	Edição número 2	Universidade Fernando Pessoa
2013	Edição número 1	Universidade Federal de Minas Gerais
2015	Edição número 1	Universidade de Barcelona
2016	Edição número 2	VIII Simpósio Nacional de Literatura e Informática
2017	Edição número 1	Universidade de Nantes
2018	Edição número 1	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fonte: Dados da pesquisa

As parcerias, além de uma forma de manutenção do periódico, constituem um espaço de convergência de diferentes grupos de pesquisa. Para a literatura digital, é primordial o estabelecimento dessas parcerias, pois é no diálogo com os pares e no estabelecimento de relações que se consolidam os sistemas literários (EVEN-ZOHAR, 2017). Não há sistema literário que possa se constituir isoladamente. Dessa forma, entendemos as parcerias empreendidas pela *Texto Digital*, seja por meio de dossiês, seja por meio de edições especiais, como mais uma forma de articular novas perspectivas e nós de resistência - tarefas necessárias na constituição de um campo emergente. Esses mesmos dados, que fazem referência às edições publicadas em parceria com universidades nacionais ou internacionais, mostram que a harmonização na quantidade de trabalhos publicados tem relação com o modo como os atores campo literário se articularam para sustentarem não só o periódico, mas também as discussões críticas sobre a interpelação exponencial das tecnologias digitais no campo da cultura.

3.2 MAIS PERTO

Cumprida a primeira etapa de análise, propomos criar um dinâmica entre o *distant reading* e uma leitura mais aproximada, com o objetivo de estabelecer uma dinâmica entre as estratégias metodológicas. Operacionalmente, lançamos mão da mesma estratégia de análise empreendida anteriormente, dividindo os trabalhos publicados pela revista *Texto Digital* em dois grupos, 2004 - 2010/ 2011 – 2018. Nessa etapa de análise, tivemos por objetivo principal extrair sentido dos artigos por meio de tendências temáticas, apontando

de modo mais objetivo quais foram as discussões que circularam entre os pesquisadores brasileiros e como essas discussões explicam as inclinações críticas.

Damos início a essa proposta de leitura por meio de um percurso inverso, perscrutando os trabalhos publicados na revista entre 2011 e 2018 primeiramente, por questões de ordem prática: o volume de trabalhos desse período é superior ao anterior. Além disso, essa leitura do presente em direção ao passado nos dá uma maior consistência para “produzir entendimentos” sobre a primeira década de publicação da revista, criando um diálogo entre o presente crítico (2018) e suas origens (2004).

De que forma a crítica do presente é oriunda e/ou responde e alimenta um passado teórico-crítico? E como essa mesma crítica reproduz questões que despontaram como incontornáveis nos primeiros anos de publicação da revista *Texto Digital*? Essas são as perguntas que nos colocamos para produzir entendimentos sobre as propostas dos artigos. É necessário esclarecer que, para esta análise que busca ver a dinâmica das relações, foi realizado um novo levantamento no qual buscamos encontrar convergências temáticas. Mais uma vez utilizamos o *Google forms* para a obtenção dos dados em planilhas do *Excel*, não nos detendo na quantidade, mas sim na qualidade dos dados. Não se trata, no entanto, de expor os trabalhos a uma análise que tem por objetivo qualificar o teor das produções, enquadrando o pensamento crítico dos pesquisadores na chave de um suposto “letramento digital”, mas sim de uma leitura que busque estratégias de significação para o que atualmente se delinea diante de nós como literatura digital brasileira. Afinal, a análise que busca uma forma de valoração “só se torna legítima na medida em que a sua expressão corresponde a um acréscimo de visão daquilo que se analisa ou se julga (BARBOSA, 2006, p.113).”

Exatamente por isso, a verdadeira crítica, isto é, aquela que continua a operar através de numerosos juízos sobre uma dada obra, possui sempre o seu conteúdo, por assim dizer, **memorialístico**. É fundamentalmente **a história de uma leitura**, de um encontro entre leitor e obra, embora elevados pelo pensamento e pela erudição. (BARBOSA, 2006, p. 114, grifo nosso).

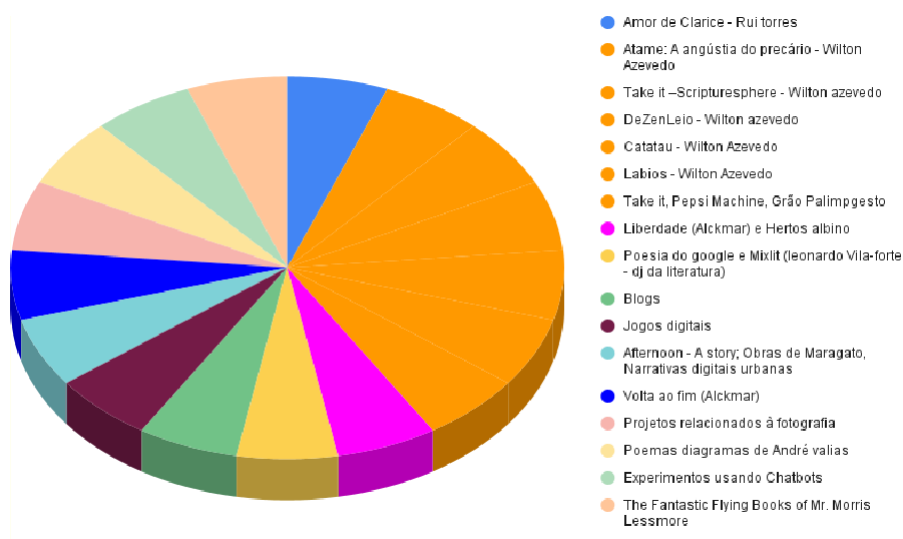
Damos início ao nosso percurso inverso buscando entender as tendências críticas como um dado “memorialístico” ou a “história de uma leitura” (BARBOSA, 2006), identificando, sempre que possível, a consolidação de um interesse analítico por parte dos pesquisadores. Assim, no que diz respeito à análise de obras de literatura digital, cabe indicar o artigo publicado pelo pesquisador de literatura digital Vinicius Carvalho Pereira

(2018). Em análise do objeto *Amor de Clarice* de Rui Torres, o pesquisador aponta os modos como a obra literária, seja digital ou impressa, impõe distintos caminhos de leitura relacionados à intertextualidade. A exploração do objeto digital *Amor de Clarice*, por meio desses apontamentos, abre um diálogo com teorias canônicas do texto literário enquanto detentor de inúmeros sentidos.

Nessa mesma edição (número 1 de 2018), Cristiano Sales publicou o artigo “*Poesia e tecnologia: apontamento sobre a criação de sentidos para o homem na contemporaneidade*”. Por meio da leitura do *Arco e a Lira* de Octavio Paz, o pesquisador desenvolve uma análise sobre o papel da poesia ante os artefatos tecnológicos, defendendo a ideia de que é a poesia que confere sentido ao homem da contemporaneidade. Na esteira dessa discussão, Alexandre Siqueira de Freitas, em artigo intitulado *Sobre "fim da arte", "percepção" e "vagalumes"*, pensa sobre o fim da arte e a necessidade de considerar novas percepções para o campo artístico ante a realidade digital. É crucial para a compreensão deste artigo o trabalho de Walter Benjamin, no qual está posta a temática do fim da arte.

No segundo número de 2018, tivemos uma homenagem ao artista digital Wilton Azevedo. Os trabalhos se concentram tanto na personalidade do artista quanto nas características de suas produções artísticas digitais, fortemente associadas ao conceito de escritura expandida. O fato da segunda edição de 2018 se concentrar em uma homenagem a Azevedo cria não só uma memória para a literatura digital como interfere significativamente nos dados quanto à menção de criações digitais nos artigos. Parte importante dos objetos digitais mencionados nos artigos no período entre 2011 e 2018 são de Wilton Azevedo.

Gráfico 4 - Objetos digitais citados nos artigos analisados entre 2011 e 2018



Fonte: Dados da pesquisa

Os objetos digitais citados nos artigos são mais uma forma de trazer para a cena as criações digitais, fazendo circular de outro modo a produção artística na revista. Ainda sobre Wilton Azevedo, o artigo “*Vida e arte experimental na trajetória de Wilton Azevedo*” de autoria de Regina Lara Silveira Mello e Hugo Daniel Rizolli Moreira, pesquisadores da Universidade Presbiteriana Mackenzie, documenta com detalhes a importância desse artista para a construção da arte digital no Brasil. Os pesquisadores dizem que:

O artista revela em seu percurso criativo duas fases distintas: inicialmente dedicou-se às artes gráficas, aos desenhos manuais e matrizes no papel, e num segundo momento à arte digital, de produção tecnológica. Sempre mantendo fortes relações com a educação, sua atividade como professor o fez compartilhar experimentos com alunos de graduação, além de formar mestres e doutores que hoje pesquisam apoiados em seus ensinamentos, sendo um pioneiro também neste processo de construção e divulgação do conhecimento. (MELLO e MOREIRA, 2018, p.88).

Vale sublinhar a importância da produção crítica para a história da arte digital, como nesse caso do incansável trabalho para manter viva a figura e a produção artística de Wilton Azevedo. A segunda edição publicada pela *Texto Digital* em 2018 prova que a crítica, para além de sua função genuína, guarda também a memória da literatura, sendo mais um componente no tecido de sua história, e não um produto paralelo.

É perceptível como questões sobre o fim da arte se fazem presente nas páginas da revista no decorrer dos anos, fato que mostra que essa discussão ainda está longe de ter fim. É uma discussão muito anterior ao surgimento da literatura digital e da consolidação dos novos meios. No entanto, esses momentos de virada tecnológicas fomentam reflexões que pautam não só visões apocalípticas como também a ruptura com conceitos e com parâmetros estabelecidos.

No primeiro número de 2017, nenhum dos trabalhos publicados se enquadra em nosso escopo analítico, por não discutirem diretamente questões relacionadas à literatura e à digitalidade. No segundo número deste mesmo ano, apenas um artigo aponta o tema de nosso interesse, tratando-se de uma discussão sobre a poesia digital. O artigo “*Constituição da Tecnoarte: a emergência dos meios digitais e o diálogo com a produção do texto nos meios analógicos*”, de Rogério Barbosa da Silva, traz um panorama sobre a emergência da Tecnoarte no Brasil, apontando Álvaro de Andrade Garcia como sendo um dos pioneiros nesse campo de atuação, na ocasião do surgimento do computador pessoal.

Tampouco entra no nosso escopo as publicações do primeiro número de 2016. As contribuições que incorporamos em nossa análise estão presentes na segunda edição, no trabalho: “*Uma leitura de Liberdade, ambiente poético em 3D: Questões de navegação, interpretação e reconfiguração*”. *Liberdade* é um objeto digital de autoria de Alckmar Luiz dos Santos. No artigo, a pesquisadora Maria Borges Wiese levanta questões importantes sobre as características de navegação provocadas pelo objeto digital. Ainda dessa edição, incorporamos a publicação de Sayonara Amaral de Oliveira, “*Pierre Menard vai à Web: notas sobre a escrita não-criativa na contemporaneidade*”. Nesse artigo, a pesquisadora coloca a originalidade à prova por meio de dois projetos criados e mantidos com base na premissa da citacionalidade: “*MixLit, o Dj da Literatura*” de “autoria” de Leonardo Vila-Fortes e *Poesiadogoogle.com* - um site de autoria coletiva.

Dessa forma, apesar da tímida presença de artigos que dialogam com a proposta desta dissertação, os trabalhos publicados no segundo número de 2016 apresentam criações de artistas brasileiros fundamentadas em práticas de escritura contemporânea. São apenas dois trabalhos, mas de impacto significativo, trazendo de novo a questão da qualidade dos dados para o entendimento da dinâmica em cena. Os artigos sobre os quais refletimos até aqui mostram os desdobramentos dessa cena literária que, para além de discutir os papéis dos agentes do literário, passam a empreender intervenções por meio de produções artísticas do presente.

Na primeira edição de 2015, encontramos mais dois trabalhos que dialogam com a nossa proposta. O artigo “*Literatura em meio digital: cultura codificada e trans-racionalidade*” discute detidamente a literatura digital se utilizando da terminologia “literatura em meio digital”, o que mostra que, para alguns críticos, a distinção entre literatura digital e literatura no contexto digital - amplamente difundida por atores como a *ELO* - não alcançou todos os pesquisadores brasileiros. Esse dado é significativo, pois essas inconsistências terminológicas impedem tanto a delimitação do campo quanto o encontro entre pesquisadores. A falta de consenso entre teóricos e pesquisadores é mais um indício das contingências impostas por um sistema em processo de construção. Na mesma chave de imprecisão terminológica, os pesquisadores Almir Aquino Corrêa e Marília Israel Rocha, no artigo “*Blog literário: alguns comentários*”, discutem as publicações literárias de autoria feminina em blogs, trazendo a hipótese de que as mulheres passaram a escrever mais com a emergência das novas tecnologias digitais. Aqui, o que seria literatura em contexto digital é nomeado literatura digital.

Esses usos, que optamos por nomear como instável à definição, não se dão devido à falta de conhecimentos dos pesquisadores, mas sim por conta das disparidades entre os exemplos que embasam os conceitos de literatura digital e seus modos de produção no Brasil. Dessa forma, o uso do conceito “literatura digital” para mobilizar uma discussão, que, *a priori*, se insere no campo da circulação, acaba por revelar um sintoma do estado da crítica e uma necessidade de expansão do debate.

Em 2014, uma década após a publicação da primeira edição, a revista apresenta um dossiê temático abrangendo narrativas e jogos digitais. Traz ainda, pela primeira, vez uma entrevista com um criador brasileiro:

Na primeira entrevista, o escritor e diretor de audiovisual e multimídia Álvaro Andrade Garcia conta-nos sobre o seu percurso na poesia impressa, na videopoesia e na criação digital – um processo que também se confunde com a própria história da multimídia e do surgimento e evolução dos meios digitais. Além disso, ele comenta algumas de suas obras mais importantes, como os poemas digitais *Fogo e Grão*, e apresenta o seu trabalho inovador, juntamente com o designer e programador Lucas Junqueira, na criação de um software livre para publicação de obras digitais: o *Managana*. Para Garcia, o trabalho com o digital culmina em uma necessária descategorização e recategorização da poíesis. (TEXTOS DIGITAIS, 2014).

Nesse dossiê, um artigo que também nos chamou a atenção de maneira especial foi “*Memórias de uma história de um leitor*”. O trabalho, publicado por José Roberto

Andrade Féres, se centra na discussão sobre a leitura por meio de aparatos eletrônicos, dissertando sobre a memória e seu apagamento no digital. É interessante trazer esse artigo para a análise por também colocar em questão a leitura em meio digital. Em uma tentativa de explicar o que é e-book, o texto acaba colocando em questão a preservação da memória no leitor digital.

Ao buscar entender as produções emergentes por meio dos conceitos que regulam a atividade literária, entre 2014 e 2010, a *Texto Digital* trouxe para o primeiro plano questões que permeavam o exercício crítico dos primeiros anos do periódico. Já os trabalhos publicados entre 2011 e 2018 buscam uma análise da cena, focando em algumas de suas especificidades: o impacto da tecnologia sobre a literatura contemporânea, literatura e seminformação no ciberespaço, poesia e tecnologia, novas tecnologias e interação literária, etc. Um exemplo desse movimento duplo - ora versando sobre os temas de base, ora encarando análise -, é o artigo de Lucia Santaella publicado na segunda edição de 2012, buscando compreender a Ciberliteratura. Nessa chave, a pesquisadora realiza um percurso sobre as principais premissas da literatura digital, pautando-se fundamentalmente nos trabalhos de Katherine Hayles e George Landow.

Por fim, esse percurso do presente ao passado nos mostra que quanto mais nos aproximamos dos anos iniciais, mais as discussões se expandem ao panorâmico, pautando questões relacionadas à cena literária e ao futuro da literatura nos novos meios. Dessa forma, a *Texto Digital* se constitui no compasso do tempo, trazendo não verdade absolutas, mas um desnudamento dos modos de funcionamento do saber crítico, mostrando, que em muitos momentos, a decisão arriscada de se falar sobre uma temática emergente é uma forma de intervir no campo e contestar correntes e materialidades canônicas. Sem dar respostas exatas, a *Texto Digital* abre espaço para o novo e empreende uma política inclusiva.

Esse espaço de pesquisa e de discussão confirma, de modo contundente, a aposta da revista em um tema que se faz profícuo por suas manifestações na arte e na literatura, contribuindo, sobremaneira, para as reflexões que a interação entre as artes e os meios digitais tem provocado no meio acadêmico como um todo, uma vez que perpassa muitos outros campos do saber. (SANTANA, 2013).

A percepção de literatura digital empreendida pela revista dialoga com uma prática de pesquisa ativa e um imbricamento entre os diferentes atores do campo,

demonstrando um entendimento sobre a tecnologia para além de uma materialidade inscricional.

Vivemos uma época na qual, mais que um facilitador tecnológico, o digital assume o estatuto de uma *poiesis*, ou seja, um modo fundamental de fazer e de pensar a arte e a literatura, consistindo, portanto, em uma linguagem que, como toda e qualquer linguagem, é constitutiva daquilo que engendra. (EQUIPE EDITORIAL, 2014).

O que testemunhamos, portanto, não é construção de um conceito ou um imaginário relacionado a literatura digital, mas o processo de construção de um saber. O saber acadêmico brasileiro se dá entre inúmeros esforços e atores empenhados em construir um campo ante adversidades políticas, econômicas, sociais e culturais.

3.3 ENTRE A CRÍTICA E A CRIAÇÃO: OS NÓS ATADOS

É incontestável o valor que a *Texto Digital* ocupa no sistema de difusão da arte digital, de maneira geral, e da literatura digital de modo específico. Mas, por estarmos lidando com uma literatura ligada a uma materialidade timbrada pela obsolescência programada, os intentos empreendidos pela revista *Texto Digital*, no que diz respeito à divulgação e preservação de produções artísticas digitais, são apenas mais um intento de preservação. Interessa-nos, desse modo, mais por seu caráter de divulgação e circulação - um mecanismo de expansão do público, como aponta Leonardo Flores (2021):

O público-alvo da literatura eletrônica cresceu e a academia tornou-se um mecanismo poderoso para expandir esse público-alvo por meio de cursos, apresentações, exposições e conferências que contribuiram para o crescimento desse campo”. (FLORES, 2021, p.359).

O acesso às *Criações digitais* publicadas pela revista nos mostra que a preservação da arte digital requer empenhos que estão para além do armazenamento de um arquivo executável em uma plataforma digital/online. Mesmo diante disso, a tentativa empreendida pela *Texto Digital* em divulgar e armazenar a produção artística sobre literatura digital descortina não somente as necessidades impostas por um sistema literário em formação, mas também os constrangimentos técnicos impostos pela materialidade de objetos que não podem ser tratados meramente como anexos.

No entanto, esses constrangimentos técnicos não anulam a importância do gesto realizado pela *Texto Digital* em abrigar objetos literários digitais e permitir, ainda que de maneira deficitária, a possibilidade de acesso. A quantidade de trabalhos inacessíveis é

mais um argumento que comprova que, em um arquivo de arte digital, não são aplicadas as mesmas regras que permitiram com que fossem armazenados catorze anos de trabalhos acadêmicos - documentos de maior estabilidade.

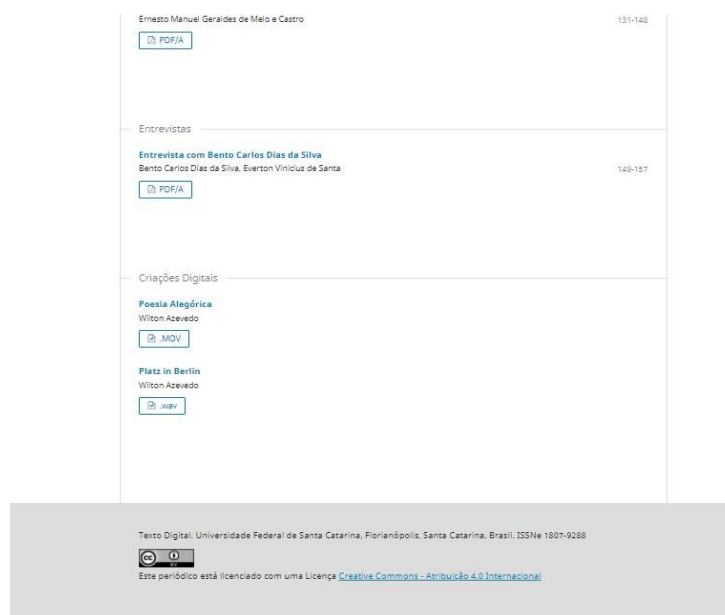
As produções críticas da *Texto Digital* são publicadas e armazenadas em formato PDF. Sobre esse formato, a artista visual e pesquisadora Laura Erber, em um artigo publicado na revista *Suplemento Pernambuco*, problematiza o direito a materiais fotocopiados, ou em PDF, dentro das universidades. Ao se referir ao arquivo em PDF, formato mais adequado, ressalta justamente sua estabilidade e acessibilidade.

O PDF interessa por sua estabilidade e por ser um dos chamados “formatos abertos”. Não faltam tentativas de criar formatos capazes de competir e talvez desbancá-lo, mas nenhum deles vingou até agora. As editoras brasileiras, mesmo as que publicam livros acadêmicos, ainda resistem ao PDF, o que já não ocorre na Europa, onde são muitas as plataformas que o adotam sem preconceito, tanto em sistemas gratuitos quanto nos que cobram pelo acesso. (ERBER, 2020, p1)

De fato, as formas de armazenamento e a disposição visual que dão acesso às obras digitais alocadas na *Texto Digital* não contribuem para a visualização destas. Tampouco faz uso de um design convidativo que disponha graficamente seu propósito. Utiliza-se da mesma lógica de disposição dos artigos científicos, servindo apenas à circulação, em muitos casos, por um curto período de tempo.

Ante essas questões, cabe-nos perguntar qual público as criações digitais armazenadas pela *Texto Digital* têm interesse em atingir. De acordo com os dados do *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação* (Cetic), 93% dos brasileiros possuem apenas telefone celular - dispositivo no qual muitos arquivos não podem ser executados. Esses dados, somados à questão da interface, nos levam a concluir que os objetos digitais publicados na revista alcançam somente o público acadêmico.

Figura 8 - Disposição gráfica das publicações da Texto Digital



Fonte: Revista Texto Digital

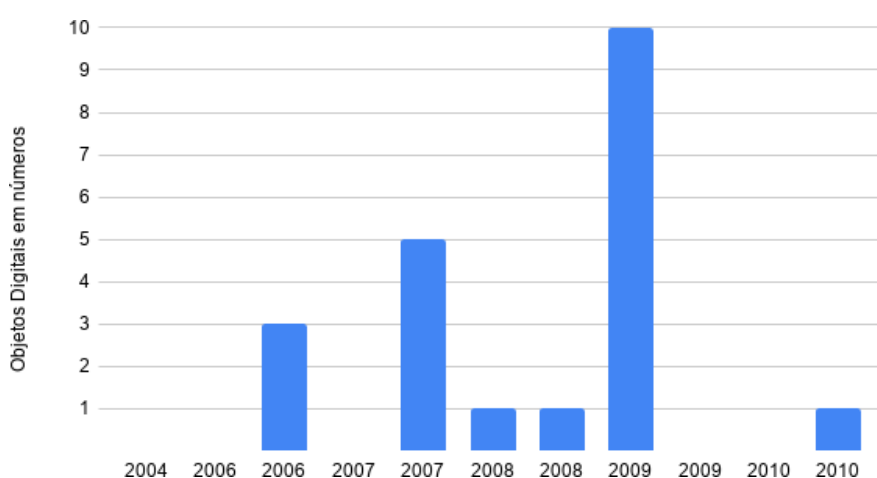
A possibilidade de “divulgação e armazenamento” de *criações digitais* empreendidas pela *Texto Digital* não se esvazia de significado devido as ressalvas quanto à disposição, organização e preservação dos objetos. Mesmo diante dessas questões, a disposição em publicar *criações digitais* que tanto nos chamou a atenção, garantindo à revista o mérito de abertura e inovação no âmbito acadêmico, agora comprova que esse espaço de constante iminência é a marca de um sistema literário não consolidado. A dificuldade no acesso às criações digitais coloca a literatura digital publicada na revista à margem dos espaços que começam a se desenhar como propícios para a preservação de objetos digitais – repositórios e arquivos. Parece-nos que é por meio da construção de espaços próprios, considerando a singularidade de cada objeto, que a produção artística de literatura digital tem encontrado possibilidades de legitimação no campo, redesenhado as formas de institucionalização. Assim, em nossa perspectiva de arquivo, preservação e disponibilização, essa revista se confirma como um espaço de legitimação e consolidação para a crítica, mas não para a produção literária digital.

Dado esse contexto relacionado mais diretamente à preservação e à manutenção da literatura digital, não podemos desconsiderar o contributo da revista no que tange a **circulação de literatura digital**. Como ressalta Leonardo Flores (2021, p.365), “a academia ajuda a fazer circular a e-lit através de cursos, de críticas, de publicações, de

exposições, de repositórios digitais e muito mais, até porque ela se esforçou para monetizar⁴³ diretamente essa circulação”.

Posto isso, apresentaremos agora os gráficos que dizem respeito à circulação de objetos digitais. Para o levantamento das *criações digitais*, utilizamos o mesmo procedimento empreendido para a contagem dos artigos. Dessa forma, apresentaremos a atuação da revista na sua relação com a divulgação de produtos artísticos, publicados entre 2006-2010 e 2011–2018, analisando os índices de publicações na mesma lógica metodológica das produções científicas:

Gráfico 5 - Edições que contam com a publicação de criações digitais (2004 e 2010)



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 5 mostra que as *criações digitais* circularam de maneira tímida na primeira década da revista, ganhando expressividade em 2009. Nesse ano, temos a primeira edição especial publicada pela *Texto Digital* – uma homenagem ao artista Tibor Papi, que havia participado na segunda edição de 2008. É interessante pensar a presença de trabalhos artísticos e teóricos de Tibor Papp em duas edições consecutivas como emblemática do processo de construção do periódico.

Trata-se de uma homenagem ao trabalho do poeta húngaro Tibor Papp, que desde a década de 1950 se dedica e vive desse ofício, numa vida dividida entre Paris e Budapeste. Autor de uma obra sempre sincronizada com os elementos e com as formas de escrita da

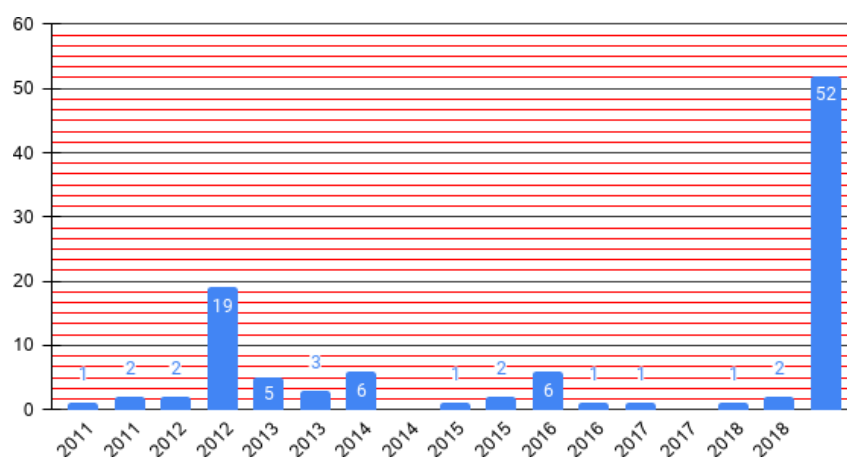
⁴³ Apenas ressaltamos que o exemplo da monetização não se aplica ao cenário brasileiro.

contemporaneidade, Tibor Papp esteve presente em diferentes momentos e movimentos da literatura de vanguarda, caso da poesia visual, da poesia sonora e também da poesia programada em computador. (SALES, 2009, s/p).

As sucessivas aparições de determinados artistas e pesquisadores mostram que a construção do pensamento crítico sobre literatura digital se constitui na medida em que os agentes do campo vão se encontrando. O estabelecimento de relações é critério de formação dos sistemas literários: leituras vão se somando e pontes vão sendo estabelecidas. A intersecção entre pesquisadores e artistas confirma nossa postura de não olhar para os objetos da *Texto Digital* de maneira isolada, pois as edições vão construindo esse contexto.

A segunda edição de 2009 indica a busca dos pesquisadores por uma crítica voltada às produções artísticas. Pensando no movimento empreendido pela revista, novamente temos uma relação entre essa necessidade e o espaço para a divulgação das criações digitais.

Gráfico 6 - Edições que contam com a publicação de criações digitais (2011 -2018)



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao segundo período, as 19 criações digitais publicadas em 2012 dizem respeito a trabalhos em fotografia do artista Fernando Aguiar. Cada “scanner poem” do artista foi publicado na revista isoladamente, indicando que a maneira como os objetos são dispostos também constroem os dados. Além disso, foram publicados ainda a criação *Pequeno Jornal* de Alckmar Luiz dos Santos e os *Poemas Multimídia* de Paulo Aquarone.

Com base nos exemplos apontados, vemos que a *Texto Digital* coloca em circulação a literatura e a arte digital de duas maneiras distintas: abrindo espaço para a

sua publicação na seção *Criações Digitais* e por meio dos artigos citados. Assim, a concepção de literatura empreendida pela *Texto Digital* compreende colocar em diálogo crítica e criação literária, marcando um espaço de articulação, como nos ensina a própria revista:

Essa união de vozes pela qual zelamos talvez nos remeta ao projeto crítico literário que alguns pós-estruturalistas defenderam ao aproximar o trabalho do crítico ao do literato pela escritura, ou pela escrita, como preferem alguns. Se assim pensássemos, o espaço virtual inaugurado pela *Texto Digital* solidificaria-se num espaço de escrituras, onde as vozes dos críticos e dos poetas se entrelaçariam na tecelagem de algumas manhãs. Porém, soa-nos que essa relação voltaria as vozes dos presentes poetas e críticos aos ecos de um canto passado que já teceu muitas e importantes manhãs. No entanto, a vantagem de que gozam os escritos digitais que lançamos nesse espaço de escritura origina-se na liberdade que nossos crítico-poetas digitais têm para tecer diferentes (a)manhãs. (SALES, 2007, s/p).

4 CAPÍTULO III - NO RITMO DAS NOVAS MÍDIAS: OS EDITORIAIS DA TEXTO DIGITAL

Como apontado nos capítulos anteriores, os instrumentos e modos de funcionamento das tecnologias dos novos meios são parte integrante e determinante do modo como a literatura digital vem se constituindo. Tendo esse dado como um fato, cabe-nos apontar de que forma se dá a relação entre a produção crítica da *Texto Digital* e o contexto tecnológico brasileiro. Há nos editoriais da *Texto Digital* vestígios que nos fazem afirmar que a crítica acadêmica se faz por meio da compreensão do entorno. Em nosso caso específico esse entorno é também tecnológico.

A literatura digital é responsiva a reverberações do mundo tecnológico. Para confirmar essa hipótese, apontaremos os dados contextuais presentes nos editoriais da *Text o Digital* na sua relação com as tecnologias das novas mídias. Esse capítulo se justifica pelo viés da crítica situada, chancelando nossa hipótese de que, para ler a literatura digital em sua totalidade, é preciso um conhecimento, ainda que mínimo, de seu contexto tecnológico englobante. Desse modo, faz-se clara a necessidade de se compreender como os pesquisadores que escreveram os editoriais da *Texto Digital* se posicionaram diante das tecnologias dos novos meios, dando voz a uma crítica literária que se constitui sempre no compasso do desenvolvimento tecnológico, assumindo um compromisso intelectual com o presente.

“A história da literatura eletrônica está inextricavelmente ligada à história da computação e das redes”. Concordamos com a premissa de Leonardo Flores (2021, p.355) e, por meio dessa relação entre literatura e técnica, propomos uma breve excursão tecnológica com o objetivo de entender em que cenário nós, pesquisadores brasileiros, estamos inseridos ao refletir sobre os diversos aspectos relacionados ao entendimento da literatura digital.

Adentrando a segunda década do século XXI, podemos afirmar que o fenômeno tratado como advento tecnológico no final do século XX agora se coloca diante de nós como realidade efetivamente consolidada naquilo que nomeamos como “novos meios” (MANOVICH, 2005). A tecnologia está dada, cabendo a nós decidir como prosseguir. Não há tecnologia que esteja fora de nós: nós as construímos. “Não fomos atingidos por nenhum míssil”, nos diz Pierre Levy (1999) para recordar que é importante estabelecer os avanços tecnológicos compreendidos como parte da história das técnicas.

A postura que se assume é de “escutar os mortos com os olhos”, como sugere o historiador Roger Chartier (2013). Adentrar ao passado, inclusive ao passado tecnológico, é uma importante forma de compreender o presente e conjecturar sobre o futuro. Tendo em vista a importância desse exercício, retomamos as reflexões da pesquisadora Rejane Rocha no artigo intitulado *Em que páginas você lê? Aspectos da leitura na contemporaneidade digital* (2019) ao pensar as práticas culturais próprias dos novos meios na convivência com o que a autora chama de “práticas próprias dos meios estabelecidos”. Assim, Rocha (2019) discorre sobre práticas cotidianas num paradigma de mudança cultural, fazendo-nos refletir sobre as fruições culturais na convivência entre técnicas distintas.

Passados os primeiros momentos da inserção da digitalidade na vida cotidiana, quando a opinião de muitos dos atores da cena cultural dividia-se entre a tecnofilia e a tecnofobia, talvez seja tempo de refletir a respeito dos seus impactos na produção, circulação e leitura da textualidade em geral e da literatura em particular. O principal desafio a ser enfrentado é o de abandonar as predições e elucubrações a respeito de um vir a ser que, embora possa estar próximo, dada a celeridade com que as inovações tecnológicas nos são oferecidas – às vezes impostas – frequentemente impede que descrevamos e analisemos o que está acontecendo no momento presente. (ROCHA, 2019, p. 27).

A reflexão é importante por mostrar o lugar que essa dicotomia cultural nos coloca. Como a pesquisadora alerta, é preciso estarmos atentos para não nos perdermos entre a “tecnofilia e a tecnofobia”, mantendo a postura analítica em relação a essas mudanças, principalmente no que diz respeito ao campo artístico. Essa postura analítica, que suscita a percepção de que a técnica é produto das ações dos homens, esclarece que estamos diante de uma atividade produzida por nós mesmos. Podemos questionar quem são esses “nós”, ou o modo como a tecnologia tem sido apropriada pelo capitalismo informacional (GAINZA, 2020), mas não podemos discordar de que a nossa realidade é fruto dos avanços da própria humanidade:

As técnicas viriam de outro planeta, do mundo das máquinas, frio, sem emoção, estranho a toda significação e qualquer valor humano, como uma certa tradição de pensamento tende a sugerir? **Parece-me pelo contrário, que não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constituiu a humanidade enquanto tal** (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas). (LÈVY, 1999, p.16, grifo nosso).

Ao atentar para o lugar e a origem das técnicas, Pierre Lévy (1999) nos faz lembrar que somos parte e, de certo modo, impulsionadores do que foi compreendido por ele como cibercultura. Nossas práticas são influenciadas e interpeladas por esse fenômeno que, no fim dos anos noventa e no início dos anos 2000, foi entendido por internet, rede, Web 2.0, tecnologia da informação ou até mesmo informática, que etimologicamente corresponde à informação automática. São diferentes modos de nomear e de estar atentos a uma realidade informacional que altera nosso paradigma cultural, social, político e educacional:

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como “novas tecnologias” recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e dispositivos de comunicação. (LÉVY, 1999, p.28).

Novamente, estamos nos referindo a atividades realizadas por “grupos humanos”, por isso é significativo considerar a complexidade que, ao longo do tempo, foi se formando em torno da noção de cibercultura. Pierre Lévy empreende um esforço de análise que tem o objetivo de desmistificar o que está por trás da técnica informacional. O livro, escrito originalmente em 1997, exatamente no momento que marca uma mudança de paradigma na relação entre cultura e tecnologia, faz referência ao estabelecimento de relações de causa e efeito.

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas. (LÉVY, 1999, p.23).

O período que marca o fim do século XX e a entrada no século XXI foi categorizado por grandes expectativas relacionadas à globalização e aos avanços tecnológicos. Muito se falou sobre o advento dos meios tecnológicos, e de como essa mudança marcava um paradigma que nos obrigava a repensar desde as práticas cotidianas mais simples até temas de grande relevância política e cultural. Foram pautadas uma série de questões com relação ao nosso futuro e surgiram novas conceitualizações teóricas para os mais distintos campos do saber: tudo passou a ser pensado a partir das relações possíveis estabelecidas com as tecnologias dos novos meios.

É certo ressaltar que, passados vinte anos, até mesmo o termo cibercultura foi ressignificado e atualmente faz oposição à cultura digital. Quem empreende a análise dos

modos de apropriação das tecnologias dos novos meios e aponta para a necessidade de distinguir *cibercultura* de *cultura digital* é a pesquisadora Luciana Salazar Salgado. SALGADO (2019, p.8) assinala a existência de protocolos de uso distintos, mas que configuram a apropriação de uma mesma técnica.

[...]os aspectos mais ligados aos protocolos, portanto à sofisticação dos sistemas **de controle**, produzem uma *cibercultura*, efetivamente ligada à cibernética, anterior ao advento dos dispositivos digitais, privilegiando os aspectos de filtragem e seleção; já os aspectos mais ligados à propagabilidade, remontam ao mundo ético da cultura hacker e privilegiam **formas de partilha de conteúdo**, licenças creative commons e vertentes do copyleft e do software de código aberto, produzindo uma cultura da distribuição a serviço da multiplicação – uma cultura propriamente digital, nativamente digital.

Ainda estamos em um momento de grande mudança no campo do saber científico, e são sempre novos os ritos que colocam em questão novas práticas. Nosso interesse é pensar o fato tecnológico na sua relação com a literatura em acordo com a diferenciação entre cultura digital e cibercultura. As práticas de literatura digital se dão no campo da cultura digital devido ao fato da arte, em sua constituição, buscar uma subversão da lógica mecânica dos produtos digitais, filiando-se à partilha de conteúdo ou, como coloca o pesquisador Arlindo Machado (2007, p. 22), “desprogramando a técnica”.

Na esteira dessa discussão, Katherine Hayles afirma categoricamente que a “literatura do século XXI é computacional (HAYLES, 2009, p. 61)”. Essa constatação não se relaciona somente com a produção de literatura digital, mas com toda a atividade literária. Não se produz mais literatura manualmente e, ainda que haja quem produza, dificilmente será colocada em circulação de outro modo que não pelas mídias sociais digitais⁴⁴. Ou seja: as novas mídias interpelam a produção de literatura em diferentes instâncias.

As tecnologias digitais, devido a sua dinâmica de funcionamento baseada em atualizações constantes, têm imposto o desafio de acompanhar as produções literárias digitais e lidar com a sua efemeridade. Compreendendo o termo “produções literárias” como um sistema complexo de relações (HAYLES, 2009), parece-nos igualmente desafiador circunscrever a nossa memória tecnológica. De modo mais específico, a circunscrição que propomos tem relação com as tecnologias digitais no momento de

⁴⁴ Um exemplo é o trabalho que tem sido desenvolvido por La Terza. O autor escreve poesia em Filtro de Café, mas o seu principal meio de divulgação e venda é o Instagram. Para conhecer o projeto acesse: <https://www.instagram.com/poesianofiltro/>

surgimento da *Texto Digital*. A correlação entre o índice de trabalhos publicados na *Texto Digital* e os anos de movimentação no cenário não seria suficiente para afirmar que as publicações da revista perseguem questões de ordem técnica. No entanto, os editoriais acabam por reforçar explicitamente essa tese.

Figura 9 - Principais momentos da internet em 50 anos.



Fonte: Fundação telefônica

A *Texto Digital* surge em 2004, marco da Web 2.0 e ano de lançamento do facebook nos Estados Unidos, começamos então pela internet. A primeira conexão de internet aconteceu em 1969. Quase 30 anos depois, no ano de 1990, o cientista e físico britânico Tim Berners-Lee desenvolveu a *World Wide Web* - popularizada como *WWW* - consolidando finalmente a sonhada rede mundial de computadores. “Berners-Lee imaginava a possibilidade de integrar seu computador numa rede mundial onde cada computador fosse um arquivo desta mesma rede, podendo ser acessado por qualquer computador ligado à Net” (ABREU, 2009, p. 4). Segundo a revista *Pesquisa Fapesp*, até o marco da *WWW*, a internet funcionava com recursos restritos e uma interface pouco acessível até então. A acessibilidade, desse modo, se mostra a principal característica da *WWW*.

O advento da *World Wide Web* é o marco mais citado e referenciado na história da internet; no entanto, é importante pontuar que, concomitantemente ao estabelecimento desse feito, datado de 1989, oito anos após o computador pessoal lançado pela IBM -, várias empresas americanas desenvolviam tecnologias, plataformas e acessórios para as redes. Essas criações não podem ser esquecidas, pois estiveram presentes em um momento crucial de nossa história e ainda condicionam nossa maneira de estar no mundo. É o caso de empresas como a *Google*, a *Amazon*, a *Microsoft* e a *Apple*, gigantes que

dominam o mercado atual e o controle dos dados, o que tem sido pauta central de diversas discussões.

A primeira criação e o desenvolvimento da rede Arpa (1969) e da internet com todos os protocolos. As grandes empresas passaram a existir: Microsoft (1975) e Apple (1976), seguidas pela PC (1981) e, imediatamente depois, o desenvolvimento do *Open source* ou código aberto (GNU, 1983). A segunda fase começou em 1989, quando Tim Berners-Lee desenvolveu a *World Wide Web*. Quase ao mesmo tempo, o Linux surgiu (1991) e, apenas quatro anos depois, *Amazon* (1994) e *Ebay* (1995) entraram no negócio. O *Google* surgiu na cena em 1998 e logo foi acompanhado pela *Wikipédia* (2001). Até então, a internet ainda tinha uma infraestrutura técnica mediana para trocar e fornecer dados e informações. (STOCKER, 2014, p.55).

A dinâmica de funcionamento de todas essas corporações juntas direcionou os usos e as funções do computador e da internet, alterando significativamente os ritos e o domínio dos grandes meios de comunicação - como o rádio, a televisão e o jornal -, que aos poucos perderam poder e centralidade. Sobre esse fenômeno, Manuel Castells (2003, p.8) aponta 1995 como o ano em que a internet explode como meio de comunicação de massa.

O uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da *World Wide Web*, havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. (CASTELLS, 2003, p.8).

Concomitantemente a esse marco apresentado por Manuel Castells (2003), que ancora a internet como sistema de comunicação⁴⁵, é significativo apontar para as considerações que Giselle Beiguelman (2014) traz sobre os dados, mostrando quais foram os instrumentos tecnológicos que contribuíram para a consolidação desse sistema de comunicação, pautando como centrais a “mania ponto.com” e o *WWW*.

O serviço de hospedagem gratuito *Geocities.com* foi criado pela internet *Beverly Hills* em julho de 1995 – exatamente a época em que a *Web* deixou a academia e passou a ser feita por cada um de nós. Logo se tornou um dos lugares mais populares e habitados da *WWW* e assim ficou até meados da década de 1990. Em janeiro de 1999, no auge da mania *ponto.com*, foi comprado pelo *Yahoo!* (BEIGUELMAN, 2014, p.21).

⁴⁵ É significativo aclarar o que são meios de comunicação. Às vezes mencionamos meios de comunicação de uma forma tão natural e corriqueira que nos esquecemos de traçar sua trajetória e marcar o ponto em que eles se converteram em meios de comunicação de massa. Um percurso evolutivo pode ser acessado em: <https://sites.google.com/site/fctunlcomunicacao/evolucao>

A explosão da internet como meio de comunicação de massa está claramente associada à popularização de computadores pessoais, o que resultou na criação e no crescente número de acessos a *sites*, *blogs* e redes sociais. No contexto brasileiro, a internet entrou em cena na década de 80, quando as universidades começaram a partilhar informação de forma automática com universidades americanas. No fim nos anos 80, funda-se no Brasil a *Rede Nacional de Ensino e Pesquisa* (RNP), grande responsável por fomentar a pesquisa no campo da tecnologia e inserir o país no paradigma de conectividade, dedicando-se a:

divulgar e conscientizar [os usuários sobre] os serviços que a Internet disponibilizava para ser usada na rede acadêmica através de seminários, feiras e treinamentos, se tornando referência em aplicações de tecnologias referentes à Internet no país. (COSTA, 2013, p.3).

Em 1994, a Embratel lança um serviço experimental de internet por pulsos (que dependia dos fios da linha telefônica para funcionar). No entanto, a primeira rede de conexão local, que é um marco significativo em nossa história, foi instalada na *Agência Fapesp* em 1997, dando origem ao domínio *.BR*. Além de um endereço próprio na Web, esse marco representou um grande progresso, tendo em vista que poucos países tinham um domínio próprio nessa época. Desse momento em diante, a internet passa a se popularizar gradativamente no Brasil. O final dos anos 90 e o início dos anos 2000 são cruciais para a consolidação da internet brasileira, ainda que o descompasso desse processo no Brasil em relação aos EUA tenha se dado com um atraso de praticamente dez anos. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) é uma das grandes representantes da ciência brasileira, ou da ciência paulista, como conclui Mariana Delege (2019, p.137). O fato da instituição ter na atualidade um grande impacto nacional e internacional, enquanto centro de pesquisa, certamente está relacionado ao seu pioneirismo no acesso e detenção de tecnologias.

Com a criação do Pipe, a Fundação, que já havia implementado em 1995 o Programa de Apoio à Pesquisa em Parceria para Inovação Tecnológica (Pite), consolidou em São Paulo uma cultura inovadora que se disseminou por outras agências de fomento do país (Edição especial *PIPE FAPESP – 20 anos de inovação* n. 262, dez. 2017 *apud* DELEGE, 2019, p.129).

Diante dessa contextualização, passando por três décadas, podemos começar a apontar os principais avanços relativos à conexão de rede. Se em 1980 a internet tinha seu

uso restrito a grandes computadores ligados a cabo ou por redes telefônicas, em 1990 a conexão chega ao grande público, vinculando conteúdos textuais a imagens, músicas e outras modalidades. É nessa junção multimodal que está o diferencial e a consequente popularização da WWW.

No início dos anos 2000, vimos a incorporação massiva dos meios de comunicação digitais em diversas esferas: política, econômica, social, cultural e artística. Esses acontecimentos temporais, datados, são importantes para esta pesquisa por elucidar que nem sempre o computador pessoal e a internet estiveram interligados. No entanto, a partir do momento em que convergem, dão origem a diversos processos evolutivos ramificados (PEREIRA, 2014).

Tabela 4 - Panorama dos Editoriais publicados na Texto Digital entre 2006 e 2010

Ano/Volum	Autor	Ênfase contextual
2006 – V. 1	Alamir Aquino Corrêa	Revistas eletrônicas como novidade
2006 – V.2	Saulo Brandão	Amadurecimento dos pesquisadores
2007 – V.1	Enrique V. Nuesch	Relação das produções com o mundo digital
2007 – V. 2	Cristiano Sales	Reafirma o intuito da revista
2008 – V. 1	Deise Freitas	100 anos da morte de Machado de Assis
2008 – V. 2	Cristiano Sales	Superação da novidade do digital
2009 – V. 1	Cristiano Sales	Edição especial – Homenagem a Tipor Pappi
2009 – V. 2	Cristiano Sales	Busca de crítica literária por meio da criação
2010 – V. 1	Cristiano Sales	Ser digital e nascer para o digital já não é uma questão
2010 – V. 2	Tecia Vailati	Dossiê especial sobre Cânone

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 5 - Panorama dos Editoriais publicados na Texto Digital entre 2011 e 2018

Ano/Volume	Autor	Ênfase contextual
2011 – V.1	Parceria Universidade Complutense de Madri	Abertura do “ciclo” com o estabelecimento de parcerias internacionais.
2011 – V. 2	Everton V. de Santa	Linguagem de funcionamento do Google
2012 – V. 1	Everton V. de Santa	Dossiê Universidade Complutense de Madrid
2012 – V. 2	Everton V. de Santa	Dossiê U.E.G e Universidade Fernando Pessoa. Retoma a centralidade da literatura e do meio digital
2013 – V.1	Everton V. de Santa	Dossiê centrado na questão do arquivo na contemporaneidade
2013 – V.2	Everton V. de Santa	Intermedialidade na literatura
2014 – V.1	Everton V. de Santa	Revisão de conceitos canônicos
2014 – V. 2	Isabela Sandoval	Leitura no meio digital. Arquivos na Web. Rede sociais – Facebook
2015 – V. 1	Everton V. de Santa Giovanna di Rosario	Processo de massificação da internet. Retoma a proposta do Nupill.
2015 – V. 2	Everton V. de Santa	20 anos do processo de massificação da internet
2016 – V. 1	Editorial Inacessível	
2016 – V. 2	Claudio A. Carvalho Moura	Leitura analítica de criações digitais
2017 – V. 1	Carlos Alberto Antunes Maciel	22 anos do Nupill
2017 – V. 2	Isabela Melim Borges	Trabalhos sobre repositórios digitais
2018 – V. 1	Texto Digital	Relação entre estética e tecnologia
2018 – V. 2	Alckmar Luiz dos Santos.	Homenagem a Wilton Azevedo

Como já dito, a Texto Digital surge e se consolida no mundo emergente das redes sociais, sendo este universo também parte de sua história. Por meio de uma breve busca, podemos ver que a primeira rede social (digital) foi lançada nos Estados Unidos em 1997, uma plataforma chamada *SixDegrees*. Posteriormente a essa rede, que acumulou cerca de 3,5 milhões de usuários, foi lançado o *ICQ*, que no seu ápice teve 1 milhão de usuários. Nos anos 2000, o MSN fez um sucesso significativo por conta da possibilidade de envio de *emoticon*, criando uma interface amigável.

É importante assinalar que a primeira década do século XX deu espaço ao surgimento de *blogs* pessoais. Entre 2000 e 2006, fizeram "sucesso" plataformas como *Myspace* e *SecondLife*⁴⁶. Sobre essas duas últimas plataformas, que permitem a criação

⁴⁶ A artista digital Belen Gache empreendeu diversos experimentos performáticos utilizando a plataforma/jogo/rede social *SecondLife*. O último experimento da artista em *SecondLife* foi apresentado em 2020 e se chama “*Cómo explicar la poesía electrónica a una liebre digital*”. O vídeo que, como o título sugere, é uma performance da própria autora explicando a poesia digital para uma lebre, foi apresentado na “*Fiesta del libro y de la rosa*”, realizado pela *Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM*.

de mundos virtuais, é importante dizer que elas deram espaço para a produção de literatura digital. É em 2004 que o *Orkut* chega no Brasil e se estabelece como a alternativa mais acessada até que, em 2012, o *Facebook* se populariza no país e coopta 95% dos usuários do *Orkut*. Gerfried Stocker (2014) coloca a explosão maciça das mídias sociais como sendo uma das fortes características da terceira fase de consolidação das redes, que está periodicamente localizada nas primeiras décadas do século XXI. Estas interferem significativamente no domínio dos meios de comunicação, concentrando a difusão (antes descentralizada) de informações. Essa discussão é ampla e perpassa diversas questões, que vão desde o poder dos dados até o uso massivo que tem culminado no vício das redes (LANIER, 2018). Giselle Beiguelman (2014), ao pautar essas discussões, enfatiza o problema do domínio de dados por plataformas como *Facebook e Youtube*, questionando a transitoriedade das redes e a perda de domínio sobre nossa(s) própria(s) memória(s).

As redes sociais não serão eternas, e é possível que não comemorem os vinte anos do Facebook. Outros dispositivos certamente virão. Mas no tempo da apropriação corporativa da memória, em que o capital afetivo de nossas relações pessoais – exagero dizer “amizades”, certo? – flui pelos canais existentes do império de Mark Zuckerberg, parece urgente perguntar: onde ficaram as memórias que deixamos nas comunidades do Orkut (a “velha” rede todo-poderosa do Google)? É hora de pensar nisso, ou salve-se quem puder. (BEIGUELMAN, 2014, p.25).

A *Texto Digital* começa sua história em 2004, ano de lançamento do *facebook*, e de certo modo, acompanha o desenvolvimento da internet e das redes sociais no Brasil. No primeiro editorial, publicado em 2006, são mencionadas as redes sociais *Orkut* e *MSN* como sendo um novo espaço de encontro para trocas entre atores do campo artístico.

Nossas comunidades à moda das antigas vilas organizam-se em até alguns milhares de contatos no Orkut, mas em geral ficam pequenas no limite de 300 amigos no MSN Messenger. Buscamos incessantemente conectarmo-nos a outros, e com certeza deixamos de olhar com um sorriso de bom dia o nosso vizinho de porta, ao descermos no mesmo elevador os infinitos dois andares que nos separam do solo. (CORREA, 2006, s/p).

Ainda no mesmo editorial, a questão da revista em meio digital/eletrônico é posta como uma novidade, promovendo uma reflexão sobre o texto sem cheiro de papel. A materialidade na qual já circulava a divulgação científica, portanto, já esteve em questões e foi objeto de estranhamento por parte da crítica.

Um grande marco tecnológico que obrigatoriamente precisa ser pautado em nosso percurso é o momento em que a conexão de rede converge com o telefone móvel dando origem ao *smartphone*. O primeiro celular com acesso à internet no mundo foi um *Nokia*⁴⁷, em 1996. A questão é que esse fato não reflete diretamente em acessibilidade e democratização, já que o custo foi altíssimo. Isso que fez com que os celulares com internet só se popularizassem anos mais tarde.

A história do celular se desenvolve paralelamente a outras técnicas. Lançado em 2002, o primeiro *smartphone* recebeu o nome de *BlackBerry* e dava a seus usuários a possibilidade de envio de e-mails, mas ainda não contava com câmeras e alto-falantes. Ainda em 2002 é lançado um aparelho com câmera.

Nesse contexto de irrupção tecnológica, na segunda edição de 2006, o editorial de autoria de Saulo Brandão aponta para um amadurecimento dos pesquisadores, dando como superada a questão da morte do livro – tema de discussão de trabalhos publicados em 2004, ano da primeira edição do periódico e, assim marca que a revista já encorpou o digital.

As mudanças nos assuntos e abordagens que constatei indicam, a meu ver, que um rol de pesquisadores venceu a fase inicial da novidade, deram um passo à frente, e agora partem para fazer pesquisas muito sérias sobre as relações entre o computador e o texto. Isso fez com que a *Texto Digital* ganhasse muito, também, e ficou claro que o pesquisador que queira se enveredar pelos caminhos de interesse da revista e publicar nela tem que se apresentar com um trabalho aprofundado e bem formulado. (BRANDÃO, 2006, s/p).

Em 2007 a *Apple* lançou o primeiro *Iphone* com *touchscreen* – estratégia que revolucionou o uso de teclado e contribuiu para o uso massivo de serviços aplicativos. Também nesse ano, o segundo número da revista traz um editorial produzido por Cristiano Sales no qual o propósito (discutir a literatura na sua relação com a digitalidade) da *Texto Digital* é reafirmado. Nessa edição, temos um índice baixo de publicações teóricas e uma presença relativamente mais ampla de *criações digitais*. Um aplicativo importante intrinsecamente relacionado ao *Smartphone* é o *Whatsapp*. O aplicativo de mensagem, lançado em 2009, promoveu a troca de mensagens de maneira ainda mais ágil queo *SMS*. Atualmente o *app* funciona como uma rede e permite a criação de grupos, postagens de fotos no *status* e chamadas de áudio e vídeo em grupo. Dado aos avanços

⁴⁷ Informação disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/celular/85491-primeiro-celular-mundo-internet-video.htm> Acesso em: 26/06/2020

tecnológicos e consequente o aumento das experimentações literárias pautando o digital os dois editoriais de 2009 reiteram a necessidade de uma crítica por meio da criação.

Seguindo o percurso temporal, em 2008 comemorou-se 100 anos da morte de Machado de Assis, fato que foi marcado no editorial de modo a reiterar que o caráter de experimentação da revista mantém um diálogo com a tradição.

Ainda em 2008, no segundo número da revista, temos novamente um editorial produzido por Cristiano Sales que traz para *Texto Digital* a identidade de uma revista que já não se justifica, “mas que vai direto ao assunto”. Os trabalhos publicados na segunda edição de 2008 mostram que a tecnologia já não está em questão como novidade, mas como possibilidade de novos entendimentos, isto é, pautam criticamente os “efeitos” provocados pelas novas mídias, e não mais seu surgimento.

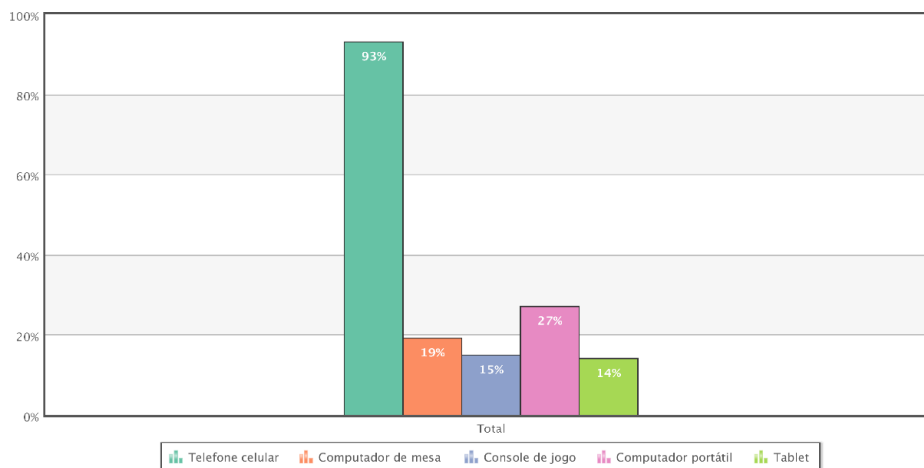
Ir direto ao assunto; não mais perguntar se os textos e as criações digitais têm o seu lugar; olhar para essa diferente materialização da escrita e perceber que algo deve ser analisado; arregaçar as mangas e fazer. A sétima edição da *Texto Digital* se apresenta com essa cara e vontade. Muito nos anima perceber que os textos aqui linkados se comprometem, de fato, com a reflexão e com a consequente elaboração crítica acerca dos escritos digitais, sejam estes utilizados como ferramentas de projeção e difusão no espaço virtual ou mesmo utilizados como proponentes estéticos. Outra razão de ânimo é notar mais uma vez que diferentes áreas do conhecimento se aproximam para refletir o mesmo assunto. (SALES, 2008, s/p).

Na virada da década, 2010, empresas como a *Samsung*, a *LG* e a *Nokia* concorrem com a *Apple* lançando seus *smartphones* com cada vez mais recursos e funcionalidades. Pensar essas informações em paralelo com o avanço das redes sociais é importante, pois o *Instagram*, uma rede social programada em forma de aplicativo *a priori* para celular, foi lançado em 2010. Considerar o surgimento e a propagação do *smartphone* é importante porque o aparelho carrega consigo praticamente todas as funcionalidades que poderiam ser empreendidas pelos computadores. Em determinados casos, tornam-se aparelhos mais úteis e ágeis, como no caso do uso do *Instagram*, cujo potencial é melhor explorado no celular. O Brasil tem atualmente 134 milhões⁴⁸ de pessoas conectadas à rede, mas a maioria só acessa a internet pelo celular. Dado que se confirma com base na pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) de 2018. Dito isso, mencionamos o fato de que há pacotes de

⁴⁸Dados da pesquisa: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>

internet que dão acesso ao *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, fazendo-nos questionar o que significa “estar na internet” para grande parcela da população.

Gráfico 7 - Domicílios que possuem equipamentos de TIC



Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Em 2010, marco tecnológico importante devido ao surgimento do *smartphone*, a revista migra para a plataforma *Seer*, espaço no qual esteve alocada até 2020. Especificamente no editorial de 2010, chama a atenção o fato de ser digital e nascer para o meio digital não ser uma questão. *A Texto Digital* coloca essa questão no momento de consolidação das mídias digitais, o que mais uma vez confirma que a revista caminha no compasso tecnológico. No segundo semestre de 2010, realiza-se um dossiê sobre o cânone, derivado de trabalhos apresentado em um evento científico.

O editorial⁴⁹ da edição de 2011 evidencia que a edição é resultado de uma parceria com a Universidade Complutense de Madrid, marcando a presença de trabalhos internacionais na revista. O dossiê *Literatura digital en Español* aponta para uma diversidade de trabalhos que nos ajuda a estabelecer parâmetros de aproximações e diferenciações. As duas edições de 2012 também contam com dossiês que trazem para o centro do debate a produção e a crítica de outros países.

Os editoriais de 2013 representam o amadurecimento das discussões propostas pelos pesquisadores, centrando-se em torno de questões fundamentais para a compreensão da literatura digital: arquivo, intermedialidade na literatura e poesia em trânsito. Já em 2014, a centralidade temática está na revisão de conceitos canônicos para

⁴⁹ O editorial do segundo semestre de 2011 não tem assinatura e apenas menciona o Google como fator de significância para esta pesquisa.

que se possa pensar a literatura digital. Inaugura-se a seção *conversa com criadores* brasileiro, mas a iniciativa não tem continuidade. Na segunda edição desse mesmo ano, a questão do arquivo e da arte na Web entra em pauta, trazendo menções a redes sociais como o *Facebook*.

O acesso à internet, o uso massivo de redes sociais e as mudanças ocasionadas no paradigma social, político e econômico fizeram com que fosse necessária a criação do Marco Civil da internet⁵⁰. O projeto de lei, que é de 2014, foi aprovado ainda no governo da Presidenta Dilma Rousseff. O objetivo era regulamentar o acesso e o uso da internet no Brasil, garantindo aos usuários proteção da privacidade e dos dados pessoais.

Em 2015 o editorial marca uma dupla comemoração 20 anos de processo de massificação da internet e aniversário do Núcleo de pesquisa em informática, linguística e literatura. Esse dado mostra mais uma vez que a *Texto Digital* responde e alimenta o contexto tecnológico. Entre 2016 e 2018 esteve em discussão nos editoriais da revista a questão dos arquivos digitais, avançando no tange à memória do digital. Se no primeiro número da revista tivemos como pauta a digitalização do acervo, em 2017 o que entra em cena é a constituição de repositórios digitais.

Por meio dos dados apresentados, buscamos detalhar os fundamentos básicos da origem e do desenvolvimento do computador e da internet. Essa fração da história das técnicas tem um valor significativo quando orientada para a compreensão dos acontecimentos tecnológicos que ganharam relevância nos editoriais da *Texto Digital*. O entrelaçamento entre os principais acontecimentos tecnológicos e os editoriais cancelam **a correlação** entre os índices de publicação do periódico corresponderem a questões de ordem técnica. Os textos dos editoriais se converteram em uma forma de rastrear as discussões críticas que permearam cada edição, especificidade essa que se justifica pela “periodicidade, que lhes permite estar em contato com a atualidade, informar, mas, também, ensaiar e modular reflexões.” (RAGUENET, 2011, p.110). O paradigma crítico presente nos editoriais nos informa a correlação entre literatura e técnica - na multiplicidade reservada às tecnologias digitais. Isso posto, explicitaremos de maneira resumida como essa correlação está posta nos editoriais.

⁵⁰ O texto legislativo pode ser consultado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Texto digital* mostra que, para a construção de uma nova prática literária, são fundamentais o intercâmbio de ideias e a partilha de espaço. Esse gesto coloca em questão uma concepção de literatura amparada em uma prática ativa. Dessa forma, finalizamos este trabalho sublinhando a definição de crítica literária empreendida por Cristiano Aguiar (2018, p.6):

Qualquer definição essencialista ou dogmática de crítica literária não leva em consideração o fato incontornável de que a crítica, antes do que uma teoria, é uma prática e, como todas as atividades humanas, desenvolve-se numa dinâmica histórica de acordo com necessidades e demandas circunstanciais e contingentes. A crítica, como a própria literatura, não é, mas se faz. (AGUIAR, 2018, p.6).

Concordamos com Cristiano Aguiar (2018) e apontamos que a noção de literatura que discutimos no primeiro capítulo deste trabalho se estende para a noção de crítica empreendida pela *Texto Digital*. Nossa primeira inferência, em termos de conclusão, confirma que as instâncias do literário são atividades codependentes. Se nos ancoramos em uma perspectiva não essencialista do literário enquanto objeto artístico, essa mesma perspectiva deve se estender para todos os outros fatores literários (EVEN-ZOHAR, 2017) que constituem a cena. Há um processo de retroalimentação que acaba contribuindo para um entendimento mais amplo dos diversos mecanismos que movimentam uma determinada cena literária, transformando-a em um circuito. No caso específico da crítica de literatura digital brasileira, estamos vendo o movimento de constituição do circuito no compasso da sua formação, o que configura a produção da memória da literatura digital.

Além disso, as revistas são produtoras de memória. Elas constituem também fontes de redescoberta. Elas garantem a função de barqueiro que leva e traz, revalorizam e reabilitam as figuras esquecidas da história, releem os antigos para manter com eles um diálogo ativo que modifique a recepção e a criação. Espaços de memória viva, instrumentos de resistência contra o esquecimento, elas determinam a literatura por vir. (RAGUENET, 2011, p. 111).

Durante esse processo de estudo da *Texto Digital*, buscamos repensar o cânone literário, na tentativa de ampliar as possibilidades de leitura e análise de objetos artísticos. Lidamos ainda com o limite do nosso corpus analítico, que não corresponde diretamente a uma ideia do que é compreendido como literatura nos espaços canônicos.

Ainda assim, pudemos refletir sobre como tanto as nossas metodologias quanto as dos críticos de literatura digital brasileira necessitam de novas ferramentas, propondo estratégias de análises que estão para além do texto. Qualquer virada metodológica dentro da crítica literária acaba causando incômodo e, nesse sentido, foi essencial contar com os atributos teóricos fornecidos pelas reflexões teóricas de Itamar Even-Zohar (2017), que nos permitiu trabalhar na iminência das regras limitantes da academia.

Descrevendo a *Texto Digital*, apontamos os modos como se constitui as articulações entre os atores de um campo em formação. No âmbito das criações digitais pudemos evidenciar que a grande ênfase na circulação. No que diz respeito aos artigos constatamos que as articulações se dão em diferentes níveis: análise, menção a pesquisadores e estabelecimentos de parceria.

Uma das propostas iniciais deste trabalho era encontrar uma metalinguagem crítica que pudesse sustentar as análises e categorizações de objetos digitais, durante o processo de pesquisa percebemos incertezas e até mesmo uma escassez no tange categorias analíticas. Esse processo nos fez entender que em seu contexto de formação a literatura digital não corresponde as mesmas regras de pesquisa e análise de literaturas já consolidadas. Desse modo, ao invés de encontrar categorias analíticas e ferramentas de análise para objetos digitais, o que destacamos foi o estado de um campo não consolidado e, por tanto, dissonante.

As revistas, de fato, estão essencialmente voltadas para as literaturas experimentais, abertas às audácias e às transgressões que são alvo de censuras. Servindo como ferramentas para os produtores, elas constituem espaços inéditos de publicação que asseguram uma função de apoio às escritas inovadoras das quais elas são os órgãos de difusão e de legitimação. Também exercem um papel fundamental de difusão à margem dos circuitos editoriais oficiais, sendo, assim, capazes de opor uma alternativa ao sistema dominante, às leis, aos valores e às censuras do mercado. Impelidas por uma preocupação de defesa, de luta, de independência, elas também garantem a si mesmas um papel indispensável de descobridora. (RAGUENET, 2012, p.109).

Figura 10 – Notícia do lançamento do Atlas da literatura digital brasileira



A título de atualização. Abrimos este texto com os dados do site provisório *Atlas de literatura brasileira*. Durante o desenvolvimento da pesquisa foi lançado o site do projeto *Observatório da literatura digital brasileira* cujo acervo foi denominado Atlas – uma homenagem e uma forma de manter a memória e os processos do projeto vivos.

6 REFERÊNCIAS

AARSETH, E. J. **Cybertext: perspectives on ergodic literature**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

ABREU, Karen Cristina Kraemer (2009) **História e usos da Internet**. Biblioteca on-line de Ciência da Comunicação.

AGUIAR, C. Apresentação: A marca da pluralidade no debate crítico contemporâneo. A crítica literária e o seu lugar no debate público de ideias, **Série E-books ABRALIC**, 2018.

ANTONIO, J. L. **Poesia digital: teoria, história, antologias**. Navegar Editora, 2010.

ATHAYDE, M. A. Prose of the World: Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht sobre o seu novo livro. *Texto Poético*, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 270–288, 2021. DOI: 10.25094/rtp.2021n32a775.

BARBOSA, João. CRIAÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIA. *Via Atlântica*, p.113. 2006.

BEIGUELMAN, G.; MAGALHÃES, A. G. **Futuros possíveis: artes, museus e arquivos digitais**. São Paulo: EDUSP/FAPESP/Itaú Cultural/Peirópolis, 2014.

BORGES, P. D. V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, v. 3, n. 1, p. 94-109, 11.

BORRÁS, Castanyer, Laura. *La Literatura Digital Bajo el Estigma de la Comparación*. Alicante, España: Quinta Impresión, S. L, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. 1996. São Paulo: Companhia das Letras, 432p.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CANCLINI, N. G. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: EDUSP, 2016.

CARDI, Marilza de Lourdes. **Evolução da computação no Brasil e sua relação com fatos internacionais**. 2002. Dissertação. Curso de Ciência da Computação, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro. Do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CRESWELL, John. **Projetos de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DALCASTAGNE, Regina. A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos: uma aproximação inicial. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 54, p. 195-209, ago. 2018.

DALCASTAGNÊ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 26, p. 13-71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 21 maio. 2021

DELEGE, Marina. **Um estudo cenográfico da “ciência” divulgada na revista pesquisa FAPESP**. (Dissertação). Mestrado em Linguística/UFSCar, 2019

DIAS, Arthur Souza. **Laurenço mutarelli, a imagem e a palavra: concepções pós-autônomas sobre quadrinhos e literatura**. (Dissertação). Mestrado em Estudos de Literatura/UFSCar, 2018.

DE SANTA, Everton Vinícius; DI ROSARIO, Giovanna. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 1-3, jul. 2015. ISSN 1807-9288.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269p.

ESTEVIÃO, Natália Cristina. **Escritas em movimento: o entrecruzamento de meios nos textos de Ismael Caneppele** (Dissertação). Mestrado em Estudos de Literatura/UFSCar, 2017.

FLORES, Leonardo. **Literatura Electrónica: géneros y genealogías**. Comunicação Oral. XLII Congresso IILI. Bogotá, jun/2018.

_____. (2016). **Géneros literarios digitales: primera parte**. 80 Grados. Disponível em: <http://www.80grados.net/generos-literarios-digitales-primera-parte/>.

_____. (2017). **Géneros literarios digitales: segunda parte**. 80 Grados. Disponível em: <http://www.80grados.net/generos-literarios-digitales-segunda-parte/>.

_____. Third Generation Electronic Literature. **Book Review**, April 7, 2019, <https://doi.org/10.7273/axyj-3574>.

Flores, L. (2021). Literatura Eletrônica de Terceira Geração. *DAT Journal*, 6 (1), 355-371. <https://doi.org/10.29147/dat.v6i1.346>

GAINZA C., Carolina Campos literarios emergentes: literatura digital en América Latina. **Estudios Avanzados**. 2014, (22), 29-43. ISSN: 0718-5022.

_____. Literatura chilena en digital: mapas, estéticas y conceptualizaciones. **Rev. chil. lit.**, Santiago, n. 94, p. 233-256, dic. 2016.

_____. Narrativas y poéticas digitales en América latina. Producción literaria en el capitalismo informacional. Santiago de Chile: Ed. Cuarto Propio. 2018.

GUERCI DE SIUFI, Beatriz LA PREGUNTA COMO SOPORTE DE UN PENSAMIENTO CRÍTICO LOCALIZADO. Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Jujuy. 2008; (35):23-37. [fecha de Consulta 9 de Marzo de 2021]. ISSN: 0327-1471. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=185/18512511003>

HAYLES, Katherine. **Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário**. Passo Fundo: UPF/São Paulo: Global, 2009.

HENNING, Vinícius Rutes. Entrevista com Rejane Cristina Rocha, coordenadora do projeto “Repositório da Literatura Digital Brasileira”. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 32, 2019.

JOBIM, José Luís. **Literatura e informática**/José Luís Jobim (org.). – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

JOHNSON, Steven. Cultura da Interface: Como o Computador Transforma nossa Maneira de Criar e Comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KOZAK, Cláudia. Comunidades experimentales y literatura digital en Latinoamérica. **Virtualis**, 2018.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos pra vc deletar agora suas redes sociais**. Trad. Bruno Casottu. São Paulo: Intrínseca, 2018.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAGALHÃES, A.G. Considerações para uma análise histórico-crítica da catalogação de acervos artísticos. In: BEIGUELMAN, G. Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais. São Paulo: EDUSP, 2014.p.(34)- (45).

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**. Trad. Oscar Fontodrona. Barcelona: Paidós, 2005.

_____. Generation Flash. 2002. Disponível em: http://manovich.net/content/04-projects/038-generation-flash/35_article_2002.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

MARTINO, Luis Mauro Sa. **Teorias das mídias Digitais. Linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, Vozes: 2014. 291 p.

MENEZES, Taciana Gava. Augusto de Campos entre dois séculos: poeta concreto e digital. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Trad. de Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago, 2008.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck**. Trad. Elissa Khoury Daher. São Paulo: UNESP, 2003.

PEREIRA, Lucas de Almeida. Os primórdios da informatização no Brasil: o "período paulista" visto pela ótica da imprensa. **História**, Franca, v. 33, n. 2, p. 408-422, Dec. 2014.

PERLOFF, Marjorie. **O gênio não original**. Poesia por outros meios no novo século. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

ROCHA, Rejane Cristina. Além do livro: literatura e novas mídias. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 11-17, 6 jan. 2016.

_____. Em que páginas você lê? Aspectos da leitura na contemporaneidade digital. In: HOSSNE, Andrea Saad; NAKAGOME, Patrícia Trindade. (Org.). *Leitores e leituras na contemporaneidade*. Araraquara: Letraria, 2019.

_____. 1, 2, 3...testando: Literatura digital, no Brasil, hoje. In: SOARES, Leonardo. *Interfaces: literatura, artes e mídia*. Uberlândia: EDUFU. (no prelo).

_____. Contribuições para uma reflexão sobre a literatura no contexto digital. **Revista da ANPOLL**, n. 36, 2014.

_____. A literatura no contexto digital: desafio ao literário. Pós doutoramento (relatório), 2018.

_____. Literatura digital. In A. E. Ribeiro, & C. A. Cabral. *Tarefas da Edição: pequena mediapédia* (p. 80-84). Belo Horizonte, MG: LED/Impressões de Minas, 2020.

Rocha, Rejane Cristina; AMÂNCIO, Nair Renata. (2021). Navegar é (im)preciso: uma leitura do romance hipertextual Terminal. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, 43(1), e57401. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v43i1.57401>

ROCHA, Rejane Cristina; AMÂNCIO, Nair Renata. A compreensão e a legitimação da literatura digital brasileira: o caso da revista Texto Digital. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 123-136, ago. 2019

RODRIGUES, Nuno. (2015). DONNA HARAWAY E A PROPOSTA DE CONHECIMENTOS SITUADOS. **LES Online**. 7. 26-38.

RAGUENET, Sandra. Dos usos e funções das revistas literárias à intermedialidade inovadora de Banana Split. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 108-127, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2011000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 maio2021. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2011000100007>.

REVISTA TEXTO DIGITAL. 2004-2018, 15 Volumes. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital>. Consultada em 24 de janeiro de 2020.

SALGADO, Luciana. A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais, 2021.

SALGADO, L. S.; ANTAS JÚNIOR, R. M. A criação num “mundo sem fronteiras”: paratopia no período técnico-científico informacional. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 33, n. 2, p. 259-270, 8 ago. 2011

SALGADO, L.S.; TADEU, O.J; Oliva. A produção de uma intimidade ubíqua, esteio da fratura social. **Discurso & Sociedade**, V. 13, n 3, p.432 -448, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, EDUSP: 2006.

STOCKER, G. **Além dos arquivos**. In: BEIGUELMAN, G. Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais. São Paulo: EDUSP, 2014.p.(46) - (65).

VELLOSILLO, A.V. **Estratégias de conservação e humanidades digitais**. In: BEIGUELMAN, G. Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais. São Paulo: EDUSP, 2014.

Editoriais:

AQUINO, Correa A. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 2, n. 1, nov. 2006.

BRANDÃO, Saulo. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 2, n. 2, nov. 2006.

NUESCH, Henrique V. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 1, n 3, abril. 2007.

SALES, Cristiano. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 2, n 3, nov. 2007.

FREITAS, Deise J. Editorial, **Texto Digital**, Florianópolis, v. 1, n 4, ago. 2008.

SALES, Cristiano. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 4, jun. 2008.

SALES, Cristiano. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 5, jun. 2009.

SALES, Cristiano. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 5, nov. 2009.

SALES, Cristiano. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 6, jun. 2010.

VAILATI, Tecia. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 6, nov. 2010.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 7, jun. 2011.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 7, nov. 2011.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 8, jun. 2012.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 8, nov. 2012.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 9, jun. 2013.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 9, dez. 2013.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 10, ago. 2014.

SANDOVAL, Isabela. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V. 2, n 10, dez. 2014.

ROSARIO, GIOVANNA. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V. 1, n 11, ago. 2015.

SANTA, Vinicius E. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 11, dez. 2015.

TEXTO DIGITAL. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 12, set. 2016.

MOURA, Cláudio A, C. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 12, dez. 2016.

MACIEL, CARLOS, A. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V1, n 13, ago. 2017.

BORGES, Isabela M. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 13, dez. 2017.

TEXTO DIGITAL. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.1, n 14, ago, 2018.

SANTOS, Alckmar. Editorial. **Texto Digital**, Florianópolis. V.2, n 14, dez, 2018.

